

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Amadeu Amaral

N. 63
MARÇO
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

SUMMARIO

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----|
| PASTORAL, poema | <i>Martins Fontes</i> | 193 |
| NA TERRA DE PAULO E VIRGINIA | <i>Arthur Neiva</i> | 209 |
| <small>(do Instituto Oswaldo Cruz)</small> | | |
| POESIA DO POVO E POESIA PARA O POVO | <i>Bettencourt Rodrigues</i> | 218 |
| O ENSINO DA CHIMICA | <i>Geraldo de Paula Sousa</i> | 224 |
| <small>(do Inst. de Hyg. de S. Paulo)</small> | | |
| VILA DE TANZOLO, poesia | <i>Magalhães de Azeredo</i> | 229 |
| <small>(da Academia Brasileira)</small> | | |
| DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE A QUEDA DO GABINETE ITABORAHY | <i>J. W. de Araujo Pinho</i> | 233 |
| <small>(do Inst. Historico da Bahia)</small> | | |
| A PERFEIÇÃO | <i>Zeferino Galvão</i> | 244 |
| <small>(da Academia Pernambucana)</small> | | |
| ACADEMIA BRASILEIRA: Visc. de Taunay (com retrato) | <i>Arthur Motta</i> | 250 |
| BIBLIOGRAPHIA | <i>Brenno Ferraz</i> | 260 |
| | <i>Monteiro Lobato</i> | 260 |
| DEBATES E PESQUIZAS: — "Vocabulario Zoologico", <i>R. von Ihering</i> . — "Os ciganos brasileiros", <i>A. de Oliveira e Sousa</i> . — "O Muchirão em S. Paulo e Estados vizinhos", <i>Cornelio Pires</i> . — "Rol de bandeirantes", <i>Af-</i> | | |

(Continua no verso)

S. PAULO.

1921.

RIO.

REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000; EXTRANGEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

Jonso d'E. Taunay. - "Em torno de D. Pedro II", *C. A.* - "O Constitucionalismo portuguez de 1820", *Viriato Correia.* - "As mulheres literatas", *Magalhães de Azeredo.* - "Uma Sociedade de hispanisantes", *Fidelino de Figueiredo* 263

RESENHA DO MEZ: - Academia Brasileira. - Enfermidades da lingua. - Francisca Julia. - Dr. Arthur Neiva. - Dicionario do Brasil. - A Arte do Livro. - Wenceslau de Queiroz. - Movimento editorial 273

NOTAS DO EXTERIOR: - Premio Goncourt. - Estatistica literaria. - Dostoiewski pintado por sua filha. - Verhaeren. - Homenagens a Verlaine. - Commemoração de Bossuet. - A escola salubre. - A educação utilitaria 281

CARICATURAS DO MEZ 286

GRAVURAS (fóra do texto) - Quatro desenhos do artista pernambucano Vicente do Rego Monteiro.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. - "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO - Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 - Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. - Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO - Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO - CAIXA POSTAL N.º 1724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Deffluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Toscas rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO - Rua General Camara, 225. Sob. -- Rio de Janeiro



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



VISITAE SEM COMPROMISSO DE COMPRAS, AS

Galerias Edison

S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55

CENTRAL 2131

Gustavo Figner

A maior Casa, existente no Brasil, em artigos para presentes, — c nco andares repletos das ultimas novidades, s-rvidos por confortavel elevador e Telephone em todas as secções.

OBJECTOS

DE ARTE

FANTASIA

BIBELOTS

de Prata,
Metal, Bronze,
Marmore,
Seda, Couro,
Misangas,
Pintura a oleo
etc.



GRAFONOLA

VICTROLAS

DISCOS

NOVIDADES

Lampadas
electricas
portateis e de
bolso. Artigos
de vime, de
viagem e de
Sport.

Perfumarias finas e artigos para toilette

Extractos, Loções, Agua de Colonia, Cremes, Pós de Arroz, Talcos, De Coty, Arys, Theullier, Legrand, Gu rlain, R. g r et Gall: t, Atkinson, Erasmic, Colgate, Lazell, Williams, D'Orsay, e de outras mais procuradas marcas francezas e inglezas, além de muitas acreditadas nacionaes. Completa esta secção um grande sortimento de artigos hygienicos e de belleza feminina, e artigos de manicure e de costura. — Preços mais modicos.

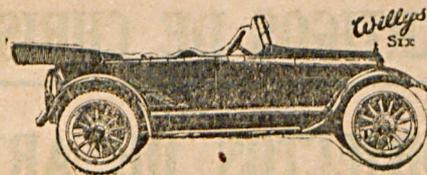
BRINQUEDOS - Automoveis, bicycletas, voadores e outros vehiculos para creanças e bebés.

Ultimas Novidades — Preços Excepcionaes

Galerias Edison — Rua 15 de Novembro, 55 — GUSTAVO FIGNER

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

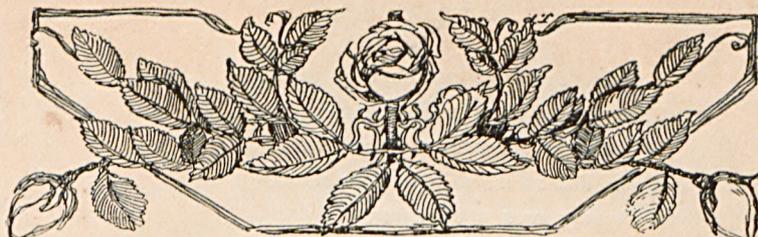
O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO





PASTORAL

POR MARTINS FONTES

OUTONO, outono, outono !
*Bucolica e benefica estação,
Em que os galhos das arvores estão
Carregados de frutos amarellos,
Mas tão maduros, tão bellos,
Que dentro das folhagens,
Em languido abandono,
Oscillando ao bafejo das aragens,
Parecem lâmpadas, ás vezes,
Accesos globulos chineses,
Pequeninas lanternas do Japão !
Oùtono, outono !
Rolam as folhas mortas pelo chão,
Rodopiando ao vento,
Bailando ainda um momento,
Antes de irem dormir o ultimo somno.
Em longas espiraes,
Ennovelando os véus,
Sobem os fumos dos casaes,
Rumo dos céus.
Outono, outono !*



*Bemdito sejas tu, quando a fartura
Torna os celeiros repletos,
E á alegria das cousas se mistura
A paz dos seres, no calor dos tectos.
Na minha casa á beiramar,
Na solidão amavel do meu lar,
Na chacara feliz em que trabalho e sonho,
Sob a verdura do sombral risonho
Do meu jardim-vergel,
Cercado dos amigos e parentes,
Todos sadios e contentes,
Faço meus versos como as roseiras
Fazem a fiôr,
Como as abelhas fazem o mel.
Neste recanto
De puro amor,
Provando o encanto
Das amizades verdadeiras,
Daquellas que, á medida que envelhecem,
Mais perfumadas nos parecem,
Contemplo, á luz crepuscular,
A paisagem do outono, á beiramar.
Em oiro tépido o céu arde,
Emmoldurando a tarde.
O dia morre, triste e doce,
Como si, acaso, o poente fosse.
Por entre lagrimas, um beijo.
E eu a sonhar,
Como um pastor antigo,
Julgo que os verdugaes do meu pomar
São campos ruivos de milho ou trigo,
E o poeta que os possue é um zagal que costuma
Passar a vida á porta da choupana,
Com uma flauta nos labios, a cantar.
Flauta de barro ou dupla cana,
Revestida de cera tão cheirosa,
Que, ao ser soprada, a musica perfuma.*



*E assim sonhando,
Ao som da avena, suspirando,
Sinto a melancolia
Religiosa
Do entardecer.
Vejo,
Como nos contos da mythologia,
Que a agua verde do mar simula um prado immenso
E, com georgico prazer,
Penso
Que as ondas são carneiradas,
Pascendo, pastoreadas
Por Glauco, que as conduz a longinquas areias
Modulando num buzio a canção das sereias.
Nas nuvens de oiro do poente,
Deslumbradoramente,
Sobre multiplos themes primitivos,
Formam-se fulvos quadros-vivos,
Que lampejam, cambiam, fulgurecem,
Numa continua mutação de côres,
Como sobre o crystal de amplissimos espelhos,
Rescentelhantes, rutilos, vermelhos,
Inesperadas scenas apparecem,
E se apagam, por entre resplendores.*

*Agora o quadro mostra a volta triumphal
De Baccho, ao vir das Indias, sobre o throno
De um tonel, de onde o vinho escorre a flux,
Celebrando na Grecia a saturnal
Do outono !
Rodeado de milhões de capros e silvanos,
Faunos cornutos, satyros maganos,
Engrinaldados de racimos e de parras,
Brandindo thyrsos, no esplendor da luz !
Nú e nedio, no bando*

*Das Menades, Ogygias e Bacchantes,
Bessarides, Edonides, Evantes,
Mimalonas e Thyades,
Trieterides, Euhyades,
Ao retumbar de castanhetas e de guisos,
De zabumbas e fanfarras,
De timbales retinindo
E de assovios zuindo,
Entre ecoantes barbarizos,
Algazarras,
Baccho bendiz o ubre da Terra
Maternal,
A cantar
O vinho, sangue que seu corpo encerra,
Plasma outonal,
Seiva solar!
Eia! Evoé!
Sus! Saboé!
Huhá!
Eviá!
Cantante, a risada espouca
E, como um licor, da borda
Da taça de cada boca
Transborda!
A alegria referve, e, por premio de Jove,
Continuamente chove
Uma florente chuva,
Marejante,
Lacrimante,
Orvalhosa,
Entrenublada de goticulas de vinho
E minusculas petalas de rosa.
E' a humidade que nas leiras,
De mansinho,
Faz abrolhar as sementeiras,
Sazona, purpura a uva,
Adoça, torna odorosa,*



*Deaura, amacia a fruta,
Outono, outono!
Na beberônia infrene,
Na casquinada perenne,
Quasi ao fim do cortejo, pachorrento,
O bom velho Sileno, o temulento,
Dos borrachos o classico patrono,
Adornado de folhas de videira,
Montando o tardo, tropego jumento,
Aos cambaleios e desconjunturas,
Com o mosto
A purpurear-lhe o rosto,
E a pingar das commissuras
Das beicarronas flacidas, pendentes,
Desnudo,
A papada a pender da pescoceira,
Pandorga, pantafaçudo,
Com o ventre enorme,
A disforme
Pansa cheia
A pesar, como um odre, sobre as coxas,
Semicerrando as palpebras dormentes,
Tenta falar, e, a rir, tartamudeia,
Mal podendo suster a taça enxuta,
Toda bordada de glycinias roxas
E de borra espumosa, roxecré!
E, ao soar dos pandeiros e dos gongos,
Em plena orgia,
A vozearia
Retroa,
Reboa,
Restruge, Evoé!*

*Pouco a pouco, porém, toda esta scena
Descora, e, ao centro de uma nuvem clara,
A' luz de um dia limpido de abril,*



*Aos meus olhos, que sonham, se depara
A pastoral de Longus,
O idylho pastoril
De Daphnis e Chloé.
Nú, sentado num tronco de carvalho,
Numa das nymphas selvas predilectas,
Com a barba argentea e madida de orvalho
A escorrer-lhe no peito, o erotico Philetas,
Ao farfalhar das frondes perfumosas,
Conta aos dois namorados,
No silencio dos bosques encantados,
Como nascem as rosas
E os amores.
Um som de avena
Rouxinoleia, na tarde amena,
Diluindo-se em tremula surdina.
A ultima luz do sol de Lesbos ilumina
As nuezas dos dois enamorados,
Que se beijam, sorrindo-se, entre as flores.*

*No céu côr de amethysta
E de heliotropio lucido, imprevista,
Aos meus olhos, que sonham, se afigura
Um outro quadro, uma gravura
Da Biblia: — Vejo, á luz do sol ponente,
Cheias de macieiras,
De virgineas laranjeiras,
E crespas, franjadas vinhas,
As terras de Abrahão, em Ur, no ardente
Mês de Adar.
Retintinulos sons de campainhas,
De esquilas chocalhando,
Tintinabulam, prolongadamente.
Ao longe, aloiram-se, a perder de vista,
Campos de aveia e balsamo, ondulando.*



O nardo, a myrrha, o aloés, o incenso,
Thurificam a luz crepuscular,
Como se acaso, anuvendo o ar,
Invisível, houvesse um thuribulo immenso,
Suspense
E rhythmico, a balouçar.
Sob duas palmeiras,
Que sombreiam um poço,
Uma esbelta mulher,
De mãos trigueiras,
Dá de beber aos gamos e camellos
De um moço,
Que contempla, com ternura,
A bondade de tanta formosura.
E eu reconheço, ao vel-os,
Rebecca e Eliezer,
Que se encontram nos agros de Nachor,
“Ao pé da fonte d’agua”.

Suas imagens um instante luzem,
Vivem, mas, pouco a pouco, se reduzem
A nevoas fluidas, para que outras venham
Animar o espectáculo esplendente,
E sempre novo do poente.
E as eiras de Labão revejo, enquanto,
Cheio de dôr,
E magua,
E desenganos,
Jacob trabalha, mal contendo o pranto,
Porém sempre fiel,
Na esperança de, ao fim de sete annos,
Colher, como uma flor,
O beijo de Rachel.
Outras duas figuras se desenhão.
Um som de asor, tine, harmoniza

*A paisagem hebraica, e a doce voz
De Ruth escuto, que me traz a briza,
Vinda dos campos fartos de Booz.*

*Vaccas e bois, monotonos, tardonhos,
Tendo nos chifres rosas e vidonhos,
Pastam pelas campinas.
E gazelas alegres, pequeninas,
Enfeitadas de alfenas e boninas,
Brincam, soltas, aos saltos, a bramar.
De longe, muito longe, das paragens
Do norte, do país dos ammonitas,
De Galaad, de férteis ervagens,
De Engaddi, de fruteiras favoritas,
Um cantico amoroso, um canto ardente,
Um delirante som,
Principia a vibrar,
Freme, esfuzia, no fulvor do poente,
Qual se o Libano, em rubida explosão,
Carminasse a flamante floração
De milhares de cardos encarnados,
De sanguíneos narcisos de Sion,
Sanguisorbas sangrentas do Saron,
Sanguinosos asphodelos de Hebron,
Sanguisedentos cactos de Aser!
E prefulge, aos meus olhos, abrasados,
Apaixonada, incendiando os prados,
A amada de Salomão,
A Sulamita, a idyllica mulher,
Flor
De amor,
Que a Biblia encerra num beijo!
E canta, diz ao pastor,
Eleito do seu desejo:
— “Taes como os bagos da uva,*



*Rubros, redondos, e cheios
Da seiva rica da chuva,
São os bicos dos meus seios.
Sou a linda flôr dos valles, a açucena
Dos muros de Jerichó.
E, apesar de ser morena,
Sou formosa
Como a rosa
Dos jardins de Pharaó!
O nome do meu amado
E' aromal como um oleo derramado...
Seu beijo queima, arrebatá,
Como um veneno que mata!
Porque o amor ainda é mais forte
do que a morte!"*
*E o zagal lhe responde: — "Amiga minha,
O vinho de tua vinha
O mel de Cedron contém.
Ainda és mais bella que a rosa,
Que a corça arisca e medrosa,
O' flôr de Jerusalem!
E's flexível como a vide,
Que se enrosca no penhasco.
E teu pescoço é como a "Torre de David",
Voltada para Damasco!
A quem te compararei?
A quem te assemelharei?
A ninguém.
São negros os teus cabellos,
Como as noites de luar;
São macios como os pelos
Dos camellos,
Como as tendas de Cedar!
Levanta-te, amiga minha,
Que eu guardarei tua vinha...
Levanta-te, ó pomba, e vem,
Jasmim de Jerusalem!"*

*Embriagado de amor, fecho os olhos, e sonho.
E alguns segundos fico, em transporte, evocando.
E, ao reabril-os, supponho
Que o que vejo é illusão, tão diverso e tristonho
E' o scenario que estou nas nuvens contemplando.
Pieno mês de Eleul.
A bondade de Deus desce do azul
Como um leite a escorrer pela tarde macia.
De brancas rolas um bando passa,
Na direcção
Do Jordão.
Avé, Maria,
Cheia de graça!
Uma estrellinha pisca, lucilando,
Luciluzindo,
Brilhando além.
Sobem no ar os barulhos dos rebanhos,
Das cabras balando,
Dos anhos
Balindo,
Que vão a Bethlem.
Muda-se o quadro. A' beira do caminho,
Baixa, coberta de hera,
Tendo a apparencia de colmado ninho,
Ao sobrio gosto grego,
Vejo, tal qual meu sonho a idealiza,
A casa de Vergilio.
E' lá, naquelle prospero sossego,
No quiete do Lacio,
Que sua vida austera
Desliza.
E' lá, naquelle redolente exilio,
Conversando, imitando os autores antigos,
Que elle recebe os intimos amigos,
Para lhes dar o hellenico regalo
De seus metros mais doces do que o mel.*



*Vario, Tucça, Propercio, o sabio Horacio,
E, o mais amado dentre todos, Gallo,
Do seu vergel,
Têm sempre á mesa o pessego de Athenas,
A oliva grisea de Tarento, a amora
De Syracusa ou de Corintho, embora
Elle, frugal, a custo
As prove, preferindo, apenas,
O flavor do falerno de Mecenas
E os figos brancos do pomar de Augusto.
O' divino Vergilio, escuto ainda
Cantar a tua voz canora e linda,
Mas tão rara e canora,
Que quanto mais passa
O tempo, mais inspira a nossa raça,
E os ouvidos sagrados edulcora!
— "O' pampanos, viçai, prados, cobri-vos
De ervas ferteis e flores abrilinas!
Que do verão os maximos rigores,
Pela força do arado, ó segadores,
Façam as glebas rebentar em seivas!
E a luz solar, nos bosques, pelos crivos
Das franças, entre a doirejar os frutos,
Que embaloçam as auras, sussurrando!
E, através de vastissimas campinas,
Pelos terrenos çafaros, enxutos,
Dos alqueives, das lavras e das leivas,
Enloireçam searas, rutilando!"
Assim cantavas tu, ó Mestre amigo,
O myrto, o feno, a cepa, o trigo,
As riquezas e accumulolos do outono
Bem-feitor!
E assim eu,
Ao pristino sabor
De Moskhos e Theocrito, relembro,
Vendo os lagares transbordantes, em setembro,*



*Com a mesma ardencia do teu velho entono,
A belleza, a bondade, a abundancia do outono!
"Comecemos um canto silvestre,
Caro Mestre,
Comecemos..."
E assentados os dois,
Como Tityro e Melibeu,
A paz bucolica louvemos,
Sob as faias, a ouvir o mugido dos bois.*

*Outono, outono, outono!
Num redoirante estrato,
Forma-se uma pintura ainda não vista.
E ao vel-a me impressiono,
Porque não pôde haver desenho mais exacto,
Nem mais grato
Ao nosso coração de bucolista.
Através de ervas flóridas e frescas,
Cobertas de choupaes e de chorões,
Olho, em perfeito arroubo,
As estancias pintadas nas canções
De Bernardim Ribeiro e de Camões,
Nas serranilhas e nas vilhanescas
Da "Primavera" de Rodrigues Lobo!
Portugal, na adoravel candidez
Da sua lyrica belleza!
Tão pequenino e cada vez maior!
O Portugal do "Lyra" de Bernardes,
Da "Diana" de Jorge Montemor!
Terra do pão e do vinho,
Do limonete e do linho,
Jardim da graça e da simplicidade!
Portugal, perfumado a rosmaninho,
Com a melliflua brancura do seu leite,
A saborosa alvura do seu queijo*



*E os santos oleos do seu fino azeite !
Portugal, nome doce como um beijo,
Lindo país do amor e da saudade!
E amoroso daquela natureza,
Cuja meiguice invejo,
Daquelle céu de mystica pureza,
Que os dias doira, que embalsama as tardes,
Fecho os olhos, a ouvir o murmurinho
De um concerto de violas
Da Beira,
De sanfoninas do Minho,
Cornamusas do Doiro e flautas do Alentejo.
A estrella do pastor, a alva boieira,
Abre-se como as calidas corollas
Que desabrocham, aromando o anoitecer.
E, enquanto os astros se debulham em camandulas,
Um ultimo painel
Vejo, ao fundo de um nimbo, apparecer.
E' a Provença, a Provença de "Mireio",
Da "Granada-Entre-Aberta" de Aubanel,
Das cigarras e farandulas,
Dos pingues campos de centeio,
Reflorescida nas mimosas,
Cheia de accacias e rosas,
A Provença de "Calendal",
Patria da Poesia,
E, portanto, de Mistral !
O' divino Mistral !
Segrel, poeta, patriarcha
Nas "Ilhas de Ouro", defensor da arca,
Pastor, soldado, trovador e santo,
Artista e Rei,
Imperador da tua grei,
Grande, entre os grandes vates sonorosos !
Só quizeste da gloria o familiar encanto
De amar, em meio do teu povo apaixonado,
Do teu vibrante povo provençal !*

*Foste na terra o derradeiro poeta,
O ultimo aedo que cantou no mundo.
Depois de ti, os outros que ainda restam,
Como flores ardentes que se crestam,
No silencio profundo,
Na solidão secreta,
Hão de morrer de dor e orgulho, rebelados,
Estoicos,
Mas desgraçados,
Dentro do horror do humano torvelim,
Perpetuamente insulados
Na sua "Torre de Ouro e de Marfim"!
Quando os poetas nasceram para, heroicos,
Ou da belleza lutando em prol,
Morrer moços e pobres victoriosos,
Num dia esplendido de sol!
O' divino Mistral, choro ao pensar em ti!
Eu, que um dia te vi,
E ao tirar-te o chapéo, Mestre querido,
Não te pude falar, de commovido,
Tanta surpresa e prazer
Tive em Maiano, ao te ver.
E, depois de passares ao meu lado,
Recitando em segredo a alba de Magali,
Beijei a luz da tua sombra amada,
Como a do Deus Homero, projectada
Numa oliveira do Midi!*

*Finda-se a extrema luz que loirava o poente.
A treva,
Que em bulções se sobreleva,
Espalha-se, envolvendo o cineral do occaso.
Tanta miragem linda
Quizera eu ver ainda!
E ao recordar-me, por acaso,*

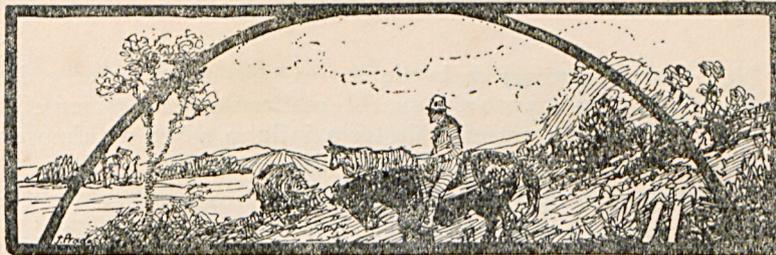


*De certa musica aldean,
Ingenua e vaga,
Cantarolo alguns dispersos
Versos,
Floridos de frescura e claridade,
Das "Bergeries Galantes" de Racan,
Dos "Bailados" de Isaac Benserade,
E das "Lyras" mineiras de Gonzaga:
—"Eu, Marilia, não sou nenhum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos soes queimado."
Trovas, rimas, serranas, pastorelas,
Sonoras e singelas,
Recito, mas sem ter o mesmo agrado
Que tinha, ao contemplar o que sonhava,
Quando, ao fundo das nuvens, se espelhava
A mutação da minha fantasia.
Sinto, porém, que sempre, eternamente,
O espectáculo do outono,
A' hora doirada do morrer do dia,
Tem para todos a immortal poesia,
Pela qual me apaixono.
Desde que a terra existe,
O homem assiste,
No outono, ao pôr do sol, com a humildade de um crente,
Ao sagrado esplendor do céu ardente,
Que loirece na luz da noite triste.
E a pobre gente
Da aldeia,
Vendo brilhar
A treva cheia
Do relume de tantas nebulosas,
Põe-se a sonhar
Que ha moinhos moendo na amplidão,
E talvez o luar
Seja a flor da farinha desse pão;*



*Que os astros são inflorescencias de oiro,
No amplo trigal do azul, perpetuamente loiro;
E que certas estrellas, muito claras,
Oiram o firmamento,
Como fervilham, entremettidas,
As lericas, papoulas fulguosas
E variegadas margaridas,
Matizando as searas,
A plumejar, quando as balança o vento.
E ao ver a lua, crescentigera, subindo,
Como uma foice que, no espaço infindo,
Ceifasse, através dos ares,
Julga, com a innocencia dos seus olhos,
Que os planetas são frutos outonaes,
Espigas auri-dulces ou restolhos,
Lourejando nos campos sideraes.
E, confiante, pensativa,
Apoiando-se ao cabo das enxadas,
Ajoelha-se em meio das estradas,
A' porta dos casaes.
E, na graça da crença primitiva,
Implora a bençam do pastor dos mundos,
Do senhor dos armentos estellares,
Do velho e bom, mas invisível dono
Das sementeiras do celeste outono,
Que amarellejam, sob os soes fecundos,
Na immensidade, pela noite viva!*





NA TERRA DE PAULO E VIRGINIA

POR ARTHUR NEIVA

(do Instituto Oswaldo Cruz)

Os homens de sciencia mais que outros quaesquer sabem observar; alguns têm a sensibilidade de verdadeiros artistas. Colhemos estas paginas deliciosas do diario de viagem de um delles, notorio a todo o Brasil. Dellas, além da curiosidade exotica resalta uma comparação humoristica. Como tão longe, a ilha de Mauricius parece nossa terra e nossa gente! Dizia Daudet das coisas de Tarrascon que eram devidas ao sol. Ora, este nasce para todos e é tão quente aqui como na Ilha de França...

“DEVEMOS estar a cerca de 40 milhas”, disse-nos o immediato, amavelmente, quando lhe perguntámos sobre a distancia entre o navio e a terra que se esboçava no horizonte. “A’ noitinha estaremos chegando, e amanhã os senhores poderão desembarcar”, informou-nos ainda o distincto official da marinha mercante japoneza, dirigindo-se aos poucos passageiros do vapor. Tal conversação desenrolava-se em pleno Oceano Indico a bordo do “Canada Maru” que, procedente de Ceylão, de onde zarpara havia 11 dias, destinava-se a Port Louis — capital da Ilha Mauricia.

A’s 6 horas da tarde a terra estava muito proxima e o casario, as plantações aos poucos iam surgindo. Comecei a dar balanço sobre o que sabia de Mauritius, como me era conhecida a Ilha. Lembrei-me dos trabalhos de impaludismo realizados pelo Prof. Rosso e de Lafont, com quem já entretivera correspondencia a proposito de uns assumptos de zoologia medica. Depois, a duvida me assaltou e comecei a suppôr que este pesquisador trabalhava em Reunião ou Madagascar, porque o nome era francez e a ilha era possessão ingleza.

Neste ponto o gongo de bordo tocava pela segunda vez e des-cemos todos para o jantar, o qual se realizou entre a maior effusão, de tal fôrma a presença da terra influira sobre o animo dos passageiros, alguns com mais de 30 dias de viagem.

Era a segunda vez que o "Canada Maru" tocava em Mauricia, informara-nos o immediato, e accrescentou: "a possessão é ingleza, mas o povo só fala o francez". Não soube explicar-nos o motivo de tal phenomeno, tampouco, a pequena bibliotheca de bordo, onde nada encontrámos sobre *Mauritius*, e, á noite, já ancorados e com *Port Louis* á vista, toda illuminada, parecendo-me ouvir o som longiquo de uma musica que se tocava em terra, recostado numa cadeira eu fumava, gozando inebriado aquelles felizes momentos tão tranquillos.

Recomecei a pensar: porque se falla o francez aqui? Accendi outro cigarro, levantei-me para passear. Encetei mentalmente uma conversação commigo mesmo: Então o Lafont é daqui. Quem sabe se o tal telegraphista não possui algum dictionario que diga duas palavras sobre *Mauritius*? E mal o pensamento se concluía, estava eu descendo a escada e minutos depois o amavel official me traduzia de uma pequena encyclopedia nipponica: "Ilha descoberta pelos portuguezes, dominada pelos hollandezes e depois pelos francezes, que em 1810 tiveram de passal-a ao dominio dos inglezes, que lhe mudaram o nome de *Ile de France* para o de *Mauritius*, como os hollandezes a denominavam.

Subi e fui postar-me á amurada, sosinho, para gozar a descoberta. Tudo se transmutara; a terra longinqua, o mysterio indecifrável desapareceram. Comecei a olhar para as montanhas, como velho conhecedor. *Port Louis* era meu amigo de infancia, e alegre fui-me approximando do grupo de passageiros, entre os quaes estava minha familia.

Lembram-se de Paulo e Virginia? e sem esperar resposta fui explicando: "Aqui é que a scena se desenrolou. *Port Louis* está alli, *Pamplermousse* está para lá, la *Baie du Tombeau* acolá". Felizmente, todos conheciam a pastoral de Bernardin de Saint Pierre, e inglezes, escossezes, brasileiros voltaram á amurada para reverem Mauricia, immortalizada através de uma historia pathetica, que enternecera corações em todo o mundo e ainda inspirava a musica, a pintura, a esculptura e originava outros trabalhos de literatura á sua imitação.



No outro dia pela manhã, em companhia do Sr. Gabriel Bernardes, fazendeiro em Uberaba, que fôra á India adquirir gado e que transformara o navio em uma fazenda fluctuante, olhávamos para Mauricia admirando os canaviaes que grimpavam pelos montes, o verde das aguas de onde emergia a Ilha, o azul do ceu que a cobria; e, para augmentar a deliciosa sensação daquella gloriosa manhã de domingo, chegava-nos aos ouvidos o repicar distante dos sinos das igrejas e os olhos encantados não se cançavam de admirar, destacando-se da pujante verdura tropical que tudo revestia, a mancha escarlate, que junto a uma praia alvissima, formava um grupo de *flamboyants* em flôr.

A's 8 horas o navio estava desimpedido pela Policia e Saúde do Porto. Eu entretivera conversação com o medico enquanto observava o serviço. O vapor devia ficar detido muitos dias, pois o porto estava congestionado de navios, por ser então época de exportação de assucar, e Mauricia produzira a sua maior safra: 300 mil toneladas.

Conversamos ainda alguns momentos; fallou-me muito bem da Ilha, dos seus recursos, conforto e civilização. Ficou de regressar para buscar-nos quando terminasse a visita do outro vapor. A's 10 horas, o amavel medico cumpria sua palavra e conosco desceram os demais passageiros, aproveitando-se de um transporte rapido, cousa rara em dia de domingo, quando tudo fica paralyzado em paiz sob dominio britanico.

No trajecto o bom doutor me iniciava na historia da Ilha da França. Era um homem velho, bondoso, aberto. Inclinou-se um pouco e disse-me baixinho: "aqui só o pavilhão é inglez; costumes, lingua, alma são francezes". Disto estava eu me dando conta no correr da conversação. "Ha 120 annos que fomos conquistados, accrescentava sussurrando, pois os officiaes da policia eram inglezes; mas quem sabe se a restituição á França não chegará breve?"

A lancha approximava-se rapidamente do caes; eu olhava em tórno. Subito senti um estremeção. A' popa de um navio junto ao caes tremulava a bandeira brasileira. O pavilhão de um povo é como sua lingua: nenhuma é tão bella, copiosa e expressiva. Contive-me para apreciar o effeito que despertaria nos outros brasileiros, minha mulher, meus dois filhos e o Snr. Bernardes, o qual dentro em pouco, e visivelmente emocionado, chamava-me a attenção e aos meus para a nossa bandeira hasteada no vapor "Gartheta", ex-"Planeta", como depois vim a saber, arrendado á França por 99 annos, afim de burlar a lei que prohibia a alienação dos navios brasileiros a estrangeiros.



Passámos muito perto do *Gartheta*; toda a tripulação na amurada olhava a nossa lancha. Senti um aperto no coração ao ver aquella maruja loira e de carão vermelho. Com os pensamentos em desordem, e voltados para o Brasil, não sei porque, fiquei silencioso e triste, com os olhos fixos no meu filho, a quem a bandeira brasileira enchera de tanta alegria e orgulho, e silencioso permaneci até a lancha atracar, quando destravei a lingua para agradecer e despedir-me do bondoso e gentil collega mauriciano.

Passei doze dias em Mauricia, e nesse espaço de tempo visitei engenhos de assucar, trabalhos contra impaludismo, salinas, institutos de bacteriologia e de agricultura, caieiras, hospitaes, manadas de bois vindos de Madagascar, museus, mercados, etc., etc. Não houve recanto celebre da ilha que não recebesse minha visita e, se muito gozei com o que aprendi, tive em compensação algumas illusões perdidas.

O mauriciano é franco, hospitaleiro, e após alguns minutos de prosa, com o terrivel dom de intimidade que possui, fica-se á vontade, como conhecidos velhos. Quem o chamasse de tarasconez, teria feito a psychologia do sympathico habitante da encantadora ilha perdida no Oceano Indico; adora sua terra e é de um optimismo illimitado. Para elle sua ilha cresce dia a dia em superficie e na consideração do mundo. Aquillo está para os outros paizes como a lua está para a Terra; mesmo invisivel, influencia as marés. Mauricia, quando não apparece, já está influindo com sua safra de assucar todos os mercados do mundo. Pelo menos é essa sua convicção. A habilidade dos seus commerciantes faz com que o mercado mundial de assucar oscille ao sabor das offertas e outras manobras applicadas com incomparavel finura pelos grandes usineiros de Mauricia.

Por essas e por outras é que o mundo vive debruçado sobre Mauricia a admirar seu vertiginoso progresso material e intellectual. O mauriciano sabe disso e esforça-se por não desmerecer do justo conceito em que é tido por todas as nações. Seu prado de corridas é, como Longchamps e Curepise. O arrabalde onde vivem os ricos, o estrangeiro tem que o visitar a todo o transe, de tal fórma sente a pressão para que veja *um quasi pequeno Paris*, como textualmente me disse um mauriciano intelligente. A decepção para o forasteiro é enorme. Varios armarinhos modestos, poucas senhoras em passeio, algumas de automovel agasalhadas em custosas pelles apesar do calor suffocante, mas que



com toda a fidelidade obedeciam á moda de Paris, o qual no entanto, em Dezembro, tiritava de frio.

Mas a logica nada importa; a imaginação mauriciana faz abstracção de cousas muito mais compactas. Entre as grandes decepções está a que eu colhi querendo esgaravatar a origem de Paulo e Virginia. Em tudo aquillo que Bernardin Saint Pierre escreveu não ha um atomo de verdade. Não importa, porém; o mauriciano encarregou-se de dar corpo á ficção. Lá estão a *Baie du Tombeau*, o *Cap Malheureux*, a “avenida Paulo e Virginia” no Jardim Botânico de Pamplemousse, onde se ergue o tumulo dos dois desgraçados amantes. A municipalidade erigiu-lhes uma sepultura modesta, mas expressiva, sem epitaphio, é verdade; em compensação todos os namorados enchem as paredes do monumento funebre com os seus nomes, e... a romaria continúa.

Paulo e Virginia só existiram na imaginação do romancista; os habitantes da Ilha de tal fórma ficaram empolgados pela bucolica narrativa, que resolveram dar vida aos desventurados, e quando elles morreram pescaram o corpo de um em uma praia e os despojos do outro em Pamplemousse, e abrigaram os dois corpos no mesmo tumulo. De futuro poderão erguer uma capelinha, allí mesmo, quando obtiverem a canonização das santas creaturas.

O excellento juizo que de si formam os mauricianos é um factor decisivo para a felicidade de que fruem. Reputam-se os seres mais intelligentes do globo; a população da Ilha é de 350 mil almas; cada habitante, porém, é igual a 10 homens em actividade, sobretudo intellectual. Por isso o numero enorme de sociedades scientificas, onde se discutem os problemas mais transcendentes. Poucos povos na terra serão mais associativos que o mauriciano. *Port Louis*, com 50 mil habitantes, possui Liga de Escoteiros, “Royal Society of Arts and Sciences” “Historical Records Committee”, “Société Médicale de l’Ile Maurice”, Automovel Club de Mauricia, Sociedade de Meteorologia, “Société des Chemistes de Maurice”. E’ um nunca acabar, principalmente quando começa a enumeração das sociedades religiosas, maçônicas, esportivas e camaras de commercio chinezas, hindús, mauricianas e mixtas.

Todo aquelle povileu está bem collocado em um dos postos de Presidente, 1.º ou 2.º vice-, Secretario, Secretario-Adjunto, Thesoureiro, Vice-Thesoureiro de qualquer cousa. Tudo allí é grande. Nós, brasileiros, resolvemos elevar, nas cartas, todo o cidadão a “illustrissimo”; elles promoveram sua gente a Presi-



dente, Vice, etc. Não lhes ocorreu aproveitar da Revolução Franceza que tantas cousas lhes inspirou, a *Briosa*; nós o fizemos e acabámos guardanacionalizando tudo: finanças, commercio, politica, tradições e instituições. Lá, os Presidentes e *Vices* suppõem ter realizado em Mauricia uma obra perfeita e immorttal; cá os coroneis e doutores não acreditam menos no trabalho por elles effectuado.

No mundo só ha uma cousa melhor que Mauricia: é a França. Isso para elles e tambem para nós, brasileiros. Os soffrimentos ou as alegrias francezas repercutem na Ilha de França intensificados. Se a França chóra, Mauricia soluça; se ri, a fiel colonia gargalha. O "longe dos olhos, longe do coração", do ditado, não é exacto.

A immensa distancia que separa *Port Louis* de Paris é um nada. Para o mauriciano, a França é alli bem perto, nada importam mares e oceanos de permeio; elle em imaginação vive lá ou, melhor, a França vive nelle, no coração, no cerebro, no tutano dos ossos e nas cordas vocaes, sempre a vibrarem com a articulação do *créole*, difficuldade glottologica engrolada pelos bons mauricianos.

Ah, le fátóis créole! Com que orgulho o bom ilheu a elle se refere! E como os seus estudiosos filhos o pesquisam, catam e recatam suas preciosas gemas, como se admiram do vocabulario inesgotavel! Li o interessante trabalho do Snr. Baissac a respeito. Trata-se de uma monographia linguistica, por onde se vê que apenas uma difficuldade não foi superada pelo autor: o modo de classificar a algaravia mastigada pelos habitantes de Mauricia. Baissac discute se o que se fala alli é lingua, dialecto ou calão. Fica-se em embaraços de facto, pois um francez não entende a geringonça nem pela leitura, nem ouvindo falar. O fundo é francez sem duvida, mas tantos foram os elementos africanos vindos de Madagascar, Moçambique, Zanzibar e asiaticos da India, estados malaios e China, que é mais acertado classificar aquelle engrolamento tartamudeado e sibilante como doença.

A Ilha tem 36 milhas de extensão e 28 de largura. Do cimo de uma das montanhas pôde ser vista em todos os seus contornos, menos para o mauriciano, que a suppõe immensuravel; tanto que um dos logares perto do *Réduit*, residencia do Governador, chama-se *Fin du Monde*. Muito mais interessante, porém, é a historia. Alli os acontecimentos não morrem; a batalha naval entre as frotas ingleza e franceza sob o respectivo commando dos almirantes Willoughby e Duperré, é contada com tal riqueza de pormenores e entusiasmo que parece ter o narrador tomado parte na famosa refrega. Ao se indagar da data, 1810, é que se



verifica que o tempo, o corrosivo maximo, nada póde contra a imaginação do mauriciano. Aliás, o ser heroe é cousa de nonada para aquella brava gente. Senão, ouçam a narrativa dos muitos furacões que sobre ella desabam.

Como se sabe, de Dezembro a Abril Mauricia é varrida e sacolejada por tufões tremendos. Isto faria a tristeza de qualquer; o mauriciano, finamente intelligente, tira partido de taes calamidades e é com ufania que prova ao estrangeiro não haver em qualquer outra parte do globo lufadas tão violentas como as da sua terra. E quando chega á narrativa do cyclone de 1892, verdadeiramente calamitoso, não conta os horrores com pesar; ao contrario, a physionomia se lhe transfigura, os olhos brilham e a gesticulação é ampla.

Narra o cataclismo como se fôra uma batalha; assiste-se á descripção de um formidavel combate. Quando as rajadas cessam é porque foram quebradas pela invicta coragem daquelles bravos; quando recomeçam, são novas cargas do poderoso inimigo. Resultado: 24 egrejas foram destruidas, isto é, o inimigo arrasou 24 fortalezas; 1.260 pessoas morreram, e no calor da narrativa esses desgraçados são tidos como soldados. Os elementos em furia e de surpresa tentaram arrazar *Port Louis*, o mauriciano improvisou a defesa; a batalha travou-se feroz e mais uma vez o cyclone foi vencido pela impavida coragem daquella gente que o afrontou de pé firme e a peito descoberto.

Um escriptor insular, de origem ingleza, Daniel E. Anderson, relata a influencia da França durante a Revolução. A Liberdade, Igualdade e Fraternidade foram cantadas em prosa e verso, e mais uma vez Paris serviu de modelo. O mauriciano formou clubes jacobinos: *La Chaumière*, *Rafraichisseurs*, *Chevaliers d'Industrie*, *Sans-Culottes*, e erigiram uma guilhotina.

A natural bondade impediu que se victimasse alguém para inaugurar o instrumento de supplicio. Por outro lado, porém, a burocracia, talvez a unica cousa bem organizada naquella e em outras terras, tem suas exigencias inexoraveis. Havia tribunales, clubes jacobinos, a guilhotina estava prompta para funcionar; até então só um homem tinha morrido: o Conde de Macnamara, assassinado pela guarnição. A burocracia mexeu-se até que conseguiu estrear a afiadissima lamina, com a solennidade do costume, decapitando um carneiro.

Stella et clavis Indiani Oceani, eis como no fidalgo latim era a Ilha denominada. Com a abertura do Canal de Suez, Mauricia



perdeu muito, e aos poucos foi ficando fóra de mão. Não deixou de trabalhar e muito, tanto que, se em 1812 exportava 467 toneladas de assucar, em 1920 produziu 300 mil. Hoje exporta tambem a fibra da nossa piteira e o coprá, enquanto nós não sabemos tirar proveito desses productos retirados de plantas espontaneas em nosso solo. Sua exportação elevou-se em 1919 a cerca de 14 milhões de libras, o que, para uma população de 350 mil pessoas, é altamente honroso.

No emtanto, o mauriciano não dá muita importancia a esses algarismos, demonstração brilhante da sua capacidade de trabalho; ufana-se muito mais de ter enviado á Imperatriz Josephina um presente altamente precioso: um par de meias tecido com o fio de seda de certa aranha. O orgulho por tal comettimento é muito maior que o de ser Mauricia a patria de um nome universal, como é Brown Séquard, cujas pesquisas sobre as glandulas de secreção interna abriram á medicina o mais largo caminho que se lhe poderia offerecer e á humanidade a consoladora esperanza, cada vez mais proxima, de uma juventude perenne numa longa vida.

Quando nós tinhamos marinha, Mauricia foi visitada em 1879 pela corveta "Bahiana" sob o commando de Wandenkolk, que, como nós, de lá trouxe excellente impressão pelo acolhimento que teve. Aliás, no Oriente, o Brasil só é conhecido por algumas pessôas que na mocidade tinham visto um navio-escola brasileiro. Hoje, tudo mudou. Os navios brasileiros que vi eram francezes, um completamente, o outro, o "Bagé" ha 3 annos ao serviço da França, novo navio fantasma. Dos duzentos e muitos homens da tripulação só 40 e poucos são brasileiros e todos devorados por profunda nostalgia. O commandante, que sahiu do Rio de Janeiro por occasião da nossa declaração de guerra, teima em regressar á patria commandando o bello ex-"Sierra Nevada". O contracto reza que pelo menos, uma vez ao anno, o navio visitaria o Brasil. Mas a França não quer. Os esquecidos brasileiros vão aos poucos desaparecendo; uns ficam nos hospitaes dos portos de escala, outros abrigados no seio profundo do oceano. Os que sobrevivem, desalentados e torturados, vendo dia a dia a marujada estrangeira crescer, não abandonam o navio, na esperanza de que a cada momento chegue o alviçareiro telegramma determinando o regresso ao Brasil.

Nos dois primeiros dias os catraeiros de Port Louis, por verem a bandeira brasileira, davam ao "Bagé" essa nacionalidade. Depois a "Messageries Maritimes" fez ver á gente do porto que o navio era francez; a bandeira não tinha importancia e quando se mandava tocar para bordo do navio brasileiro, os homens da



catraia, com a fidelidade que guardam á França, punham-se a discutir a nacionalidade do navio.

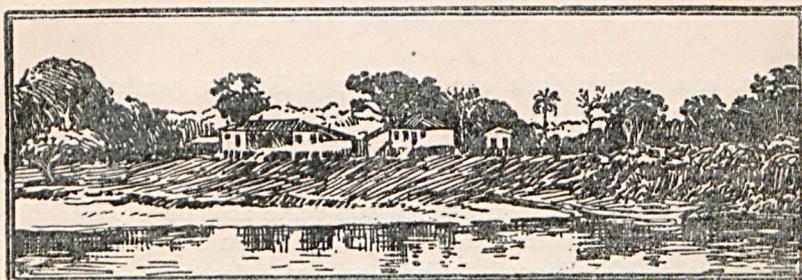
Meus pobres patricios do "Bagé"! Recordar-me-ei sempre dos adeuses commovidos, ao acenar dos lenços, quando o vapor em que eu regressava ao Brasil, passou rente ao "Bagé". Pódem crer que os tres brasileiros adultos que voltavam á patria que os esqueceu e os abandonou, faziam esforços desesperados para terem os olhos limpos diante dos estrangeiros que assistiam á scena.

Não ha nada a fazer. O Brasil continúa colonia, agora da França. O 14 de Julho já é data nacional, o templo positivista do Rio de Janeiro, unico no mundo, tem a fachada voltada para Paris. Nós aqui vivemos convencidos que o linguaajar francez é universal e a França o primeiro paiz do mundo; por isso mandamos nossos filhos para os collegios francezes, de onde se sae conhecendo a "lingua universal" e ignorando superiormente a nacional.

Vocês, os de Mauricia, possuem uma Constituição e no emtanto são colonia; nós temos tambem tal cousa, e gravitamos para isso. Vocês eliminaram pelo exterminio o *Didus ineptus*, *le Dronde*, como chamavam ao lerdo representante da avifauna indigena que grasnava constantemente, mas que era incapaz de se defender e lutar. Nós, por intermedio dos nossos avós, eliminamos e exterminamos o indio varonil e livre. Occupamos a terra, derrubamos a matta, escravizamos o aborigene, trouxemos o negro, misturamos tudo com o portuguez e geramos outra vez o *Didus ineptus* da nomenclatura linneana que, na synonymia vulgar, é Jéca Tatú — senhor ainda de muita terra e da politica, mas que aos poucos vae passando tudo aos estrangeiros até que sómente fique a politicar, sua suprema aspiração, escurraçado pela estranja que de toda a parte acorre e que ha de submettel-o aos mesmos e duros transes que elle e seus antepassados fizeram soffrer aos nossos caboclos.

E se os forasteiros se vão apoderando das terras, mattas, lavouras, industrias, vias ferreas, minas, portos, luz, energia, não é justo que a grande e generosa França fique com os nossos navios? Pois, então, ella que nos tem dado o pão do espirito até hoje, não tem direito a alguma cousa? E depois, ella o fez com a generosidade do costume: não tirou nada que fizesse parte da nossa terra ou estivesse arraigado na nossa alma, reteve em seu poder navios de inimigos seus e nossos, e o fez com aquella graça, elegancia, desprendimento e espirito de sacrificio que lhe são peculiares.





POESIA DO POVO E POESIA PARA O POVO

PELO DR. BETTENCOURT RODRIGUES

A proposito de uma anomalia anatomica observada por medicos de S. Paulo, o illustre medico-escriptor portuguez faz uma ligeira (infelizmente ligeira) excursão pelos dominios... da poesia popular e da poesia "popularesca" de sua patria.

NO relatório que foi apresentado á Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo pelo seu illustre presidente, o dr. Ayres Netto, vejo mencionado, entre outras muitas observações, um interessantissimo caso de gravidez com integridade do hymen, communicado a essa douta Sociedade pelos drs. A. Vieira de Carvalho, Ayres Netto e Oscar Freire. São portanto seis, e não dois olhos, que verificaram esse invulgarissimo factó que assim vem, mais uma vez, demonstrar não serem de todo inconciliaveis a gravidez e a virgindade (como direi)? anatomica... E aqui faço essa necessaria restricção para que não venham a suppôr que eu pretenda aproveitá-lo para um irreverente e profano confronto com o que, na idade média, tão viva controversia suscitou entre os doutores da Egreja, sendo por alguns acceite e acatado como um santo milagre, mas cuja interpretação foi por alguns outros, como o carmelita João Bacon, muito simplesmente considerada como uma escandalosa heresia. Não impede que essa doutrina explicativa, que o exegeta franciscano Alvaro Pelagio já classificava de nova e phantastica, fosse afinal, mas bem mais tarde, em meados do passado seculo, definitivamente consagrada como um dogma.

Estou certo de que a interessante observação dos tres illustres clinicos paulistas não irá provocar um schisma entre os membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia, que, instruidos por outros casos analogos e não menos profanos, nem de leve ou de longe pensam em equiparar a gestante da supracitada observação á bezerra da religião egypcia que, fecundada pelo fogo sagrado, deu á luz o boi Apis, e muito menos á Virgem-mãe, da religião chinesa, que fecundada por um raio de sol, deu á luz o deus Foe. A esta sim, a esta meiga e purissima virgem é que tambem se poderia applicar a seguinte mimosissima quadra, que é uma das mais bellas do cancionero portuguez e na qual a innata religiosidade da raça, tão impregnada do mais suave mysticismo, pretende explicar, melhor do que qualquer theologo, e, em todo o caso, com muito mais poesia, o mysterio da immaculada concepção:

No ventre da Virgem bella
O verbo encarnou por graça;
Entrou e saiu por ella,
Como o sol pela vidraça.

E quem é o autor d'estes inspiradissimos versos? Não sei, e pouco importa. Como esses, muitos dos que mais realçam, no nosso opulento cancionero, são como as flôres que perfumam e matizam os nossos campos e que ninguem sabe, ao colhel-as, qual foi a mão que as semeou. Como, por exemplo, os seguintes versos que, pela sua extrema belleza e até mesmo pelo effeito alcançado com o duplo sentido das palavras, alguns attribuem a Camões, mas cujo auctor ninguem sabe, ao certo, quem seja:

Os meus olhos teem meninas,
Essas meninas teem olhos;
Os olhos d'essas meninas
São meninas dos meus olhos.

E' exactamente o mesmo que, por outra forma, exprime esta outra quadra, não menos bella:

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus!

Ora, como no folcloro portuguez, de par com as mais ingenuas trovas de criação exclusivamente popular, ha as que pela sua cor-

rectíssima fôrma dão a suppôr uma mais culta origem, vê-se que o povo, em materia de inspiração e poesia, colhe o seu bem, seja onde fôr que o encontre. E, assim sendo, vasta colheita poderá fazer num recente e bello livrinho — *O Craveiro da Janella* — de Augusto Gil, que, no seu festejadissimo *Luar de Janeiro*, desde logo se affirmou como um dos nosos melhores poetas da actualidade.

São cem pequeninas quadras de um tão mavioso rythmo, de uma tão delicada inspiração, e, como expressão verbal, de uma tão graciosa singeleza, que (assim o creio) basta que o povo as oiça para que logo d'ellas aproprie. E é assim que se engastam nos nosos cancioneiros algumas das suas melhores perolas.

Ajuizem pelas poucas quadras que aqui transcrevo e que certamente vos aguçarão o desejo de as lêr todas, da primeira á ultima.

Vão, ao acaso, as seguintes:

Por eu ser pobre, sorrias
Da minha má condição.
Vôam alto as cotovias
E fazem ninho no chão...

Solteirinha, é bom que agrade,
Mas com virtude na graça..
Seja uma porta de grade,
Vê-se tudo e não se passa.

Merque bom chapéu quem manda
E veja quem obedeça.
O chapéu dos pobres anda
Mais na mão que na cabeça...

Bravia? Antes o fosses.
Na silva brava os espinhos
Arranham, mas são vizinhos
De amóras tenras e doces...

Lar pobrezinho, mas terno.
Para o meu é este o plano:
Que entre lá o sol de inverno
E a paz de Deus todo o anno.

Não pretendo ser janota,
Ando cá nas minhas lidas.
Os figos de capa rôta
Vão ás mesas bem servidas.



Lembra-me sempre com pena
 A casinha em que vivia.
 Nenhuma casa é pequena
 Se está cheia de alegria.

Pela sua toáda musical e pelos sentimentos que exprimem, em estylo corredio e facil, as pequeninas quadras de Augusto Gil são das que o povo escuta e nunca mais esquece.

Neste mesmo genero de redondilhas, um outro grande poeta, e dos maiores, Antonio Corrêa d'Oliveira, acaba de publicar o primeiro dos tres livros annunciados: — "*E' Portugal que tinados ao povo, e todos de uma mesma serie a que deu o ti-vos fala; — Viriato Lusitano; — Auto do bem*" — todos destulo generico de "*Na hora incerta ou a nossa Patria*".

No "*Portugal que vos fala*" faz o poeta vibrar, em versos modelares, de uma singela, mas impressiva eloquencia, todo o seu ardente patriotismo, embora por vezes sangrando em palavras de desalento, como são as que lhe inspiram as incertezas da hora presente e esta apagada e vil tristeza em que vivemos. São palavras evocativas de um brilhante e glorioso passado, mas tambem palavras de angustia e dôr pelo que vê e prevê.

Diz o velho Portugal:

Dae-me um logar, junto ao lume;
 Vou contar-vos minha historia.
 — Saudade é hostia divina,
 Feita de pão da memória..

E começa dizendo:

Separei-me em tenra idade
 Dos meus irmãos das Hespanhas:
 — Almas diversas apartam
 Mais que o mar e as montanhas!

Outro fim tinha a minha alma,
 Outra estrêla o meu destino...
 — E por meu pé fui andando,
 Inda que tão pequenino!

Conta em seguida as suas batalhas contra a Hespanha e contra os mouros. E' Nun' Alvares; é Aljubarrota; é Nossa Senhora da Victoria!

Erguem-se templos a Deus;
 Vae-se a cantar nos caminhos;
 Vão as raizes mais fundo;
 Vão mais alto os passarinhos!

Vem depois o periodo das navegações e conquistas:

Africas, Indias, Brasil,
Tudo no mundo foi meu..
— Prôas das Náus, nem eu sei
Como as não meti ao céu!

Mas a Roda da Fortuna desanda. E é alcacer-Kibir e são os sessenta annos de captiveiro; mas

A' romba Espada de Alcacer
Fui-lhe dando um novo gume
— Batia-a sobre os *Lusiadas*,
Como em bigorna de lume..

E, de novo, a Hespanha foge
Dos beirae de Portugal,
Qual um milhafre, — ás micadas
Das pombas d'algum pombal!

Mas Portugal nunca mais foi o que era dantes, “mal semeando esperanças para só colher saudades”.

Meus filhos, á minha roda,
Davam-me pena e trabalhos;
— Mas inda vinham á Benção,
Temiam inda os meus ralhos..

Mas depois? Depois começam as desavenças entre irmãos, que não mais escutam a voz do pae:

Nenhum se sequer onde tinha
O logar, que eu desejára
Por saber, virtude ou honra,
Não pelos olhos da câra..

O' confusão!! ó Babel!
E lá vão, ás desvairadas,
Do pensamento ás palavras,
Das palavras ás pancadas.

E é então que Portugal, “cheio de horrôr e espanto” foge á Cidade para ir acolher-se na Serra, onde ainda ha gente portugueza que lhe não falta ao respeito. E é a essa bôa gente que elle diz:

Arvore de Portugal
Tem as raizes no Povo;
— Deu-lhe mal por entre as rama?
Pode ganhar viço novo!

Venham do chão seivas novas
A dar força á Vara-mestra,
Regendo folhas e ramos
Em harmonias de orquestra...

E aconselha:

Não andes, Povo, em revoltas,
Agora aqui, logo álem;
No teu lar, trabalho santo,
Deixa-te estar, que estás bem.

Não queiras subir de encontro
A Forças divinas... Olha:
Que dirás d'um pé de trigo
Onde a raiz quer ser folha?!

Nem ser raiz é ser menos
Do que a folha: Eternamente,
Sem a raiz não ha fruto;
Sem fruto não ha semente.

E depois destes são conselhos, diz Portugal aos bons filhos,
que ainda o escutam e respeitam:

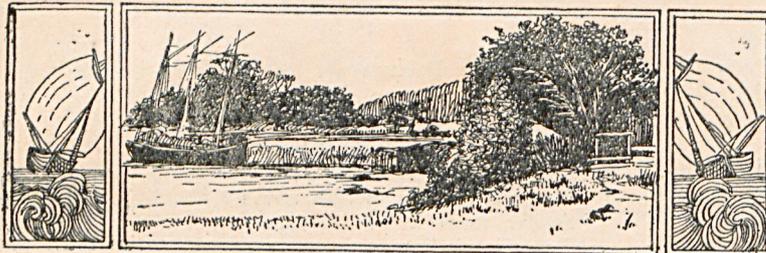
— Povo! em ti confio e espero
Como foi no tempo antigo.
Has de salvar-me... ou, ao menos,
Saberás chorar comigo.

A voz de *Portugal que vos fala* bem merece ser escutada e os seus bons conselhos seguidos por todo os portuguezes. Prazer espirital e alto dever patriotico!

Antonio Corrêa d'Oliveira, o apreciadissimo auctor da *Minha Terra*, do *Auto do fim do dia*, do *Alivio de Tristes* e de tantas outras obras primas da nossa moderna literatura, mais uma vez se nos revela, neste seu ultimo trabalho, como um portuguez de lei e como um poeta dos de mais brilho.

Lisboa.





O ENSINO DA CHIMICA

POR GERALDO DE PAULA SOUSA

(Do Instituto de Hygiene de S. Paulo)

Neste instructivo artigo, clama-se, mais uma vez, pela necessidade de se desenvolver o estudo da chimica em nossa terra, da chimica que fez a grande força da Allemanha e que é a sciencia fecundissima do futuro. Ajuntam-se considerações e dados muito curiosos sobre as condições dos estudos superiores entre nós.

TORNOU-SE um lugar commum o dizer que a chimica é que sustentou os Imperios Centraes na lucta mundial, assim como é de todos sabido ter sido ella o maior factor do desenvolvimento industrial e commercial dos tempos modernos, fazendo acreditar, em primeira linha, a Allemanha nos mercados estrangeiros.

A chimica allemã não é outra senão a chimica das outras nações. Como outra qualquer sciencia, não conhece patria, por isso que é producto collectivo, através de seculos, com a astrologia e a alchimia por antepassadas; producto de tantos povos, quantos souberam honrar a humanidade com algumas aquisições.

Na actualidade, brilham como astros de primeira grandeza muitos chimicos, possuidores de clareza, engenho e elegancia francezas, quaes Le Chatelier, Perrin e outros, ou com a originalidade tão fecunda dos inglezes, tendo á frente o grande Ramsay. E', porém, forçoso confessar: no presente, acoroçoando o estudo da sciencia de Lavoisier, a Allemanha deu-lhe maior numero de sacerdotes do que outros paizes que disputam a vanguarda da civilização.

E' assim que, desencadeada a guerra em 1914, possuia a França 2.500 chimicos, ao passo que a Allemanha contava 30.000.

Da noite para o dia, mostrando ao mundo não ser aquillo que, em campanha de desmoralização, apregoava a Allemanha, com baixos fins commerciaes, a gloriosa França antepoz á invasão tedesca milhares de peitcs varonis, defensores de uma patria e de ideaes que não morrem.

Entretanto, para a obtenção de technicos, é preciso tempo e não bastam enthusiasmo e boa vontade, já quando troam os canhões.

ARTE NACIONAL



REGO MONTEIRO — Estylisação de deuses indígenas.



REGO MONTEIRO — Estylisação de deuses indígenas.

Um chimico não se obtem dentre um pequenissimo numero de individuos, dos que já cursaram cerca de 5 annos de escola primaria, sommados a outros 5 de curso secundario e seguido de cerca de outros tantos de curso especial. E' uma fracção infima, dentre os homens que sabem ler e escrever, que consegue illustração superior e só alguns dentre estes se dirigem para o terreno da chimica.

O amor da patria, por mais intenso que seja, não conseguirá dar ao paiz, de momento, sufficiente numero de technicos, a garantia mais segura de exito em campanha militar.

Essa poderosa retaguarda possuiu-a a Allemanha, que havia muito se preocupava em formal-a, utilitarista como é.

Utilizou-a na guerra, incrementou-a na paz, dando ás escolas superiores os meios precisos de investigação, homens de valor, generosamente remunerados, dirigindo os laboratorios, sempre em contacto intimo com as necessidades do paiz e do momento, ligados directamente com as industrias, que delles recebiam, como auxiliares preciosos, os seus discipulos. Além disto, auxilios nacionaes ou privados, como a bolsa de Liebig, que só em uma primeira subscrição entre industriaes obteve 1.020.000 marcos, são dados áquelles que, mal bafejados pela fortuna, quizerem aperfeiçoar seus estudos. E assim, uma divisão, 30.000 soldados, com uma cultura technica especial, com uma média talvez de 15 annos de curso pelos bancos escolares, dirigidos por uma elite, trabalharam nas usinas allemãs, não contando com o exercito innumeravel de operarios especializados.

Um sabio, autor de certo processo de fabricação synthetica de ammoniaco, dispunha de 200 chimicos como auxiliares em seus laboratorios. Cada professor contava com a ajuda de quantos assistentes julgasse necessarios.

Se o latino já possuísse auxilio tão precioso, como não rebrilhariá o seu espirito innovador e arguto, produzindo não sómente para engrandecimento commercial, mas para elevação moral reconfortante do genero humano !

Mas que differença entre o proceder allemão e o que se observou longo tempo em França ! E basta para exemplo lembrar a serie de impecilhos burocraticos e de indignas mesquinhas que durante tanto tempo impediram o trabalhar descansado e productivo de Moissan, essa gloria franceza e mundial, que isolou o fluor.

Aos 30.000 chimicos da Allemanha a França antepoz os seus 2.500. Destes apenas cerca de 1.000 ultrapassavam os 35 annos de idade; 1.400 foram mobilizados, sendo 800 aproveitados nas industrias chimicas de guerra.

Estes dados numericos são de Carré, doutor em sciencias physicas e professor de chimica industrial na Escola dos Altos Estudos Commerciaes, que nos dá a seguinte, entristecedora explicação: "D'ouí vient cette dispersion des chemistes français ? De ce que, surpris par la guerre, nous avons conservé le principe de notre organisation d'avant guerre, laquelle considère tout individu comme unité combattante, sans distinction de sa valeur technique".

Não façamos o mesmo, não esperemos pelo ultimo momento e constituamos, bem robusta, a nossa retaguarda.

Se de um lado o futuro nosso está ligado ao braço humilde do operario, depende ainda mais da formação da elite para dirigi-los.



Antes que fosse possível a synthese organica, reinava a idéa de que algum factor inatingivel ao homem presidia á formação dos corpos organicos. Um privilegio da natureza, uma força desconhecida e mystica, a força vital, era indispensavel ao fabrico daquillo que só os corpos viventes conseguiam produzir.

Com os trabalhos de Wohler entreviu-se, pela synthese da uréa, algumas possibilidades, tornadas realidades pela monumental obra de Berthelot, seguida da de seus contemporaneos.

Ruiram doutrinas philosophicas e para felicidade da humanidade, nova éra industrial proporciona, desde então, sempre em crescendo, maior somma de elementos de conforto, collocando o homem civilisado cada vez mais á distancia de seus irmãos incultos.

Durante a sua propria existencia Berthelot poude ver dois mundos bem diversos e orgulhar-se de ter contribuido grandemente para essa modificação. Esse homem, que mais alto não poderia subir como cientista; como politico, gozando de grande prestigio em França, logo após os tristes dias de 1870, como sabio sem paixões, reconhecendo a existencia de grandes homens de genio e de talento, na patria de Liebig, Fischer e von Bayer, mostrava de onde provinha a superioridade da producção germanica, em materia de chimica e como os de hoje chamava a attenção sobre a superioridade das installações escolares de Além-Rheno, sobre a grande dotação de seus laboratorios, comparando-os com as miserias dadas ás instituições francezas. Pediu, implorou, não conseguiu tudo que a sua capacidade mostrava ser indispensavel e que o seu patriotismo julgava inadiavel. Em seus artigos sobre sciencia e philosophia diz elle: "pendant que les nations voisines developaient réellement, et non par des stériles inaugurations, l'outillage de leurs universités, laboratoires et bibliothèques, et tendaient ainsi à prendre la tête de la civilisation et du progrès matériel; nous avons la douleur de voir la France perdre, peu à peu, son rang; arrêtée dans son développement par l'étroitesse de vues de son gouvernement, si ce n'est par une sourde et secrète hostilité contre l'esprit d'indépendance, inseparable de la forte culture scientifique.

"Ce n'étaient pas des refus formels que l'on opposait à nos demandes. Sans en contester le principe, on répondait toujours: "Mais vous ne produisez rien! vos études sont, il est vrai, l'honneur du pays; mais en ce moment nous avons des dépenses plus urgentes; dès qu'il aura des excédents on avisera.

"Rusticus expectat dum defluat annis; at ille Labitur et labetur "in omne volubilis aevum".

E 40 annos após a época em que Berthelot assegurava estar ficando a França inferior á Allemanha em questões de chimica, quando, segundo elle, não era por falta de generaes na materia, porém de soldados, vimos compungidos entrarem em luta 30.000 chimicos allemães, contra 2.100 francezes, pois 400 dos chimicos de França figuram como simples soldados de linha.

E o Brasil, immenso de sólo, rico em mineraes, fertil em culturas? Como explorar os primeiros, como melhorar as segundas? A chimica fatalmente virá indicar os methodos de extracção das riquezas do subsolo; sabedora da composição dos terrenos e dos requisitos das diversas plantas, orientará a agricultura e a industria.



Não esperemos, porém, que novos Cabraes de além-mar venham descobrir em nossa casa aquillo que possuímos e não sabemos.

Façamos chimicos que, com coração brasileiro, amando o torrão natal, nos tragam de futuro a melhoria material e economica do paiz.

Varias Suissas cabem, já não diremos no Brasil, simplesmente no Estado de S. Paulo. Na Suissa disputam o primeiro lugar, com celebridades á frente, nada menos de seis Universidades, uma excellente Escola Polytechnica e varics technicos de primeira ordem.

Em S. Paulo achou-se luxo demasiado existir um curso superior de agricultura na Polytechnica, uma vez que um curso medio, util sem duvida, mas que não suppre a existencia do primeiro, se fundeu em Piracicaba.

São Paulo possui, hoje em dia, um curso superior de chimica na Polytechnica, com professores de alta competencia e frequentado por limitadissimo numero de alumnos.

Divulgue-se a sua existencia mal conhecida, attraiam-se jovens a esses estudos e aos pharmaceuticos, que constituem os poucos individuos com certa noção de chimica, entre nós, juntem-se homens com solidos conhecimentos da materia. Empregue o governo tanto capital quanto possivel nesse curso e espere pelo garantido beneficio, sem dizer: "Vous ne produisez rien!... dès qu'il y aura des excédents on avisera".

Torne-se publico poderem as escolas superiores do Estado receber donativos de particulares. Mostre-se aos industriaes a vantagem em collaborarem na criação de um meio mais elevado.

Agora, para terminar, um paralelo ilustrando como se premeia e se incita e se acoroça o ensino superior entre nós.

Um guarda-trem da Central, se é de 1.^a classe, ganha 600\$ por mez, se de 2.^a 500\$. Quando viaja (um guarda trem sempre viaja), percebe diarias. Gratificações additionaes de 10, 20, 30 e 40 o/o, relativas ao tempo de exercicio, se incorporam definitivamente ao ordenado. Quer isso dizer que, mesmo dispensando as diarias, ha guardas de 1.^a classe que recebem mensalmente 600\$, 660\$, 720\$, 780\$ e até 840\$ e de 2.^a classe, que são contemplados com 500\$, 550\$, 600\$, 750\$, 800\$. Um chefe de officinas no telegrapho nacional ganha 750\$ e o seu ajudante 600\$ mensaes. Além de tudo, figura no horizonte o engodo das aposentadorias, estrychnina mortifera de todo o estimulo e paralysante dos propositos honestos. E' bem caro o voto em nossa terra! Um distribuidor de sementes na secretaria da Agricultura percebe 500\$ mensaes, certos amanuenses chegam a ganhar 600\$, o porteiro do senado 600\$, um archivista do Serviço Sanitario 600\$, um escripturario de 1.^a classe 500\$, um chefe de cocheira de Butantan 400\$, um preparador da Polytechnica 350\$, um professor substituto 450\$ e um cathedratico 700\$, se tem uma cadeira, 800\$, se tem duas. Nas escolas superiores, além dos descontos correspondentes, apparecem de quando em quando subtraccionaes bastante elevados.

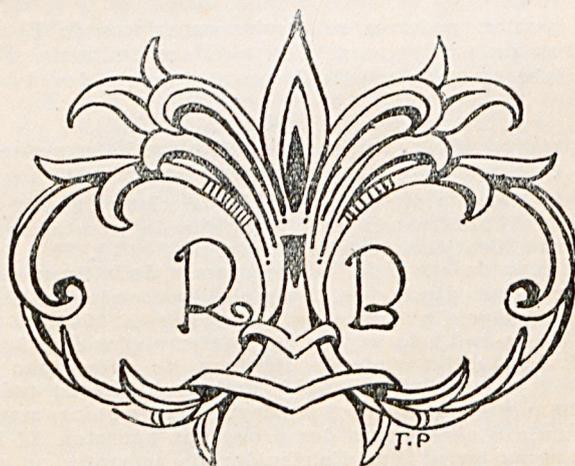
Para se ser escripturario, guarda-trem, ajudante do chefe de officinas do telegrapho nacional, distribuidor de sementes na secretaria da Agricultura, basta saber o que qualquer individuo, que ainda não esteja completamente comido de ancylostomos, idiotisado por tripanosomas, pôde aprender em algum tempo de escola

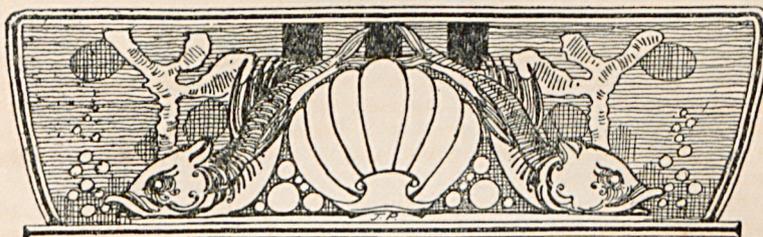


primaria, exigindo-se como prova de competencia apenas bons "pistolões". Para exercer cargo de preparador, professor substituto ou cathedratico de uma escola superior, só se encontram pouquissimos individuos em condições de preparo e destes só alguns quererão preferir a carreira do magisterio ao que a vida pratica lhes offerece mais generosamente.

Não é certamente um incentivo ao trabalho scientifico tão parca e ridicula remuneração. Certamente o jovem estudante pensa, ao ver isto, ser melhor deixar-se ficar na ignorancia, que o paiz protege, a procurar com esforço elevar-se, o que significaria desarmar-se com a obtenção de conhecimentos superiores.

A industria florescente do nosso paiz, sobretudo no nosso Estado, remunerará melhor os profissicnaes scientificos e cada dia mais delles precisará. Com os heroes que hoje leccionam "pro honore", formemos a nossa retaguarda.





VILA DE TANZOLO

POR MAGALHÃES DE AZEREDO

(da Academia Brasileira)

*Em meu sonho se espelha a branca viia.
Entre ciprestes... por milhões de rosas
cingida de grinaldas jubilosas,
sua pureza clássica scintila.*

*André Palladio, no apogeu da glória,
lhe imaginou sorrindo, inclitamente,
como versos de um hino de vitória,
as colunas de mármore esplendente.*



*Depois, como coroa, da divina
obra do vate recompensa justa,
firmou nelas a cúpola venusta,
que os horizontes, do alto azul, domina.*

*E Paulo Veronez, o nunca exausto
de luz e de festins creador jocundo,
vida ali deu, com soberano fausto,
aos filhos do seu genio — a todo um mundo*

*de numes, ninfas, náíades, Cupidos,
herois preclaros, damas deslumbrantes;
da vila os quiz perpetuos habitantes,
d'aquela côrte cortezãos garridos.*

*Os dois mestres sublimes, em consciencia,
criam servir o sonho peregrino
de algum teu nobre avô, com a excelencia
do esquadro e da palheta... E era o destino,*



*que lhes impunha á fantasia acesa
a casa bela, onde tu nacierias,
aurora de beleza, que devias
nacer entre os dons puros da beleza!*

*Mas a alma do logar, a alma das cousas,
bem pressentia o delicioso arcano.
Berços se abriam, funerarias lousas
selavam-se no chão, anno após anno...*

*Séculos se escoavam... Num anseio
mesto as flores e a brisa, em vastas maguas
a voz dos bosques e a das grandes aguas
lá sussurravam: "Ela inda não veio!"*

*Que frémitos de gôso e de ternura,
na terra, no ar, no ceu vibraram, quando
tu vieste, emfim, espléndida creatura!
Exultaram os seres, adorando...*



*“ O’ esperada ! ó prometida ! ó doce
rainha nossa ! ” — os rouxinois cantavam.
E as rosas te beijavam e incensavam.
E cada espinho em tuas mãos quebrou-se...*

*Menina e moça, tu partiste. Agora,
na branca vila, que a tristeza invade,
tudo te chama, tudo um treno chora
de eterna e fidelissima saudade!*

Roma.





DOCUMENTOS INEDITOS SOBRE A QUEDA DO GABINETE ITABORAHY

ANNOTADOS E PUBLICADOS POR JOSÉ WANDERLÉY DE
ARAUJO PINHO

Nas paginas que se seguem, um illustre parente do grande Cotegipe presta excellente serviço á nossa Historia — serviço de multiplos aspectos, que logo se revelarão a quem quer que inicie a leitura de tão instructivo, interessante e curioso trabalho. Grande pena, que este esforço benemerito do sr. J. W. de Araujo Pinho não tenha muitos imitadores, dispostos como elle a projectar golpes de luz reveladora sobre as coisas do passado!

I

Ao ordenar documentos para nosso estudo, a necessidade se nos impoz da publicação destes que aqui se seguem.

Elles contestam affirmativas que correm, elles corrigem erros ignorados, elles abrem novo campo á critica e, provocando apreciações, trarão quiçá ao lume da imprensa outras que as completem e esclareçam.

E pela razão mesma de que o que se nos impunha era a só publicação de papeis ineditos, fizemos timbre da abstenção de todo o commentario. E onde podia apparecer a pretensão de um estudo historico avulta apenas, ou muito mais, o interesse grande e o sainete especialissimo dos papeis de uma época, na sua perfeita integridade de redacção e na sua minuciosidade de relatos.



A nós se nos afigura esta pagina, escripta por um contemporaneo ao correr dos successos, um depoimento muito estimavel, de leitura muito proveitosa aos que não desdenham da patria historia.

E foi por servir á Patria, na sua Historia, que tiramos desde logo estas notas do quedo silencio inutil em que jaziam.

Corria o mez de Maio de 1870. Havia quasi dois annos estava no poder o gabinete Itaborahy (16 de Julho de 1868), agora constituido de Itaborahy — presidente do Conselho e ministro da Fazenda; Paulino — ministro do Imperio, Nebias — ministro de Justiça, Muritiba — ministro da Guerra (e, de 9 de Junho de 70 em diante, interino da Justiça), Cotegipe — ministro da Marinha e interino de Estrangeiros na ausencia de Rio Branco, no Prata (Rio Branco voltou á pasta em 30 de Agosto desse anno de 1870), Diogo Velho — ministro da Agricultura.

Desde Janeiro haviam deixado o Gabinete os conselheiros Antão e Alencar.

Estava terminada a guerra do Paraguay. Em principios de Março Chico Diabo dera fim, com um lançasso mortifero, ao corpo e vida do dictador paraguayoy.

Iam-se abrir as Camaras; o Ministro cuidava de redigir a fala do throno. Succediam-se as reuniões e Itaborahy conferenciava com o imperador.

A idéa que senhoreava então, e de todo em todo, o animo de Pedro II era a idéa emancipadora. Intenção amadurecida com o tempo, velho designio até aquella época adiado pela força de extraordinarias circumstancias.

As disposições do imperador eram decisivas. Elle queria encabeçar o movimento e era de opinião que ao governo competia agitar e resolver a questão. Haveria talvez ahi alguma vaidade: — á Europa, aos abolicionistas francezes que lhe haviam dirigido uma representação — queria mostrar clara a sua direcção nesse magno assumpto. Não se conformava em ser, ou parecer, o príncipe que se rendesse ao voto da opinião de seus governados — queria sim ser o imperante que fizera a libertação dos captivos do seu Imperio, mesmo arriscando o seu throno (com risco de ser “esmagado” como elle proprio o disse numa das conferencias logo descriptas).

A's refulgencias de sabio e homem de letras que scintillavam em sua corôa pretendia juntar agora os reflexos dessa perola de libertador.

Por isso não cessara, desde alguns annos, o seu trabalho junto



a seus ministros para que suscitassem a questão e algum passo dessem por solvel-a. Dizia-se que em 1865 insinuara a Olinda alguma medida e que esse estadista se recusára a attendel-o (Sarraiva no Senado desmentiu essa versão dizendo terem sido alguns ministros, sobretudo Nabuco, os que haviam agitado a idéa e não o imperador); em 1866 recebera de Pimenta Bueno os projectos que talvez pedisse ao sabio jurisconsulto; ainda em 1866, é certamente á sua influencia que o ministro da Justiça responde, em nome do governo, a uma mensagem dos abolicionistas francezes; em 1867, o Ministro Zacharias inclue um topico sobre o elemento servil, na fala do throno, estando o Brasil em guerra. Ainda que o caracter de Zacharias não admitta fosse isso resultado de uma imposição imperial, é certo que S. M. animou, influuiu o senador bahiano a dar passo tão pouco politico.

Cessada a guerra, normalisada algum tanto a vida nacional, entendia D. Pedro levantar de novo a questão, a respeito da qual, desde a fala de Zacharias em 67, se não alludia em documentos de seu governo.

Foi por isso que, ao se approximar a abertura das Camaras, escreveu a Itaborahy a seguinte carta:

Sr. Itaborahy.

Não sei quando se abrirão as Camaras: porém é necessario que eu possa a tempo examinar o projecto da fala do throno.

Pelos motivos que lhe tenho exposto, e entre os quaes o sr. bem sabe que não tem senão menor importancia para mim o meu modo de pensar, entendo que seria um grande erro o não dizer o governo alguma coisa sobre a questão da emancipação na fala do throno.

As minhas idéas capitaes são as que voluntariamente poz em pratica o barão de S. João do Principe, e quem dera que do mesmo modo procedessem todos os senhores de escravos. Entendo que o barão merece alguma graça por essa acção, a qual contribuiria para mostrar que não ha em alguém a imprudencia que certas pessoas lhe querem attribuir e senão que a minha casa, pelas razões que lhe communiquei, não tivesse podido anticipar-se ao barão de S. João do Principe. Felizmente os escravos que ainda se acham ao serviço de minha casa são de propriedade da Nação, e espero que o poder legislativo facilite as manumissões por parte de minha casa, adoptando uma lei no sentido da nota que lhe dei.

Excuso dizer que tudo o que lhe acabo de escrever será sabido unicamente do ministerio, que muito estimarei concorde commigo na necessidade que sempre lhe tenho exposto de alguma coisa dizer-se na fala do throno a respeito desse assumpto, de que todos parecem occupar-se menos o governo.

Diga a seus collegas que podem ir, mandando-me as provas de seus relatorios.



Esta carta não carece de resposta. Conversaremos opportunamente deste assumpto ou quando o sr. entenda preciso.

..... (illegivel)
 distribuir (illegivel)
 convenientemente.

D. PEDRO II

1.º de Maio de 1870.

Itaborahy, porém, como todos os seus companheiros de gabinete, resolveu não attender á vontade do imperador.

Desde que vamos publicar documentos inéditos que esclarecem por completo este trecho de nossa vida politica, não nos parece inconveniente, antes se nos assemelha do maior cabimento incluir aqui o que disseram historiadores que se occuparam do assumpto.

Pereira da Silva, nas "Memórias do Meu Tempo", assim se pronuncia:

Na fala do throno, que cumpria dirigir-se aos membros das duas Camaras em Maio de 1870, pretendeu o imperador incluir um periodo referente á necessidade de deliberar-se acerca do elemento servil, cuja idéa permanecia inabalavel no espirito de sua majestade.

Não o admittiu Rodrigues Torres. Parecia-lhe inopportuna a occasião. O estado melindroso das finanças publicas, os estragos e calamidades resultantes da guerra, a necessidade de manter-se a principal senão unica industria, que era a agricola, a falta de uma corrente regular e progressiva de colonos emigrantes cujos braços podiam supprir as deficiencias da lavoura, não permittiam no momento sacrificio tão extraordinario, bem que todos os brasileiros desejassem que o captiveiro se extinguisse.

Cedeu o imperador, a contragosto, ás observações de Rodrigues Torres; mas reservou-se para, quando lhe sorrisse occasião mais propicia, levar adeante seu proposito.

Soube-se geralmente do attrito entre sua majestade e Rodrigues Torres, commentaram-no os periodicos e começou-se a espalhar o boato de que o imperador pensava já em substituir o ministerio por outro que lhe adoptasse a idéa. Propagou-se mesmo que Pimenta Bueno seria o organisador do novo gabinete, e que já tratava de convidar confidencialmente a amigos a o auxiliarem na empresa.

A fala do throno, com que se abriu em 6 de Maio a sessão legislativa, não tratou portanto do elemento servil. ("Memorias do Meu Tempo").

Joaquim Nabuco friza bem a attitude do imperador:

Entretanto, acabada a guerra, estava preenchida a condição accéita do Conselho de Estado para se tratar da emancipação; era visível para os que tinham acompanhado a attitude do imperador nessa questão e lhe conheciam o character e os processos de governo, que chegava o momento esperado por elle para recommear junto ao governo conservador os es-



forços que fizera nos ministerios Olinda e Zacharias, em 1866, 1867 e.....
1868, a favor daquella reforma.

.....
O conde d'Eu tinha, em Setembro de 1869, dirigido ao governo provisório de Assumpção uma carta datada do quartel general, pedindo a liberdade dos escravos que restavam no Paraguay. Não eram muitos, mas a importancia do acto do general brasileiro, esposo da Herdeira Presumptiva, estava no contagio, por parte d'elle no momento da victoria, que a sua iniciativa havia forçosamente de espalhar no Brasil. ("Um Est. do Imp.", vol. 3.º, pag. 162).

Um e outro eram fieis ao que na verdade se havia dado.

Redigiu o gabinete a despeito da vontade imperial o projecto de fala sem mencionar a questão do elemento servil, e, em conferencia, apresentou-o a 4 de Maio (1870) a s. m.

Essa importantissima conferencia, como a que se realisou no dia seguinte, foi protocollisada por Cotegipe, encontrando-se, como duas actas, escriptas ambas por sua mão, num dos maços de seu archivo. São valiosissimos documentos nos quaes, com traços frizantes da psychologia do imperador e de alguns membros do gabinete, sobretudo Cotegipe, vê-se, nas franquezas da intimidade das conferencias, o perfil exacto da attitude e das disposições de Pedro II com referencia á questão servil.

E' este o teor da nota deixada por Cotegipe:

Duas conferencias para a redacção da Fala do Throno em 1870, em 4 e 5 de Maio com s. m. o I. D. Pedro II.

1.ª CONFERENCIA EM 4 DE MAIO

Lido o proj. disse s. m. que o achava em geral bom; mas que tinha de fazer algumas reflexões sobre uma omissão, que notava, e eram a respeito do elemento servil; que já em uma carta ao presidente do conselho enunciara sua opinião, e posto que o presidente do conselho já lhe houvesse declarado qual a decisão do gabinete, desejava expôr as razões, que tinha para insistir na inserção de um topico, que tratasse desse objecto. Antes de proseguir convem saber-se qual o sentido e os termos dessa carta; eilos:

(A carta dizia que era um grave erro não incluir na fala o negocio do elemento servil, e mostrava grande empenho nisso. O sr. presidente do conselho, que ficou de dar-me a carta, não o fez). (*)

Disse s. m. que na passada sessão concordara em que não se tocasse nesse ponto em consequencia do estado de guerra, em que nos achavamos; porém, que esse estado desaparecera; que a opinião se agitava em favor da emancipação; que a questão se havia de resolver e que cumpria encaminhal-a e tranquillisar os proprietarios; que sua opinião era a do conselho

(*) Essa carta, já retro-transcripta, pertence ao Archivo do Instituto Historico Bahiano, offerta do socio Rogaciano Teixeira.

de Estado (liberdade do ventre), e ainda que o gabinete não estivesse por ella, seria politico e de bom effeito que ao menos declarasse que se occupava da questão; que não insistiria se todos os proprietarios tivessem procedimento igual ao do B. de S. João do Principe; isso, porém, não era de esperar. Sabendo já, como sabia, da opinião collectiva do gabinete, desejava ouvir a opinião individual dos ministros.

Passando a tomar os pareceres, a discussão abrangeu os diversos systemas de resolver tão difficil e delicado problema. Todos concordaram em que a questão não era uma questão dos partidos, embora lhes pudesse servir de arma no futuro, porque os interesses eram identicos neste caso; liberaes e conservadores soffreriam as consequencias; que cumpria ser tanto mais estudada, quanto era immensa sua gravidade por ser antes questão social que politica; porém, que a Fala ao Throno não devia conter senão aquelles assumptos para que o governo estivesse preparado e quizesse reduzir a lei, sendo que não tinhamos opinião assentada sobre o melhor meio de resolvel-a (a questão), e não era portanto prudente agitar os espiritos, trazer pendente uma ameaça sobre a propriedade; que quando se tocasse na questão devia-se em seguida apresentar os meios de resolvel-a; emfim que a quem tivesse taes meios cumpria executar qualquer reforma e não a nós.

Aqui s. m. observou (e por vezes interrompera quem falava com outras observações) que a solução dada pelos conservadores seria mais bem acceita pelos fazendeiros. — Respondeu-se-lhe que se para isso tivessem os conservadores um plano, e que isso é que lhe faltava.

Em conclusão houve dois votos, — os dos srs. Nebias e Diogo Velho — de não haver inconveniente em dizer-se que o governo se occupava de estudar a questão; quatro para que nada se dissesse, embora no seu relatório o ministro da Justiça tocasse no ponto expondo as differentes opiniões que tem apparecido para a resolução do problema e sem emittir a do governo. Esta necessitava ser esclarecida por uma estatística previa do numero de escravos, seus sexos etc. etc., sua mortalidade e nascimentos, alforrias por differentes modos etc.

Já estando a questão dos systemas differentes discutidas, quando aliás não era este o ponto capital, como por vezes notou-se, e não me sendo possível resumir as opiniões de cada ministro em particular, darei um transumpto da minha. Eu disse que quando não fosse um dever do cargo falar com franqueza e consciencia, o exemplo que nos acaba de dar s. m. me animaria a não ter reservas mentaes;—que havíamos accitado o ministerio com a condição de não agitarmos esta questão e embora o fim da guerra parecesse collocar-a em differente ponto comtudo as consequencias perdurariam por muito tempo e a confiança ia-se restabelecendo; se porém tocássemos na principal fonte da nossa riqueza veríamos tudo transformar-se com rapidez;—que esta especie de guerra seria a meu ver peor que a do Paraguay. Accrescia, como diziam meus collegas, que não tinhamos trabalhos nem mesmo opinião assentada e introduzir na fala do throno semelhante topico seria dar mais força e acelerar o movimento sem sabermos de que modo encaminhal-o; que eu estava persuadido de que a questão tomou a gravidade que lhe reconheço porque partiu o grito de alarme do governo e porque todos crêm que o impulso vem de s. m. que tendo e devendo ter grande força na opinião acarretava os dubios e todos quantos julgavam assim agradal-o;—que eu sempre me oppuz a que o governo se mostrasse decidido a levar a cabo a questão porque isso accelaria, quando o dever dos governos era moderar e não agitar; que



deixassemos a opinião pronunciar-se e a seguíssemos, então, encaminhando-a com prudencia.

N. B. — Quando eu disse que me havia opposto, s. m. atalhou-me com as seguintes expressões: — “é até demais, declarando que se opporia até pegando na espingarda”. — Ao que respondi que não me recordava de ter empregado semelhante expressão e se o fiz nunca seria no sentido de levantar-me contra as leis do Estado e sim contra a opinião dos ministros.

Continuando, disse que me considerava como aferrado ás idéas anti-emancipadoras, sendo isso uma injustiça, como poderia provar até com projectos por mim apresentados, mas que a questão não era só humanitaria, jogava com a sorte da patria. Nestas condições, conhecidas minhas opiniões, seria da minha parte até falta de dignidade sujeitar-me ao que era contrario á minha consciencia.

O governo perderia tambem em força e dignidade porque se diria com razão, como já se diz por ali, que s. m. impoz-nos e nós acceitamos a imposição por amor do poder. Uma tal idéa era prejudicial á corôa e a nós, seus ministros.

Chegando a outro topico em que se fala do supprimento de braços livres que ajudem á lavoura s. m. propoz que em vez de supprimento de braços dissessemos — braços livres (ver-se-á na segunda conferencia o alcance desta insinuação). Ficou-se de fazer algumas rectificações de mera redacção.

Note-se: — 1.º que uma peça ministerial fosse tão discutida pela Corôa; —2.º a audiencia de opiniões individuaes, quando o gabinete só as tem collectivas em taes casos e assim as apresenta.

(Escrepto na noite de 5 de Maio)

P. S. Quando nesta conferencia se disse que a questão de emancipação era semelhante á pedra que rolava da montanha e que nós não a deviamos precipitar, porque seríamos esmagados, s. m. respondeu que não duvidava expor-se á queda da pedra, ainda que fosse “esmagado”!

E o Brasil? Esta é a questão...

SEGUNDA CONFERENCIA (EM 5 DE MAIO DE 1870).

Passando-se a examinar de novo o projecto com as emendas, foi approvado em sua generalidade.

Quando chegou-se ao topico que assim se exprime: “O desenvolvimento moral e material do Imperio depende do “auxilio que o supprimento de braços livres prestar á lavoura, principal fonte de nossa riqueza”, s. m. propoz que fosse substituido por este—“depende do trabalho livre applicado á lavoura, principal fonte de nossa riqueza”, porque essa era o fim e o “desideratum” de todos, e não passando de uma opinião que em nada compromettia o pensamento do governo, nem offerecia a objecção de não dever figurar como programma.

Insistiu ainda nas idéas enunciadas na conferencia anterior — parecendo-lhe um “erro” a nossa abstenção em falar no assumpto.

Observou-se-lhe que as idéas do projecto e emenda eram diametralmente oppostas: o projecto não tocava na emancipação, reconhecia a



necessidade de promover o trabalho livre, que fosse substituir o trabalho escravo; a emenda condemnava desde logo o ultimo e promettia substituí-lo, — só não indicando o modo, e era justamente aquillo para que não estavamos preparados.

No correr da discussão s. m. disse que era mister ter fé, que sem ella nada se faria; que sabiamos quaes suas idéas; que havia de persistir nellas; mas que tambem não iria além, e se havia de oppôr até a ultima para que se não fosse além; que na primeira occasião opportuna—“daria a conhecer francamente a sua opinião” e o faria “applicando á sua Casa a medida da liberdade do ventre”.

Observou-se-lhe que a questão não era de fé, e sim de profundo exame; que os ministros eram tão interessados quanto s. m. na felicidade publica, e cumpriam um dever de lealdade e consciencia declarando que s. m. não podia intervir com o peso de sua opinião e contra a de seus ministros em soluções desta ordem.

O barão de Muritiba representou muito respeitosaemente que s. m. em nosso systema não podia praticar aquillo a que estava resolvido.

O barão de Cotegipe abundou nas mesma idéas, acrescentando que as palavras de s. m. lhe causaram profunda tristeza, porque previa que de um tal passo nasceriam consequencias que muito prejudicariam a causa publica.

Que s. m. não tinha mesmo o direito que supunha ter (e neste ponto foram accordes os ministros).

Então s. m. replicou, que se não tivesse o direito de dar liberdade aos escravos da casa, renunciaria os seus serviços, e os mandaria para os arsenaes; mas que não se lhe podia contestar esse direito, e que o manteria ainda que fosse á custa de sua dotação.

O ministro Soares de Souza disse, que não se lhe contestava o direito de dar liberdade, posto que admittisse duvidas; do que se contestava era que pudesse fazer do modo e para o fim que s. m. expuzera.

S. m. accudiu — que emquanto “julgava dever conservar os ministros” sempre cedia á opinião destes, e o mostrava, — nesta occasião, — porém que da sua casa e dotação dispunha, como entendia, e que não sabia o meio de evitar-se que elle libertasse todas as “crias” á proporção que fossem nascendo, ou isso declarasse nos livros da casa.

O sr. Soares de Souza ainda observou que por actos isolados embora comprehendessem 10, 20 ou 30 escravos s. m. o podia fazer, e quanto ás crias — a liberdade dellas á proporção que nascessem, não produziria o effeito que receiavamos. Tudo o mais seria uma intervenção directa que contrariava o pensamento do governo.

O sr. presidente do conselho assistiu a esta Conferencia. Todos os ministros foram concordes nas idéas que foram sustentadas.

(Escripto na manhan de 6 de Maio).

E o imperador cedeu. Na fala do throno não houve sequer allusão ao problema servil.

Não está no nosso proposito, e seria até inconveniente, interromper a narrativa com commentarios. Entretanto, é de salientar o tom de energia e altivez com que os ministros fallaram em ambas as conferencias ao imperador. Na segunda, sobretudo, a discussão



sobre a attitude deste e seus direitos sobre os escravos de sua casa toma um surto de commovedora solennidade. Na primeira, aquella disposição de Pedro II, de fazer rolar a pedra da montanha, ainda que viesse por ella a ser "esmagado", é symptomatica de seu character (*) e de sua orientação no momento. E não é menos frizante a nota de Cotegipe logo apposta: "E o Brasil? Esta é a questão..." Que importava a quêda do monarcha, se o que se temia era que a campanha viesse a comprometter os interesses nacionaes?! Que valia a dymnastia em face do paiz?!

Essa nota giza bem quão pouco aulico era Cotegipe.

E' de salientar ainda aquella formal declaração do imperador de persistir nas suas idéas (ventre livre), mas que tambem não iria além e que se havia de oppôr até a ultima a que se fosse além.

Tudo isso acontecia em Maio, — em Setembro cahia Itaboraahy para subir S. Vicente com seu ministerio de curta vida.

Já o imperador não "julgava dever conservar os ministros" como prevenira.

Fôra a questão servil que derrubara o gabinete Rodrigues Torres?

Como?

A tensão daquella crise pudera prolongar-se por tanto tempo?

Quaes foram as razões ultimas e intimas da quêda do gabinete?

Vejamos em primeiro logar o que dizem os historiadores desses successos, a saber, se os papeis que temos em frente os confirmam ou contestam.

Dêmos a palavra a Pereira da Silva:

Estavam prorogadas as Camaras, para terminarem seus trabalhos do anno, quando circularam boatos imprevistos.

Lentamente occupava-se o Senado com a terceira discussão do orçamento geral, e o ministerio anciava vel-a terminada, para encerrar-se a sessão legislativa. Ao votado pela Camara temporaria, propuzeram ainda alguns senadores emendas e addições, e entre ellas leu-se na mesa uma de Nabuco de Araujo, consignando annualmente a quantia de mil contos, do saldo da receita, para alforriar escravos.

Recebeu Rodrigues Torres nessa conjuntura um bilhete do imperador, participando-lhe que merecia sua approvação o additivo de Nabuco de Araujo, e esperava que o ministerio o incluísse nas disposições geraes do orçamento.

Percebeu o ardil com que tentava Nabuco visar indirectamente a questão do elemento servil. Não acreditava, todavia, até então, nos boatos, espa-

(*) Lembrar que quando seus ministros se haviam opposto, annos antes, á sua partida para o Rio Grande, invadido pelo inimigo, achou meio de vencer as ultimas resistencias dizendo: "Se como imperador não puder ir, ninguem me impedirá que abdique e parta como simples voluntario."



lhados em confidencias particulares, de que Pimenta Bueno andava á cata de companheiros para organizar novo gabinete.

.....
(pag. 127) — Maguado Rodrigues Torres com o procedimento da corôa no tocante ao additivo proposto por Nabuco de Araujo e com a resolução de seus adversarios senadores (de lhe recusarem o credito de 25.000.000\$000 para prolongamento da E. de F. do Rio a Minas), convocou no dia 22 seus collegas de Gabinete. Concordaram todos que era chegada a época da dissolução do Gabinete e autorisaram o presidente do conselho a supplicar-a ao imperador.

Partiu Rodrigues Torres para S. Christovam. Annunciou a s. m. que resolvera o Gabinete retirar-se da administração publica.

Surprehendido o imperador com a inesperada resolução de Rodrigues Torres, declarou-lhe que formava o designio de ir á Europa, durante o anno de 1871, no intuito de restabelecer-se a saúde deteriorada da imperatriz e não podia executar a sua viagem sem deixar no Imperio, sob a regencia de sua augusta filha, um ministerio de confiança, para cuja escolha precisava de tempo.

Pedi-lhe, portanto, que conservasse o poder até o proximo mez de Março.

Replicou-lhe Rodrigues Torres que suas enfermidades e o cansaço produzido por dois annos de serviço laborioso lhe não permittiam continuar; e por mais empenhadas instancias de sua magestade não se demoveu de seus proposito.

Perguntou-lhe o imperador quem lhe aconselhava para organizar o novo ministerio. Lembrou-lhe Rodrigues Torres o nome de Luiz Alves de Lima.

Disse-lhe o imperador que estava adiantado em annos e depauperado de saúde.

Indicou-lhe em seguida Rodrigues Torres a Silva Paranhos. Retorquiu-lhe sua majestade que era seu collega no ministerio, acompanhara-o em todas as opiniões e actos e convinha pessoal novo.

Reflectindo Rodrigues Torres pronunciou o nome do senador Pimenta Bueno. Acolheu-o incontinenti o imperador com jubilo particular, e ordenou-lhe que transmitisse a Pimenta Bueno sua resolução.

Convenceu-se assim Rodrigues Torres de que tinham razão os boatos que corriam no tocante a intelligencias e accôrdos particulares do imperador com Pimenta Bueno.

Pensou todavia que não lhe cumpria divulgar os motivos verdadeiros que haviam produzido a dissolução do ministerio, e allegou perante o parlamento molestia de alguns membros do gabinete e fadiga de outros.

Aos amigos intimos, porém, que lhe estranhavam esconder a causa real de sua retirada do poder, declarou formalmente que considerava que a acção do governo pessoal pesava demasiado na administração publica, e afastava os povos do amor devido ás instituições, unicas, em sua opinião adaptaveis aos costumes, ao desenvolvimento moral e material, e á integridade do Brasil; que havia já bastante lenha na fogueira que ameaçava incendiar e destruir os alicerces do edificio monarchico representativo, e seu patriotismo lhe prohibia levar-lhe novos elementos que lhe apressassem a combustão.



Nabuco e Tobias Monteiro, tal como Pereira da Silva, affirmam ter sido o additivo Nabuco de Araujo no Senado a determinante ultima e maxima da dissolução do gabinete. Tobias neste passo resume a Joaquim Nabuco, cujas palavras transcrevemos. Informa o historiador do segundo reinado:

Em 18 de Setembro, na vizinhança do encerramento da sessão, Nabuco tem prompta a mina que fará saltar o ministerio.

Era o additivo dos 1.000.000\$000 para alforrias. Mais adiante accrescenta:

Esse discurso (com que Nabuco justificou o additivo) produziu grande impressão, sentia-se que o additivo implicava uma crise ministerial, que a idéa da emancipação tinha amadurecido em S. Christovam.

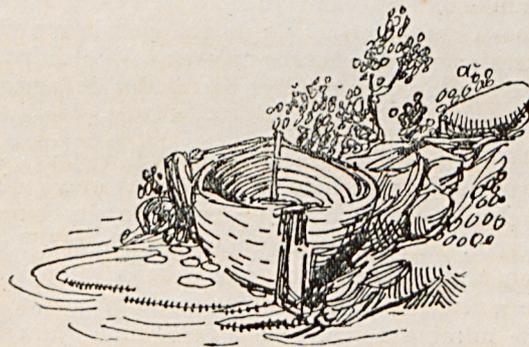
Com effeito, quem responde ao chefe liberal é Paranhos, um mez depois visconde do Rio Branco, ministro dos Negocios Estrangeiros que acabava de voltar da sua quarta missão diplomatica e politica no Rio da Prata e Paraguay, e a sua resposta revela, se não produz, a divisão esperada no seio do Gabinete: elle promette que na sessão seguinte o governo manifestará o seu pensamento,—“apresentará uma solução”,—é a variante de Cotegipe, ministro da Marinha, — e isso não está de accordo com o sentimento de Itaborahy ou do seu lugar-tenente Paulino de Souza. A solução de que Paranhos e Cotegipe falavam era favoravel á reforma: a que outro lado do ministerio tinha em mente era-lhe contraria.

Que o Gabinete estava dividido nesse momento, prova-o a discussão no anno seguinte a respeito dessas palavras de Paranhos, entre elle, Cotegipe, Diogo Velho (visconde de Cavalcanti) de um lado, e Paulino de Souza, sustentado por Itaborahy, Muritiba e Nebias, do outro.

Poucos dias depois daquelle discurso, o Ministerio Itaborahy retirava-se e a sua retirada geralmente attribuida á recusa, pelo Gabinete, do additivo Liberal.

(Op. cit., vol. 3.º pag. 176).

Eis ahi o que dizem os livros; vejamos agora o que falam as confidencias destes papeis, até agora silenciosos.





A PERFEIÇÃO

POR ZEFERINO GALVÃO

(da Academia Pernambucana)

PRECISAS marchar para a perfeição... disse-me um dia o bom Genio, passando a mão sobre os meus cabellos que perdiam a côr da noite.

Ouvi a proposta e considerei-a razoavel. De uma porção de vicios que possuia commigo, adquiridos por desfastio, mas produzindo unicamente dissabores, — resolvi sacrificar um delles... e foi o do jogo, com muito desgosto dos velhos companheiros de banca, pois ficavam sem a *mamata* de todos os dias, necessitando escolher outra victima, talvez mais custosa de esfolar.

Aborreci os baralhos de figuras exoticas; tangi para longe os bilhetes de loteria; antipathisei as tavolas e os dados do innocente gamão. E cessaram immediatamente as angustias, que eram infalliveis, quando eu perdia dinheiro, podendo guardar cinco mil réis, sem receio de que m'os tomassem.

Decorreram dias: os meus cabellos prateavam aos punhados. Voltou o bom Genio, convencido de que eu não era tão intratavel como parecera emquanto *chorava* as cartas, — e collocou-se deante de mim, a admoestar, com os olhos marejados de lagrimas:

— Tem pena de ti. Vê que o coração não resiste, e a intelligencia entrará na penumbra. Abandona a bebida.

A palavra *intelligencia*, dita por ultimo, vibrou muito mais alto no meu cerebro do que a outra pronunciada em começo. Que me importava o coração, se elle não podia ensandecer? E vi então, claramente, sem mais subterfugios, que poderia cair em demencia se continuasse a festejar as taças. Tive medo como um condemnado que foge de mirar a forca, se ella se levanta para esganal-o, e

recuei, sem saber, entretanto, como eliminaria o hediondo vicio, enlaçado ao meu corpo qual o polvo de Victor Hugo.

Querer é poder, entretanto, e eu quiz escapar á morte iminente, ao ludibrio manifesto, e afastei dos meus labios o copo de veneno. As horas que perpassaram, longas e successivas, antes de morrer totalmente a depravada lembrança, foram de lucta feroz, quasi sem treguas. A Logica dizia, batendo-me no hombro: "Resiste; não fraquejes um só instante, e a victoria será tua". A Perversão approximava-se de mim, collando a bôcca ao meu ouvido attento e propunha: "Segue-me; não escutes a cantilena dessa velha, teimosa em banir a alegria do teu peito." Cerrei os olhos como quem se horrorisa de contemplar um desastre; medi a profundez do abysmo e ergui a mão espalmada para o céu, jurando, á semelhança do côrvo de Edgar Poe: "Nunca mais! Nunca mais!..."

Pela terceira vez, depois de annos, reapareceu o bom Genio. Vinha risonho, confiante na victoria, e falou sem delongas:

— O tabagismo é a morte. Entre a bôcca e uma chaminé a differença é enorme. Portanto, elimina o cigarro.

— Ai!... suspirei, curvando a fronte como quem recebe o ósculo do desalento... Tú és bom; mas, exiges muito!... Nas minhas noites mal dormidas, quando o silencio me estende as dobras do seu manto e ordena que eu medite e chore sem testemunhas, — que companheiro terei a não ser o fumo que se evola em loucas espiraes? Porque me privas de sonhar, de olhos abertos, contemplativo qual chinez sob os vapores do ópio?

E o bom Genio replicou brandamente:

— Illusão! O que te parece sonho, é simplesmente o toxico sorrateiro a subir e a descer — do coração ao cerebro, da retina ao pulmão. Tú te embruteces; a tua memoria se apagará como lampada sem azeite.

Estremeci de assombro, lembrando-me de que a nicotina transformaria a reminiscencia em pura sombra, condunzindo-a depois ao subterraneo do esquecimento, onde a insensibilidade e o desanimo dormem no mesmo catre. E arremessei á distancia a ponta de cigarro que tinha pendente dos labios. Cuspi, como quem se purifica, e murmurei pela primeira vez:

— Immaculada coisa! Reduzir o estomago á desmantelada machina dos dispépticos!...

O meu gesto era semelhante ao de Clemenceau, que assim procedeu, para não succumbir prematuramente. Pratiquei como devera ter feito, ha vinte annos; mas, fiquei penalizado, rememorando sempre o pernicioso vicio, com vontade de experimental-o outra vez, pois o gosto do sarro não me sahia da bocca! Sentado á banca, para traçar algumas linhas, eu parecia a reproducção



daquelle homem que perdera a sombra e tinha o incontido desejo de procural-a. Erguia-me logo, na persuasão de que me faltava qualquer coisa, e então recahia em mim, verificando que esse objecto perdido ou essa distracção rebuscada era apenas o cigarro maldito e tentador, qual o demonio da lenda, occupado em perverter Santo Antão, o anachoreta da Thebaida.

Emfim, a sorte estava lançada: qual outro Cesar, eu transpuzera o Rúbicon, e não devia retroceder, sob pena de dar provas de grande fraqueza. Coisas que valem mais do que um cigarro, são fatalmente esquecidas, para a propria conservação da existencia. Pai, esposa, mãe, irmãos e amigos, a todos perdi... é exacto que soluçando, mas sem enlouquecer de dôr! Portanto, que me importava o cigarro, — o amigo falso, a quem só conhecemos, depois do damno causado!...

Trez vicios estavam fora de combate, e eu me dispunha a cantar hosanna, principalmente pelo espaço vencido, sem perigo de fallencia, quando me pareceu que o bom Genio passara pela minha dianteira, sobraçando um feixe de luz, — destinado á illuminação dos cerebros. Tornei-me suspeito, e disse de mim para mim:—“Elle”—o inimigo dos prazeres, a quem suppliquei delicias e obtive em resposta: “Acalma-te, visionario! não desejes o que origina a magua: por um prazer, cem dores!...” Sim; elle, o inflexivel!... Que quererá ainda? Até onde irá pedindo que eu me despoje dos attributos da vida material?! Que perfeição é essa, reduzindo-me á immobildade dos defuntos!...

Tencionava proseguir nos argumentos; mas, fui interrompido, ouvindo passadas de alguém que se avizinhava, porém, por traz, como as muriçocas ferroam. Olhei fixamente e reconheci o bem Genio: apanhara-me de surpresa, com receio talvez de que eu escapulisse. Pegou-me nas mãos; analisou-as... correu a ponta dos dedos pelas rugas da minha fronte e sorriu de leve... depois murmurou:

— Mais velho e menos intoxicado!...

— Bom; ficarei para semente... disse eu, involuntariamente, compellido pela ironia que sempre me conduziu nas suas azas de procellaria.

— Não ficarás para semente; mas, terás os dias menos attribulados... Ora, a perfeição! seria magnifica, com o teu organismo bem proporcionado, se não o tivesses combalido desde a juventude!

— Mas, eu era pobre, educado num meio vicioso, e tinha carencia de sensações; portanto, só as podia buscar dentro do cir-



culo das minhas leviandades. Depois... tarde me appareceste, e eu já tinha absorvido o inebriante filtro.

O bom Genio esboçou um riso de piedade, e expoz succintamente:

—Eu te procurei varias vezes; mas, tu não me deixaste falar. A tua allucinação era pertinaz.

— Bem; convenho. E agora, que me vens impôr? Ainda não cheguei á perfeição?!

— Para a perfeição, ainda falta... D'aqui a quatro annos serás um sexagenário, e bem sabes que o amor tem asco ás pessoas de olhos cavados e sem brilho, faces pallidas, cabellos embranquecidos.

— Não ignoro... confirmei sombrio. Entretanto, o coração não resfriou ainda. Assim como elle póde conservar o odio, porque não é o mesmo para a perpetuidade do amor?

— O odio é satânico; o amor é divino. Este, para não perder a essencia, desaggrega-se da materia, volatilisa-se; do contrario, tornar-se-ia um fóco de impurezas. Aquelle, pelas condições em que nasceu, não abandona o mundo e permanece infinito, como elemento de desordem. Quem ama pela carne, não tem elevação de espirito.

— Irra ! Tambem isto é preceito para algum cenobita ! Tem certeza que aos 60 annos, se eu os viver, serei um demente, um velho asqueroso e invalido ?

— Não sophismes... retrucou o bom Genio. Se deixares de amar pela invalidez physica, não teremos virtude, e sim, um caso naturalissimo. Quero que attinjas a perfeição, em todo o gozo das faculdades, afim de que possas desfrutar a candura da alma. Promettes ?

— Verei se é possivel... respondi, pensando numa multidão de assumptos, cada qual mais nebuloso.

O bom Genio deu-se por satisfeito e retirou-se. Vendo-me só, comecei a reflexionar:

— Que coisa enfadonha é a perfeição ! Ainda não a consegui, conforme a vontade do bom Genio; mas, já estou enfastiado como aquelle aldeão que votou Aristides ao ostracismo, pelo unico motivo de se lhe tornar insuportavel o cognome de *Justo* que davam ao grande atheniense ! Sou um producto de descontentamentos, como devem ser os demais homens, até mesmo os que se fingem de resignados.

Sómente em pensar, sobrecarreguei o cerebro e tive necessidade de descanso. Busquei uma espriguiçadeira que estava aos meus pés; cahi sobre ella, como quem se desprende de uma altura e



cerrei os olhos, segundo fazemos para attrahir o somno. Dormi, finalmente, e deve ter sido sonho o que se seguiu. Narremos com toda a fidelidade. Eu transpunha o Cabo Tormentorio, isto é, a idade dos 60 annos, sem jogo de nenhuma especie, sem bebidas espirituosas e sem cigarros, que tanto me enfumaçaram durante oito lustros. Examinava-me notando: a memoria fresca; a bocca sem amargo e a lingua sem saburra. A tosse desapparecera; o arthritismo diminui consideravelmente. Nestas condições eu iria ser o segundo Luiz Cornaro; mas... (tudo tem o seu porém!)... do amor, apenas me ficara a visão!... Eu estava impeccavel, — marchando para o tabernaculo da innocencia. Era, emfim, a grande perfeição, idealizada pelos theologos, exigida pelo bom Genio... E eu, na firme convicção de que deixara de amar, entreguei-me á tristeza, com um desejo immenso de succumbir, de espedaçar quanto antes esse trapo de vida a que estava miseravelmente apegado, qual o naufrago a uma fragilissima taboa.

Lembrei-me do suicidio... não, pela fome, como o desastrado Mac Swiney, porém, á moda Lucrecio, que teve o bom senso de finir-se pela ingestão de um veneno suave. Sim; era preferivel morrer, a continuar vegetando, desfazendo-se aos pedaços, caindo no ridiculo, que vinha a galope, para o malfadado encontro... E monologuei, com um soluço preso na garganta:

— Tudo... menos a insipidez de viver sem uma carícia de mulher formosa. Quando nem Adão supportou a ausencia de uma companheira, elle que fôra criado exclusivamente para a solidão... quanto mais eu que passei por todos os tramites da volupia! Rejeito a deradeira proposta de perfeição: sou um animal como os outros, — sujeito-me ás mesmas condições physiologicas. Não quero o nirvana dos indús, nem appello para o problematico cortejo de huris no paraíso de Mafoma.

Mal terminava este discurso, quando ouvi uma voz extranha, desagradavel, a dizer em falsete:

— Não te amofines: eu serei a esposa desejada. Espera pelo meu beijo; não escondas a frente.

Olhei, resolutamente, para ver quem me falava com tamanha impudencia, e senti um calafrio percorer-me toda a espinha dorsal. Marchava, para mim, de braços abertos, o horripilante esqueleto da Morte! Tentei expedir um grito, e a voz sumiu-se, estrangulada pelo terror. Metti os pés, para fugir desabaladamente; e de facto, saltei no meio da sala, sacudindo os braços, como quem repelle um inimigo, olhando em redor, como quem procura um objecto. Acordara: o coração palpitava; a testa estava alagada de suor, tão frio como o dos moribundos. Tardei um pouco em reconstituir as idéas, mas conclui:

— Um sonho ! Um pesadêlo horrivel ! Entretanto, será esse o desenlace, e talvez mais breve do que se imagina !... Que inucta, para lograr a perfeição ! Que lôgro depois de obtel-a !...

E sentei-me novamente, a olhar para o tecto, a contar os caibros, sem o menor desejo de abraçar a noiva que me surgira, enquanto eu resomnava á sesta, pensando na velhice, discutindo o dilemma da perfeição.





POR ARTHUR MOTTA

VISCONDE DE TAUNAY



(Fundador da cadeira n. 13. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 22 de Fevereiro de 1843 e falleceu na mesma cidade a 25 de Janeiro de 1899).

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 SCENAS DE VIAGEM — Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana, no districto de Miranda — 187 pgs. Rio, Typ. Americana— 1868.
- 2 VIAGEM DE REGRESSO de Matto Grosso á Côte — memoria na Revista do Instituto Historico tom. XXXII, p. II — 1869.
- * 3 CAMPANHA DO PARAGUAY (commando Mal. Conde d'Eu)—Diario do exercito — 404 pgs. — Rio, Typ. Nacional — 1870.
- * 4 LA RETRAITE DE LAGUNA — 1.^a edição do Rio — 1871. Possuió a 4.^a edição — 268 pgs. Tours, E. Arrault et Cie — 1913, e a traducção do dr. Ramiiz Galvão: *A Retirada de Laguna* — XXXV — 274 pags. Rio, A. Garnier, 1915.
- ° 5 A MOCIDADE DE TRAJANO — romance — 2 vols. — 169 — 245 pags. Rio, Typ. Nacional — 1871.
- * 6 DISCURSO — na sessão magna do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 24 pags. — Rio, Typ. de Pinheiro & C.^a — 1871.
- * 7 INNOCENCIA — romance — 1.^a edição — 289 pags. Rio, Typ. Nacional — 1872. Possuió tambem a 8.^a edição, de 272 pags. — S. Paulo, N. Falcone 1906

- (11º milheiro), a 9.ª edição de 292 pags. (12º milheiro) Rio, Francisco Alves & C.ª — 1912, e a tradução franceza de Olivier du Chastel, de 238 pags. — Paris, Leon Chailly — 1896.
- * 8 RELATORIO GERAL da commissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a provincia de Matto Grosso (1865-1866) vol. XXXVII p. II da "Revista do Instituto Historico", 1874.
- * 9 LAGRIMAS DO CORAÇÃO — romance — Rio, 1873. Só possui a 2.ª edição, com o titulo *Manuscripto de uma mulher*, 253 pags. — Rio, H. Garnier.
- * 10 OURO SOBRE AZUL (romance) Rio, 1874, 2 vols. Possui apenas a 4.ª edição, de 347 pags. — Rio, H. Garnier.
- * 11 HISTORIAS BRASILEIRAS — contos e um proverbio em 1 acto: "Da mão á bocca se perde a sopa" — 237 pags. — Rio, B. L. Garnier, 1874.
- * 12 A PROVINCIA DE GOYAZ NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1875 — 62 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1876.
- * 13 QUESTÕES POLITICAS E SOCIAES — discursos na Assembléa Geral Legislativa — (16.ª legislatura) 64 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos — 1877.
- * 14 NARRATIVAS MILITARES — (scenas e typos) — 270 pags. — Rio, B. L. Garnier — 1878.
- 15 QUESTÕES MILITARES — A classe militar perante as Camaras — artigos — Rio, 1879.
- * 16 HOMENAGEM A CARLOS GOMES — discurso no Congresso Militar — 15 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos — 1880.
- * 17 ESTUDOS CRITICOS — I — Historia da guerra do Pacifico — 92 pags. — Rio, Typ. de G. Leuzinger & Filhos — 1881.
- * 18 DISCURSO na Camara dos Deputados — sessão de 1-5-1882 — sobre o orçamento da justiça — 40 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1882.
- * 19 CÉOS E TERRAS DO BRASIL — scenas e typos, quadros da natureza, fantasias — 126 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos 1882.
- * 20 ESTUDOS CRITICOS — II — Litteratura e philologia — 163 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos — 1883.
- * 21 DISCURSO na Camara dos Deputados — sessão de 5-7-1883 — 76 pags. — Rio, Typ. Nacional—1883. Conhecido sob o titulo "Classificação de comarcas".
- * 22 DISCURSO na Camara dos Deputados, sessão de 12-7-1883 — 36 pags. — Rio, Typ. Nacional — 1883.
- * 23 O VISCONDE DO RIO BRANCO — esboço biographico — 88 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos — 1884.
- * 24 A NOVA LEI DE TERRAS — parecer — 26 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1886.
- * 25 CASAMENTO CIVIL — 93 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1886.
- * 26 A NACIONALISAÇÃO ou "Grande naturalisação e naturalisação tacita". — 138 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1886.
- * 27 QUESTÕES POLITICAS E SOCIAES — discursos na Assembléa Geral Legislativa (20.ª legislatura) — 91 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinger & Filhos — 1886.
- * 28 AMELIA SMITH — drama em 4 actos — 152 pags. — Rio, Laemmert & C.ª — 1887.
- * 29 DISCURSO no Instituto Historico e Geographico Brasileiro — (sessão magna de 15-12-1888) — 35 pags. — Rio, Typ. Industrial de Laemmert & C.ª — 1889.
- * 30 CARTAS POLITICAS — 76 pags. — Rio, Typ. G. Leuzinges & Filhos—1889.
- * 31 CURIOSIDADES NATURAES DA PROVINCIA DO PARANA' — 53 pags. (sem pagina do rosto).



- * 32 A CIDADE DE MATTO GROSSO (antiga Villa Bella) — o rio Guaporé — estudo historico — 116 pags.—Rio, Typ. Universal de Laemmert & C.^a—1891.
- * 33 BIOGRAPHIA do Conselheiro Antonio Florencio Pereira do Lago — 22 pags. — Rio, C.^a Typ. do Brasil — 1893.
- * 34 O ENCILHAMENTO (pseudonymo Heitor Malheiros) — romance — 2 vols. 246-204 pags. — Rio, Domingos de Magalhães — 1894.
- * 35 COMO ME TORNEI KNEIPPISTA — 3.^a edição — 213 pags. (Pseudonymo Jorge Palmer) — Rio, Laemmert & C.^a — 1896.
- * 36 NO DECLINIO — romance contemporaneo — 274 pags. — Rio, Ribeiro, Macedo & Companhia — 1899.
- * 37 AO ENTARDECER — contos varios — 196 pags. — Rio, H. Garnier — 1901.
- * 38 REMINISCENCIAS (1.^o milheiro) — 337 pags. Rio, Livraria Francisco Alves & C.a — 1908.
- * 39 RECORDAÇÕES DE GUERRA E DE VIAGEM — 192 pgs. — S. Paulo, Weiszflog Irmãos — 1920.
- * 40 DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO — 189 pags. — S. Paulo, Edição da "Revista do Brasil" — 1920.
- 41 VISÕES DO SERTÃO, livro a ser brevemente publicado.

Além das separatas mencionadas da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, possúo as seguintes: "Vocabulario da lingua guanã ou chané", "A expedição do consul Longsdorff ao interior do Brasil", "As Caldas da Imperatriz", "Visconde de Beurepaire-Rohan", "Estrangeiros illustres no Brasil" (Dr. Luiz Couty), "Biographia de Augusto Leverger", "Apontamentos biographicos de J. Baptista Marques da Cruz", "Allocação em 1888", "Discurso", "Zoophonia" (trad. da memoria de Hercules Florence), Notas de D. Pedro II ás "Curiosidades naturaes do Paraná", "Os indios Caingangs", "Discurso (fallecimento do Marquez de Sapucahy)", "Estrangeiros illustres e prestimosos".

Na *Revista Brasileira* tenho (2.^a phase): "Etudos sobre bellas artes", vol. I, pag. 556; "Meyerber e a opera "Os Huguenotes", vol. II, pag. 151; "Por um triz Coronel", proverbio em 1 acto, vol. III, pag. 310; (3.^a phase): "Um litterato argentino" (D. Martin Garcia Merou) vol. I, pag. 280, e vol. II, pag. 32; "O padre José Mauricio" — vol. 4.^o, pag. 229, e outros vols.; "Bibliographia", — varios vols.; "Um soneto celebre", vol. VIII, pag. 364; "Memorias do segundo reinado", vol. IX, pag. 265; "Um romance gôense", vol. X, pag. 264; "Augusto Leverger", vol. XIII, pag. 270 e seguintes.

Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas: "Abysmo e vertigem" (capitulo de romance), n.^o 39, de 1915; "Razão e coração" (capitulo de romance), n.^o 39, de 1915.

Revista da Academia Brasileira de Letras: "A conquista do filho" (peça em 4 actos), n.^o 7, pag. 71; "Parecer" (O vocabulo *Brasil* deve ser escripto com *s* ou com *z* ?), n.^o 2, pag. 301.

Collaborou no *Globo*, *Jornal do Commercio*, *Cruzeiro*, *Vulgarizador*, de Santa Catharina, *Gazeta de Noticias*, *Gazeta de Petropolis*, *A Noticia*, *Gazeta da Tarde*, *Correio de Petropolis*, *Almanack do Rio Grande do Sul*, etc.

Usou dos pseudonymos *Sylvio Dinarte*, *Cormontaigne*, *André Vidal*, *Mucio Scoevola*, *Sentinella*, *Jorge Palmer*, *Heitor Malheiros* e com o de *Flavio Elysio* publicou muitas composições de musica, chopinianas, peças sacras, romances para canto e piano, valsas de salão, mazurkas, estudos de concerto, peças para piano e violino, etc.

O seu retrato tem sido extremamente reproduzido, em "La Retraite de Laguna", "A retirada de Laguna", "Ao entardecer", "Innocencia", *Almanack Garnier*, "Littérature Bresilienne" de V. Orban, "Recordações de guerra e de viagem", etc.



FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Medeiros e Albuquerque — Discurso n.º 1 da "Rev. da Academia".
- 2 Francisco de Castro — Discurso n.º 2 da "Rev. da Academia".
- 3 Souza Bandeira — Discurso n.º 3 da "Rev. da Academia".
- 4 José Verissimo — "Estudos de litteratura brasileira", vol. II, pag. 265.
- " " — "Estudos brasileiros", vol. II, pag. 75.
- " " — "Historia da litteratura Brasileira", pag. 320.
- " " — "O encilhamento" ("Rev. Brasileira", 3.ª phase, vol. III, pag. 325).
- " " — "No declínio" ("Rev. Brasileira", vol. XVIII, pag. 125).
- " " — "Jornal do Commercio", 2-10-1899 e Janeiro 1899.
- 5 Affonso Arinos — "Notas do dia", pag. 279.
- 6 Joaquim Nabuco — "Escriptos e discursos litterarios", pag. 243.
- 7 Veridiano de Carvalho — Noticia no "Encilhamento".
- 8 Ernest Aimé — "Préface" de "La Retraite de Laguna".
- 9 Xavier Raymond — "Préface" de "La Retraite de Laguna".
- 10 A. C. — "Notice sur La Retraite de Laguna".
- 11 T. — Prefacio das "Reminiscencias".
- 12 Olivier du Chastel — "Préface" de "Innocencia".
- 13 Sylvio Romero — "Outros estudos da litteratura contemporanea", pag. 187.
- " " e João Ribeiro — "Compendio de litteratura brasileira", pag. 316.
- 14 Sacramento Blake — "Dictionnaire bibliographic".
- 15 Lery dos Santos — "Pantheon Fluminense".
- 16 Larousse — "Dictionnaire universel", tm. XV, let. T.
- 17 Garoia Merou — "El Brasil intellectual", pag. 141.
- 18 Dr. Fortunato Duarte — "Revista Brasileira", vol. 3.º, pag. 261.
- 19 Franklin Tavora — "Revista Brasileira" (2.ª phase), vol. 2.º, pag. 77.
- 20 Carlos Koseritz — "Alfredo d'Escragnolle Taunay" e "Gazeta de Porto Alegre", 1874.
- 21 Pinheiro Chagas — "Diario do Rio", 12-11-1874.
- " " — "No opusculo precedente, "Alfredo Taunay".
- " " — "Jornal do Commercio", 1880.
- 22 V. Orban — "Littérature brésilienne", pag. 133.
- 23 Eugenio Werneck — "Antologia brasileira", pag. 33.
- 24 Pereira de Carvalho — "Os membros da Academia Brasileira em 1915".
- 25 Antonio Salles — "Os nossos academicos" — Rev. Brasileira", vol. 9.º pag. 340.
- 26 "Revista Brasileira", tomo XVIII, pag. 129.
- 27 Alberto Torres — "Sylvio Dinarte" (Amelia Smith): "A Vida Moderna", n.º 31, de 5-2-1887 e seguintes.
- 28 Ronald de Carvalho — "Pequena historia da litteratura brasileira", pag. 261.
- 29 Azevedo Castro — "Uma gloria brasileira"—"In memoriam, Paris, 1899, pag. 28.
- 30 Cunha Barbosa (Ant.) — "Esboço bio-bibliographic" na "Revista da Academia Cearense".
- 31 Nascimento Silva (Alf.) — "Elogio na sessão magna do Inst. Historico", 15-12-1899.
- 32 Gurgel do Amaral (J. Avelino) — Série de artigos na "Noticia", 1899.
- 33 João Ribeiro — artigos no "Commercio de S. Paulo" — 1897.
- 34 Estevão L. Bourroul — Jornal "S. Paulo", Maio de 1907.
- 35 Leopoldo de Freitas — "Diario Popular" (1889), 1894, 20-5-911.
- 36 Ramiz Galvão — prefacio da 4.ª edição da "Retirada da Laguna".
- 37 Mariano Pina — "Jornal do Brasil" — 1896.
- 38 Dr. Arno Philipp — Prefacio da traducção allemã da "Innocencia".
- 39 Valentim Magalhães — "Noticia", 1895, e "Litteratura brasileira".
- 40 José C. Soto — "El Tiempo", de B. Aires, 16-2-1897.
- 41 "Correio da Noite" de Lisboa — 1896.

- 42 Sant'Anna Nery — "Jornal do Commercio", 29-11-1889.
 43 Juvenal Miller — "Correio de Porto Alegre" — Março de 1898.
 44 Alcides Maya — "Atravez da imprensa", pag. 85.
 43 Juvenal Miller — "Correio de Porto Alegre" — Março de 1898.
 45 Carlos de Laet — "Jornal do Commercio", 9—1—1887.
 46 Arthur Azevedo — "O Paiz", 1887 (Amelia Smith).
 47 Eduardo Salmonde — "O Paiz", Maio de 1885 (artigos).
 48 M. Uchida — na revista de Tokio "The Sunn" (Fevereiro 1899), trad. em inglez em "The South American Journal", 10-8-1901).
 49 Innocencio da Silva — "D'ecionario bibliographico".

Muitos jornaes francezes, inglezes e de outras nacional'dades publicaram artigos assignados sobre a "Innocencia" e "A retirada da Laguna".

E, por occasião do seu fallecimento, os jornaes cariocas, estadoaes e estrangeiros, dedicam-lhe desenvolvidos necrologios, a 26-1-1899, como: Ferreira de Araujo, ("Gazeta de Noticias"); Arthur Azevedo, ("O Paiz"); Constancio Alves ("Jornal do Commercio"); José do Patrocinio, ("Cidade do Rio"); Valentim Magalhães, ("A Noticia"); Affonso Arinos, ("Commercio de S. Paulo"); Martim Francisco Filho, ("A Cidade de Santos"); Ulysses Paranhos, ("Tribuna do Povo", de Santos); Alfredo de Paiva, ("Diario de Campinas"), etc., etc.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Em quasi todos os departamentos da literatura brasileira, excepto talvez a poesia, apparece o nome glorioso do Visconde de Taunay, alma de genuino artista, complexa organização cerebral. Figura nas bellas artes, como pintor e musico; nas letras, como romancista, dramaturgo, comedio-grapho, contista, critico e historiador; foi politico de adiantado espirito liberal; preoccupou-se com estudos de ethnographia, linguistica, sciencias naturaes, artes militares, engenharia geographica e varios assumptos sociaes.

Aprecial-o em todas as modalidades do seu talento polymorphico exige o desenvolvimento de alentada monographia, e não se pode abranger em synthese muito condensada o exame completo de sua individualidade.

Em pintura não passou de amator, embora revelasse decidida vocação, como attestam algumas telas reveladoras do seu engenho. Na musica, distinguu-se como *virtuose* no piano e inspirado compositor, de muita fertilidade, a julgar pela relação de suas composições musicaes, constante do prefacio da edição brasileira da "Retirada da Laguna", traduzida pelo dr. Ramiz Galvão.

Era tambem abalisado critico de arte, segundo se deprehe de dos trabalhos que nos legou sobre o padre José Mauricio, Carlos Gomes, Meyerbeer, os estudos sobre bellas artes e as impressões da Europa ("Recordações de guerra e de viagem").

A sua feição caracteristica e predominante consistia no literato, predilecção do seu temperamento artistico.



Estreou com uma memoria descriptiva do reconhecimento da zona comprehendida entre os rios Taquary e Aquidauana, na expedição militar á provincia de Matto Grosso, durante a guerra com o Paraguay. Esse livro, que denominou "Scenas de viagem", abriu-lhe as portas do Instituto Historico.

Foi seu companheiro e chefe na exploração o valente militar Pereira do Lago, que mais tarde mereceu a biographia redigida pelo seu camarada de campanha. E' interessante a leitura dessa narrativa, em que o autor manifesta decidida predilecção pela botanica e descreve as peripecias por que passaram as forças expedicionarias.

A parte preliminar e o diario completo dessa pretendida e ousada incursão no Paraguay, atravez de Matto Grosso, depois de expulsar os inimigos invasores do territorio nacional, acham-se minuciosamente descriptos no "Relatorio Geral da Commissão de Engenheiros", publicado mais tarde na *Revista do Instituto Historico*, (1874). E o epilogo da expedição temeraria do minuscuro e glorioso exercito, sacrificado na defesa da Patria, constitúe o admiravel livro "La Retraite de Laguna", emocionante episodio da guerra do Paraguay, julgado por varios criticos competentes como superior á "Retirada dos dez-mil" ou "Anabase", de Xenophonte.

Essa obra extraordinaria, narrativa sobria e commovente, verdadeira e de rara eloquencia, firmou a reputação literaria de Taunay, consagrada pelos elogios de Joaquim Nabuco, José Verissimo, Azevedo Castro, Carlos Koseritz, Pinheiro Chagas, Cuvillier Fleury, Ernest Aimé, Xavier Raymond, Schneider, Ambert e outros criticos competentes. Representa, ao lado do romance "Innocencia", os melhores attestados da fama merecida do escriptor.

Subordinada ainda ao mesmo genero — historia militar —, filia-se o "Diario do Exercito", sob o commando do Conde d'Eu, na guerra do Paraguay. Abrange o periodo de 16-4-1869 a 31-3-1870, quando o autor acompanhou o principe, no posto de capitão e servindo como secretario do seu estado maior. No livro posthumo "Recordações de guerra e de viagem" foram incluidas as reminiscencias da campanha da Cordilheira (1869-70), apontamentos que serviram de base ás suas "Memorias" ineditas, cuja divulgação só se emprehenderá depois de 22 de Fevereiro de 1943.

Outra obra posthuma — "Dias de guerra e de sertão" — serve de complemento aos trabalhos mencionados sobre a expedição a Matto Grosso e encerra os elementos basicos das "Memorias", guardadas na arca de sigillo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Varias obras de cunho historico e geographico escreveu Taunay, muito viajado na Europa e no sertão brasileiro: "Viagem de regresso de Matto Grosso á còrte", memoria inserta na "Revista do Instituto Historico"; as biographias publicadas na mesma revista trimensal; "O Visconde do Rio Branco" (esboço biographico); "Recordações de guerra e de via-



gem" (obra posthuma); "Dias de guerra e de sertão" (idem); "Curiosidades naturaes do Paraná" e "A cidade de Matto Grosso" (antiga Villa Bella) ou "O rio Guaporé e a sua mais illustre victima"; além das "Reminiscencias", das "Memorias" (ineditas) e das "Visões do sertão", volume a ser editado brevemente.

Mas a sua obra capital, no genero, é "La Retraite de Laguna" que, além de quatro edições no original, mereceu duas traducções de alguns milheiros, das pennas habéis de Salvador de Mendonça e Ramiz Galvão. E' de forte intensidade dramatica e de verdade flagrante esse episodio epico, que empolga o leitor e mereceu elogios de muitas auctoridades, inclusive de Elysée Reclus.

De um livro de accentuadas qualidades litterarias, para o genero propriamente de ficção, não é difficil a passagem; torna-se até natural a transição para se fallar do romancista e do autor de contos. Compoz o escriptor seis romances: "A mocidade de Trajano", "Innocencia", "Manuscripto de uma mulher", "Ouro sobre azul", "O encilhamento" e "No declinio"; quatro volumes de contos: "Historias brasileiras", "Narrativas militares", "Céos e terras do Brasil" e "Ao entardecer".

Obedeceu Taunay, no inicio de sua carreira litteraria, ao influxo de Macedo e José de Alencar. Do primeiro, a quem considerou como primitivo mestre, recebeu a influencia em "Mocidade de Trajano", onde se arriscou a patentear ideias de livre pensador e manejou a satyra de costumes politicos e praticas de devoção. E' um simples ensaio; serviu-lhe para acertar a mão que devia traçar a "Innocencia", no anno immediato, quando appareceu a seducção exercida pelo autor de "Iracema", sem a faculdade imaginativa e variando o estylo pinturesco. Taunay foi mais discreto nas descripções que Alencar, mas cultivou a arte de paysagista, principalmente em "Innocencia" e na "Retirada da Laguna". E' mais calmo do que os seus antecessores e herdou predicados do romancista cearense, o espirito nacionalista entre varios; mas não é vibrante nem incendiado. Ganhou a justa medida e harmonia nas proporções, qualidades peculiares aos francezes, e se tornou mais comedido, mais reflectido, tanto na tendencia sertaneja, quanto na parte descriptiva e psychologica. Ha nelle um fundo de realismo.

Em "Innocencia" estuda a vida campesina, reproduz com fidelidade o scenario, enaltece a meiguice da mulher brasileira e bafeja a novella com um sopro de poesia, suave e brando, simples e terno. Apresenta-nos os costumes do *caipira*, franco na hospitalidade, severo nos compromissos; e encontra o desfecho natural na vingança do Manecão, no processo summario de justiça, o assassinio do rival, cuja intervenção insidiosa lhe roubou a noiva.

Muita razão teve Francisco Octaviano, quando augurou vida longa ao romance de Taunay. Realisou-se o vaticinio, pois succedem-se as edições

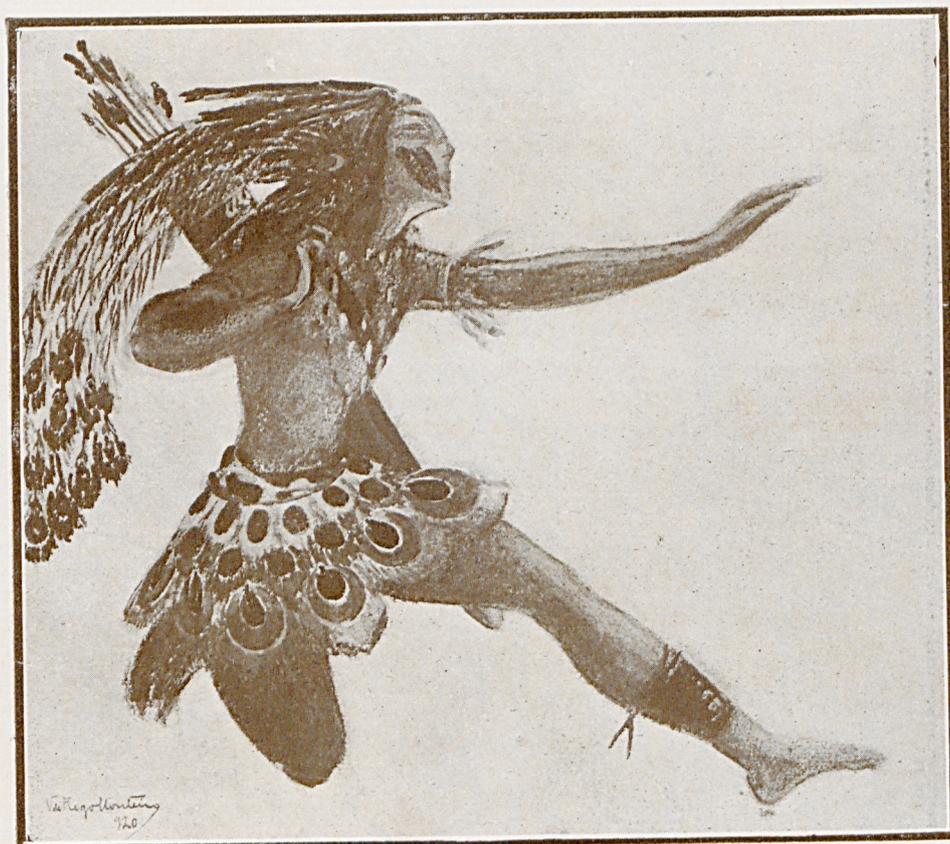


ARTE NACIONAL



REGO MONTEIRO — Estylisação de deuses indígenas.

ARTE NACIONAL



REGO MONTEIRO — Estylisação de deuses indígenas.

do livro, como variam as versões em quasi todas as linguas, inclusive a japoneza.

“Manuscripto de uma mulher” e principalmente “No declínio”, classificam-se na categoria de analyse psychologica, embora apresentem as falhas peculiares aos processos romanticos. O ultimo, sobretudo, participa da influencia dos ensaios de Bourget.

Taunay, que abominava o naturalismo, a ponto de se insurgir desabridamente contra Zola, censurando-lhe a crueza, manifestou a indole realista, quer no estudo descriptivo, quer no desenho dos personagens. Chegou mesmo a esboçar a analyse de uma classe social, em periodo de crise, em “O encilhamento”, verberando o jogo da bolsa, a agiotagem desenfreada, cujas consequencias deleterias elle desvendou nas reuniões da sociedade e no intimo dos lares. E’ verdade que falseou no estudo, por intervir com as proprias opiniões politicas e a sua decidida aversão contra o novo regimen.

Nos primeiros volumes de contos, novellas ou narrativas, explorou assumpto sertanejo, themas indianistas, sob o prisma da observação directa; relatou incidentes da vida de campanha militar e apreciou typos e quadros que lhe feriram a retina. “Céos e terras do Brasil” constituem a reunião de scenas do sertão, paisagens attrahentes e delicadas fantasias, inspiradas todas durante a permanencia do autor em Goyaz e Matto Grosso.

Classificados no ramo theatral, deixou dous dramas — “Amelia Smith” e “A conquista do filho”, e dous proverbios ou sainetes: — “Da mão á bocca se perde a sôpa” e “Por um triz coronel”.

Ordenam-se na categoria de critica, além dos trabalhos mencionados sobre as bellas artes, “Estudos criticos” (2 volumes) e muitos artigos publicados na *Revista Brasileira*.

Alfredo D’Escragnolle Taunay, descendente de Felix Emilio Taunay (Barão) e D. Gabriella d’Escragnolle Taunay; neto do sabio pintor Nicolau Antonio de Taunay, um dos fundadores da Academia de Bellas Artes do Rio, e do Conde Alexandre d’Escragnolle, nasceu na capital do Brasil, a 22 de Fevereiro de 1843. Educou-se primorosamente no lar paterno, até matricular-se no collegio Pedro II com 12 annos de idade, bacharelando-se em 1858. Transferiu-se para a Escola Central, assentou praça no exercito em 1861 e concluiu o curso em 1863 com os diplomas de engenheiro geographo e bacharel em sciencias physicas e mathematicas, no posto de 2.º tenente. Continuou o curso profissional de artilharia na Escola Militar, até seguir a 1.º de Abril de 1865 para Matto Grosso, na qualidade de secretario de uma commissão de engenheiros, como 1.º tenente. Terminada a expedição, acompanhou o Conde d’Eu, como secretario do seu estado-maior, á cordilheira do Paraguay, onde tomou parte na guerra de 1869 a 1870. De regresso ao Rio, concluiu o curso e foi im-



mediatamente nomeado official de gabinete do Visconde do Rio Branco, cargo que resignou para ser eleito deputado pela provincia de Goyaz (1872 até 1878). Datam desse periodo os opusculos "A provincia de Goyaz na exposiçào" e "Questões politicas e militares", discursos proferidos na Camara.

Exerceu o magisterio, como lente de mineralogia, geologia e botanica da Escola Militar, desde 1874 até pedir demissào do exercito, no posto de major, e desempenhou as funcções de presidente de Santa Catharina em 1876. Rompeu em opposiçào ao gabinete Caxias e em 1878 empreendeu uma excursào por diversos paizes da Europa. No anno seguinte retomou o seu posto de combate na imprensa e escreveu uma série de artigos — "Questões militares", no *Jornal do Commercio*, em opposiçào ao gabinete Sinimbú. Eleito deputado por Santa Catharina, na vigencia da lei Saraiva (1881), desenvolveu sem tregoa um adiantado programma de ideias liberaes, sobre immigraçào, casamento civil, naturalisaçào tacita, liberdade dos cultos e propaganda abolicionista, ao lado de Joaquim Nabuco e André Rebouças. Notavel controversista parlamentar e jornalista de fibra, sustentou com brilho e elevaçào de vistas as suas ideias, fundou a Sociedade Central de Immigraçào e sustentou o gabinete Sousa Dantas, apesar de pertencer ao partido opposto. Depois da honrosa derrota de Santa Catharina, recebeu a nomeaçào de Cotegipe para presidir os destinos do Paraná em 1885 e exultou por se lhe proporcionar ensejo de realisar os seus projectos sobre colonisaçào. Mas foi escolhido na lista triplice para Senador por Santa Catharina, aos 43 annos de idade. interrompeu a fecunda administraçào da provincia e continuou a revelar o espirito de nacionalista, como já praticára em litteratura: o liberalismo em contradicçào com o programma do seu partido, e a envergadura de propagandista.

Era official da ordem da Rosa, cavalleiro da de S. Bento de Aviz e da de Christo, condecorado com medalhas militares, e foi agraciado em 1889 com o titulo de Visconde.

Não fõram a amizade, reconhecimento e admiraçào pelo monarcha deposto, teria adherido ao regimen republicano, perfeitamente compativel com o seu modo de pensar.

Os ultimos annos de vida dedicou-se á litteratura, no convivio dos excellentes amigos da *Revista Brasileira* e a escrever romances, memorias, as "Reminiscencias" politicas de Anapurús, artigos de critica e de erudiçào.

A 25 de Janeiro de 1899 finou-se no Rio o grande homem, o patriota notavel e distincto escriptor, que foi inhumado no cemiterio de S. João Baptista e em cujo tumulo foi gravado o seguinte epitaphio:

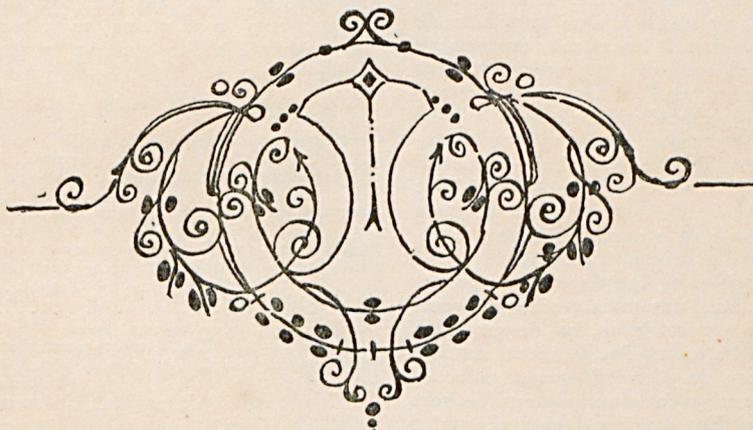
Aqui jaz o autor de duas obras
Que alcançaram renome valioso:
De *Innocencia* a historia sertaneja
E da Laguna o feito glorioso.

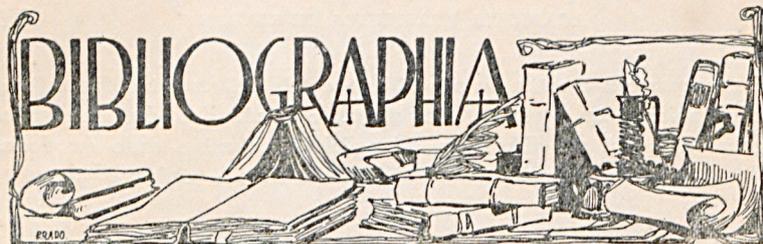


E desapareceu o entusiasta pela arte e pela beleza em todas as suas manifestações, com o seu genio alegre e predicados de conversador attrahente. Legou aos filhos e aos brasileiros um nome cheio de glorias e um exemplo ou paradigma de elevado civismo.

SUMMARIO PARA O ESTUDO COMPLETO

Influencia da educação — Na Escola Central — A carreira militar — Expedição a Matto Grosso — A retirada da Laguna — A campanha do Paraguay — Escriptos sobre historia e geographia — O romancista e novellista — Seu logar na evolução do romance — O estylo descriptivo — Caracter regionalista de sua obra — Tentativas para o Theatro — O critico de artes — Brilhante carreira politica — O orador — O publicista — Brasileirismo — Ideias liberaes — Espirito de propagandista — O advento da Republica — Reminiscencias de politico — Suas memorias — Entusiasmo pela beleza — Esthetica e senso artistico — Espirito jovial e brilhante — Os ultimos momentos.





Menotti Del Picchia: AS MASCARAS. — Typ. Piratininga. — São Paulo — 1920.

Que bello caso literario, o de Menotti Del Picchia, poeta e poeta brasileiro dos mais notaveis, com o seu typo ethnico perfeitamente exotico em nosso meio, com esse nome extranho, inamoldavel a qualquer nacionalisação! Bello, na verdade e significativo. No velho *abstractum* luso-brasileiro repon-ta a seiva nova a florescer poesia e arte. Vem pujante e magnifica. Mas, pujança e magnificencia, onde mais existe? No agente que renova ou no material que supporta, sem descahir um instante, o renova-mento emprehendido? Num e nou-tro, de certo, igual e equilibrada-mente. Que a contribuição poetica do auctor do "Juca Mulato" se integra em nossa literatura, pelo brilho e pelo sentimento, sem arestas nem reintrancias.

Caso para estudo, que nos revelará uma das mais curiosas forma-ções psychologicas, ha de ser feito, um dia, sem duvida. Nos sonoros versos de Menotti, quaes as remi-niscencias da sonora lingua de seus paes? Em sua feição mental, qual o traço de profunda latinidade, que o faz arbitro da simetria e da medida? E, em toda a sua organisação, até onde vae o brasileirismo de "Juca Mulato" e onde começa o "huma-nismo" das "Mascaras"?

Complexo. Nem o tentamos des-lindar aqui. Limitamo-nos a regis-trar, com entusiasmo, o appare-cimento do novo poema, decerto a mais bella obra prima das nossas

letras, nestes ultimos tempos, tão fecundos, aliás. Poesia e theatro, admiraveis um e outro, "Masca-ras" vem marcar uma directriz nova e promissora na poetica de Menotti Del Picchia.

Pierrot e Colombina — *assumpto* que já nos deu o magnifico poema de Julio Cesar da Silva — appare-cem, agora, approximados daquel-le seu parente Arlequim, não me-nos classico, si classico quer dizer classificado pelo tempo e pela fa-ma. Pierrot e Arlequim amam Co-lombina, um com os sentidos da alma, outro com todas as véras do instincto, muito pratico, muito real e sensual.

No contacto do labio, onde a emoção
[acorda,
sentir outro vibrar como vibra uma
[acorda...
A' vaga orchestração da phrase que sus-
[surra
ver um corpo fremir tal qual uma ban-
[durra...
desfallecer ouvindo a musica que canta
no gemido de amor que morre na gar-
[ganta...

...
Eis, Pierrot phantasiasta,
a suprema creação da minha alma de
[artista!

E' o amor de Arlequim. Differen-te, o de Pierrot, que em vez de um beijo, se consola com um olhar, pois que

... a vida, nesta terra,
vale apenas, talvez, pelo sonho, que en-
[cerra.

Basta-lhe vêr

toda uma vida arder na tristeza de uns
[folhos:
não tocar a que se ama e deixar intan-
[gida
aquella que resume a nossa propria
[vida...



Entre um e outro vae accessa a contenda, quando apparece Colombina. Entre os dois amores não escolhe: accêita-os, a ambos, dizendo

Pudesse eu repartir-me e encontrar mi-
[Inha calma
dando a Arlequim meu corpo... e a
[Pierrot minh'alma!

A historia do amor é para ella— um sonho de Pierrot e um beijo do Arlequim.

Esse argumento, que ahí se resume, teve um desenvolvimento artistico impeccavel, talvez. A architectura da peça é perfeita, como o requer a scena. Os versos, imaginosos, vivos, cascadeantes, impressionam pela imagem, pela sonoridade, pela poesia mesma.

Que coisa mais bella, mais brilhante que o retrato de Colombina? Uma loira mulher

... Como as espigas...
Como os raios do sol e as moedas anti-
[gas...
Notei-lhe sob o luar a cabelleira crespa,
a anca em forma de lyra e a cintura de
[vespa,

um cravo no listão que o seio lhe bi-
[furca,
pésinhos de "mousmé", olhos grandes,
[de turca...
a bocca, onde o sorriso era como uma
[abelha,
recendia tal qual uma rosa vermelha.

E' o descriptivo apaixonado que ensaia systematisar-se, mas que deixa de ter ordem para ter estylo, vida e força.

"As Mascaras" não fazem do novo o seu timbre e ponto de honra. Fazem praça dos seus velhos elementos, que refundem e retemperam vigorosamente.

— O luxuoso volume, materialmente, é uma bella obra de arte, em que Pahim prosegue em suas creações artisticas tão primorosamente iniciadas.

Cassiano Ricardo: *JARDIM DAS HESPÉRIDES*. — Ed. da Casa Editora "O Livro" — São Paulo. — 1920.

Assim como todo estylista é poeta, todo poeta é estylista. Os ver-

sos, dentro da sua metrica, são uma forma da mesma linguagem da prosa: contém os elementos desta e a esta se reduzem, no fundo. Assim, aquillo que no prosador se chama estylo, chama-se tambem no poeta, que não é menos que o mais elevado expoente da capacidade de expressão. Para além do rythmo e da sonoridade, ha de haver, pois, no verso a eloquencia da phrase, a força expressiva da palavra, isto é, uma ideia que achou o seu conducto proprio, que o enche, que se lhe adapta e com elle se identifica. E' a arte da syntaxe, que é arte de pensamento. E' o estylo.

Todos os bons poetas o possuem. Quando os lemos é o seu estylo que nos prende, nos encanta e apaixonona.

Uma pagina typica: — "Versos a um artista", de Raymundo Corrêa. Que existe ali? O mais poderoso sopro de eloquencia, a mais prodigiosa plasticidade syntactica, um estylo em toda a sua potencia e liberdade, metrificado a rigor.

O estylista, que irmana o prosador ao poeta, falta, porém, em alguns destes. E não ha metrica, não ha sonoridade, não ha ideia ou imagem que valha. O verso é incolor, impessoal, incaracteristico.

Faltará estylo a Cassiano Ricardo? A esse bello poeta, que tantos criticos, á uma, elogiam, faltará a capacidade de se exprimir com verdade e sinceridade? Será elle capaz de, ferido por uma dor, eximir-se de versejar para dizer sem rodeios o que sente?

Parece que não. Nesse transe, o sonetista escreveria um soneto. E o escreveria muito bem rimado com imaginação e com arte perceptíveis. Mas não commoveria, á falta da sinceridade que produz o estylo, vehiculo do poder emotivo.

Já os seus temas são proprios ao versejar, não á poesia. A mythologia ainda é passivel de emotividade? Intellectual, talvez. Mas, que prodigio de subtileza não é necessario para despertar! Estylo



e mais estylo... Assumptos que supportaram o pisar e o repisar dos seculos, como imprimir-lhes cunho pessoal, sem a mais poderosa estylisação?

O illustre poeta do *Jardim das Hespérides* é senhor de bellas qualidades. Possue uma imaginação poderosa. Tem a visão propria dos seus themas. Mas, verseja. Falta-lhe aos versos a elasticidade, a espontaneidade, a fagulha pessoal dos grandes poetas.

Por gentileza não seria que lhe mentiríamos aqui.

BRENNO FERRAZ.

Godofredo Rangel: VIDA OCIOSA — M. Lobato & Cia. — S. Paulo, 1921.

Indubitavelmente foi este livro a obra prima do anno, e tempo virá em que o juizo unanime da critica, em coincidencia admiravel com o juizo unanime do publico, o colloquem entre a meia duzia de obras supremas formadoras da cuspide da literatura nacional. Onde maior somma d'arte — arte de observar, de ver, de sentir, arte de analysar, de escolher, de discernir — posta em composição por meio de melhores materiaes expressivos? O estylo do autor é qualquer coisa nova. Pessoal, sem extravagancias, tem a pureza do de Machado de Assis.

E' agua cristalina que flue deixando ver por transparencia a idéa que vehicula. Sem tachas, sem maculas, sem excessos nem deficiencias, sem perder nunca a justa medida, sem denunciar nunca a minima "panne" no senso esthetico do autor. E' o estylo ideal que só visa uma coisa: reproduzir com o maximo de propriedade e de fidelidade as sensações do artista.

"Vida Ociosa" é um romance? Sim. Não um romance como toda a gente o faz, sob medida e por meio de receitas. E' um roman-

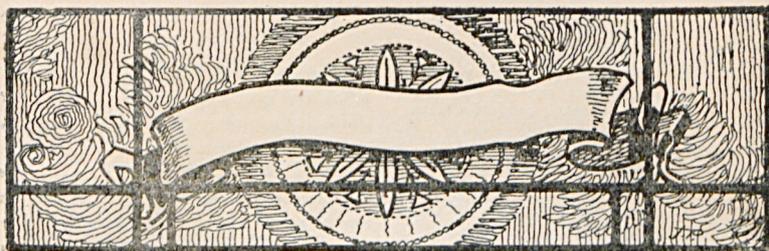
ce novo, no thema e na fórma. E' o romance panoramico da lombeira da roça. "Vida Ociosa" é a biblia da preguiça nacional.

Todas as frouxidões, espreguiçamentos, bocejos, tedios, modorras, "madornas", quebreiras, "não-vale-apanas" da vida rural brasileira, determinados pelo calor ambiente, pela indolencia social de fundo indigena, pela falta de estimulo pecuniario á actividade, tudo isso foi pela primeira vez fixado neste maravilhoso livro.

Afinada nesse diapasão preguiçoso, vive no livro uma galeria admiravel de retratos colhidos ao vivo do natural. Prospero, o velho pobretão, victima da sua bondade — essa bondade do fraco que é a bondade brasileira — péscia e narra casos da passada vida. E philosopha superiormente, jogando com as muitas idéas que a dura licção da vida lhe inoculou. Ao lado delle, que encantadora figura a dessa Marciana, typo medio da boa-velha brasileira, com todos os tiques da resignação mulheril? E Americo, o auto-didacta de grave compostura, amigo de só abrir a bocca para conversar coisas d'alto bordo scientifico? E Zé correcto, pretinho de estimação, alumno unico de Americo — preto por fóra e branco por dentro? E o intuspectivo juiz em eterna vadiagem, protagonista da narração? Será possivel uma auto-analyse mais requintadamente perfeita, mais subtil, mais rica de todos os cambiantes do iris psicologico?

O que assombra neste livro é a perfeição absoluta de factura, coincidindo com a perfeição absoluta de ideação, circumstancia feliz que faz da "Vida Ociosa", em meu humilde parecer, o unico livro nosso que, embora de genero diverso, possa ser collocado numa estante entre "Braz Cubas" e "D. Casmurro".

M. LOBATO.



DEBATES E PESQUIZAS

LEXICOLOGIA

VOCABULARIO ZOOLOGICO COM ACCEPÇÕES BRASILEIRAS DIVER- SAS DAS PORTUGUEZAS

Interessante contribuição ao estudo da "língua brasileira", é esta que nos remette nosso prezado colaborador sr. RODOLPHO VON IHERING. Só resta que, com a sua competência na espécie, continue a esclarecer tantas dúvidas existentes na nomenclatura popular das espécies vegetaes e animaes.

Em seu precioso trabalho — *O Dialecto Caiçara*, Amadeu Amaral refere-se á pag. 46 ás palavras portuguezas que têm soffrido aqui mudanças mais ou menos profundas de sentido.

Rebuscando o meu *Diccionario da Fauna do Brasil*, encontrei um certo numero de vocabulos nestas condições. Taes são:

AVESTRUZ — accepção portugueza: a grande ave africana *Struthio camelus*. No Brasil, vulgarmente designa tambem a "ema" ou "nhandú" (*Rhea americana*) muito menor.

CODORNA — acc. port.: ave européa da familia *Phasiamídeos*. No Brasil não ha espécies da familia supra; mas, por se assemelharem vagamente ás codornas européas, aqui têm o mesmo nome as espécies do genero *Nothura* (fam. *Tinamídeos*, á qual pertencem tambem os "inambús").

CORVO — acc. port.: passaro europeu da fam. das gralhas. No Brasil os portuguezes e os "letrados" designam assim, impropriamente, as aves de rapina que o povo conhece pelo nome indígena "urubú".

COTOVIA — acc. port.: passaro europeu.

No Brasil dá-se tambem esse nome aos passaros indigenas do gen. *Aythya*, conhecidos na roça por "Caminheiro".

CROCODILO — acc. port.: reptil africano. É errado dar tal nome aos reptis semelhantes da nossa fauna, aos quaes cabe o nome de "jacaré".

ENGUIA — acc. port.: peixe europeu (*Anguilla*). A verdadeira enguia não existe no Brasil; ha aqui "moreias" e o "mussum" da agua doce, mas nenhuma dessas espécies equivale, como prato, á enguia verdadeira.

LOBO — acc. port.: *Canis lupus* da Europa. A espécie brasileira, *Canis jubatus*, tem nome indígena já incorporado ao lexicon brasileiro: "guará"; é pois errado dar-lhe a denominação usada para a espécie européa, bem diversa.

MACACO — A palavra portugueza é de origem africana e designa propriamente os simios catharinos. Os nossos simios são todos platirrhinos. Creio, porém, que não cabe critica a esta applicação do vocabulo pois ella hoje equivale, tambem em Portugal, á denominação scientifica: "simeo".

MELRO — acc. port.: passaro europeu que não tem espécie propriamente equivalente na nossa fauna. Dá-se tambem esse nome ao passaro brasileiro mais conhecido por "soldado".

OURIÇO — acc. port.: mamífero da ordem dos insectívoros, ordem essa que não tem representante na fauna sul-americana. Veja-se tambem "Porco-espinho".

PARDAL — acc. port.: passarinho europeu (*Passer domesticus*). Ao nosso "tico-tico", por snobismo, ás vezes dão o nome do seu primo de além-mar, com o qual aliás se parece por gostar da vida turbulenta das cidades. Como

o pardal verdadeiro já se acha aclimatado em algumas regiões do Brasil, é evidente que tal confusão deve ser evitada.

PERDIZ — acc. port.: ave da fauna europeu da fam. *Hystricidaeos*, extranha á não tem representantes legítimos no Brasil. A ave brasileira á qual damos o mesmo nome pertence, como a codorna, á fam. *Tinamidaeos*.

PORCO-ESPINHO — pequeno roedor europeu da fam. *Hystricidaeos*, extranha á fauna brasileira. O mamífero ao qual ás vezes entre nós se dá esse nome é o "Ouriço caixeiro" ou "Coendú" ou "Cuim" da lingua indigena. (*Coendu villosus*).

RAPOSA — acc. port.: Canideo da fauna europeá. No Brasil esse nome é erroneamente applicado ás especies indigenas do mesmo genero, isto é, os "cachorros do matto" ou "grachains" e tambem aos "gambás" ou "sarúes", marsupiaes.

TIGRE — acc. port.: felino asiatico. Não é raro vermos esse vocabulo usado como synonymo de "onça", especie indigena muito diversa da congenere asiatica.

VIBORA — acc. port.: cobra europeá, venenosa, do gen. *Vipera*. As nossas cobras venenosas pertencem a familias muito diversas e portanto é erro com relação á nossa fauna emprestar á palavra "vibora" a significação generalizada de "serpentes". O povo do interior conhece por vboras certos lacertilios inoffensivos.

*

Quem faz a lingua é o povo e esse dispensa os conselhos do zoologo. Commentemos pois só pelo prazer da analyse. *Codorna, Macaco, Perdiz* continuarão com as duas accepções, por falta de vocabulos equivalentes generalizados. *Avestruz, Lobo, Raposa* serão usados assim: "avestruz, digo ema" ou "raposa, quero dizer gambá". Os erros commettidos mais pelos letrados: *corvo, pardal, crocodilo, tigre*, com o tempo serão corrigidos por influencia dos conselhos escriptos.

QUESTÕES SOCIAES

OS CIGANOS BRASILEIROS

O autor deste escripto inédito, o sr. AUGUSTO DE OLIVEIRA E SOUSA, pensa que os chamados "ciganos", que enxameiam pelo interior do paiz, são originarios da propria America — são, como pitorescamente os designa, "um ramo pôdre da nossa arvore ethnica". E' esta uma opinião,

pelo menos, um pouco exclusivista, pois o cigano genuino, que por aqui existe desde os primeiros tempos da colonisação, constitue mas é um ramo ethnico perfeitamente distincto, antiquissimo na Europa, de onde nos veiu. Entretanto, pode bem ser que nem tudo quanto leva aqui esse nome seja realmente cigano genuino, cigano de raça; e nesse caso a hypothese do autor terá cabimento. Mas o que mais importa, neste artigo, não é este ponto: o que importa é a idéa, que pela primeira vez vemos aventada, e com base em excellentes razões, da incorporação do cigano ao regimen social commum. Sob este aspecto, o presente escripto tem muito valor e merece toda a ponderação.

A corrente historico-sociologica, no Brasil, tratou de todas as questões relativas á nossa formação ethnica, analysou todos os aspectos predominantes da nossa "gens", mas deixou á margem, esquecida, pequena parte dessa "gens", um elemento que, embora fragil, concorreu, e concorre ainda, ao cadinho donde ha de surgir o typo brasileiro. Esse elemento é o cigano.

Ha poucos lustros, forasteiro que percorresse o interior de São Paulo, toparia um facto característico, um ponto original, sobresaíndo no meio do variado de sua população — as familias de ciganos. Vêlas-a a miude. E não fôra mister ser sociologo ou ethnologista, para generalzar logo, indagando:

— Ha muito cigano por cá?

— Se ha! Viaje por essas estradas, para ver... E' um formigueiro. Em toda a parte vêm-se caravanas delles. De dia andam, de noite acampam, pernoitando em barracas, á orla dos caminhos.

E viria a nú toda a sua historia:

"Não trabalham. Pedem. Vivem da esmola dos moradores e viajantes, furtando quanto podem, sem pejo, propondo negociatas, com o fito de lucrar e até, algumas vezes, extorquindo quasi a força. As mulheres devassam as moradas, enchendo os *sapiquás*; recorrem á *buena-dicha*, ao feitiço, á mand'nga, ao encantamento; são curandeiras, sarando feridas bravas com beijar tres vezes os dedos em cruz; algumas, bellas, dançam, dão a felicidade, predizem o futuro. Crianças, turras, choramingam, famintas, malandras, aos furtos, correndo todos os recantos das casas, muito astuciosas.

Havendo bom tempo, não param. Chovendo, armam barracas, dependuram o caldeirão, soltam os mirrados animais por pastos e invernadas alheias, e saem a correr a vizinhança, maltrapilhos. Si a paragem é boa, rendosa, ahí ficam, á espera de que o proprietario da terra ponha-os

fora... Então recomeçam a vida nomade. Caminhada infinda, horrivel, por vezes tragica, lembrando os beduinos do deserto transplantados cá na America. Imaginem: quatro ou cinco cavallos á frente, osseos, pisados, conduzindo os homens em arreios de sacco, puxam o bando. Após, mulas empacadeiras, com badalos, sob enormes cangalhas enxameadas de vasilhame, em cujo ápice crianças choram... E por fim, as mulheres, a pé, caladas quasi sempre, soffrendo, bastas vezes, suffocadas sob o caustico do sol de verão. Esta é, em geral, a disposição das caravanas de ciganos, estrada afora.

Nesse vegetar horrivel, consomem a existencia. Os que nascem, recebem o baptismo do furto e da velhacada, assistindo, já desde o seio materno, ao ignobil systema de vida a que foram talhados.

Os que morrem, são enterrados pelos mattos, pelos reconcavos, pelos vallados, sob a vigia de um marco caracteristico ou de uma cruz. Feito o enterro, retiram-se, com ritos exóticos, resultantes de mistura de religiões incompreendidas. E seguem"...

Eis a vida dos ciganos.

*

Assim era ha annos. Hoje, é o mesmo. Seus costumes persistem. Apenas mudaram de *habitat*. Alheios á civilização, avessos ao progresso, civilização e progresso expulsaram-nos, com suas violencias iniquas, mais para o fundo, alem dos sertões paulistas, para Matto Grosso, para Goyaz, para Minas. Repetiu-se e repete-se ainda, o crime que afugentou, nos tempos colonias, os autochtones para os confins dos sertões... De medo da escravidão, do jugo luzitano, fugiram os indios; de medo das cadeias, das brutalidades e maus tratos dos civilizados, fogem os ciganos.

De tempo em tempo, todavia, surge alguma tribu, desgarrada, pelas cercanias das *urbs* paulistas, onde, o progresso implantou a ambição, o luxo, a avareza. E a caravana extraviada, exangue, nada consegue, a não ser odio e desprezo, quando não vai parar ás galés. Ameaçam-na, expulsam-na, sem mais formalidades. E' expulsar. Se se não fôr, cadeia, chibata, fome! Regressa, pois, ás profundas do paiz, onde seu ignobil mister é tolerado. Lá, a ingenuidade do caboclo admite os ciganos, ainda que sua presença lhe tire o somno... Afinal, é para elle um sobresalto, matando por um pouco a triste monotonia do sertão. Trata-o bem, todavia, enchendo seus saccos e estomago e, em seguida, pedindo-lhe que se vá embora.

*

E não é pequeno, desgraçadamente, o numero desses infelizes nomades que, ao Deus dará, mercê da esmola e do roubo, cruzam os nossos sertões. São aos milha-

res. E qual a causa disto? — As falhas da nossa educação!

Não alleguem que o caboclo tambem não a tem. De facto, este tambem não conhece escola; nunca aprendem de verdade. Mas tem a educação de seus costumes, de suas tradições, de seus maiores que o ensinaram a ter sua choça, a fixar-se no solo, ter sua crença, sua familia, legaram-lhe seus sentimentos de honra, de amor proprio, de honestidade, de algum amor ao trabalho.

Ao passo que o cigano, não.

Donde proveio elle? A Historia se cala, neste passo. Só d'elle sabemos por intermedio de um ou outro livro tradicionalista, ou quando alguma noticia do interior relata o apparecimento de familia extraviada.

Podemos affirmar, todavia, ser originario cá mesmo de America. E' um ramo retrogrado dos elementos constitutivos da raça. Resultante de indios e negros foragidos ou reinos criminosos e bandoleiros que viviam vagando, soltos ao crime, á custa alheia, jámais o trabalho o preoccupou; jámais soube viver a não ser de pedir. Algumas tribus falam o hespanhol. Provieram das republicas hispano-americanas, onde, semelhantemente, se formaram. Assim, de paes a filhos, a tradição desse viver até hoje impera. Repetindo, imperfeitamente, remotamente, o systema de Palmares, só um correctivo especial poderia attra-lo á vida honesta. Não é indomavel ou impossivel de regeneração. Bastaria apenas um pouco mais de esforço e tolerancia por parte das auctoridades e populações dos povoados. Não enxotal-o, amedrontal-o, como se faz. Mas chamalo, aconselhando-o, dando-lhe trabalho facil, fazendo que seus filhos frequentem escolas. Na sua crassa ignorancia, não sabe que é preciso trabalhar, ignora o que seja honestidade. Se expulso, não atina porque. Apertando-o a fome, é ladrão ouzadissimo, e, até assassino. Cada vez mais, torna-se um pesadello para os sertões.

Mas, como melhorar sua sorte, si a do caboclo continua estacionaria?

— Mas as condições deste são, em tudo e por tudo, superiores ás daquelle. O caboclo, em si, ainda que, actualmente, não seja benefico ao paiz, tambem lhe não é prejudicial (refiro-me ao do centro e não ao jagunço e cangaceiro do Norte). O cigano, porém, é-lhe nefastissimo. Alem de tudo, é um exemplo constante de vagabundagem e roubalheira, exposto á imitação facil do brasileiro, contagiando, permanentemente, aos menos inclinados ao trabalho, aos irrequietos, inimigos da calma sertaneja.

Primeiro, afastar o mal, destruir o perigo. Depois, regenerar o nullo, empurrando o estacionario.

E' me adversa a doutrina sociologica da differente aptidão das raças, segundo a qual deve-se aperfeiçoar as mais adiantadas, abandonando a si as de cultura in-

EM TÓRNO DE D. PEDRO II

O general medico dr. Bagueira Leal, apostolo positivista, manifestou-se contra as homenagens prestadas á memoria de Pedro II, declarando entre outras coisas, que o imperador foi "o chefe da escravocracia". O chronista d' "A Semana", do "Jornal do Commercio", C. A., rebate como abaixo se vê as affirmações do dr. Bagueira:

Não é verdade que o imperador "libertou os escravos da corôa em 1871, no quadragessimo anno do seu reinado".

D. Pedro II assumiu o governo em 23 de Julho de 1840. Qualquer menino de escola pôde, pela mais facil das subtrações, de 71 tirar 40. O resto é 31.

Se o imperador só libertou os escravos da corôa em 71, tinha, quando isso fez, não quarenta, mas trinta e um annos de reinado. Pelas contas que faz, o Sr. Dr. Bagueira carrega nove annos immerecidos na demora de D. Pedro II. E' um modo de prejudicar differente do que costumam fazer os que roubam no peso. O apostolo da humanidade accrescenta generosamente. Perdôo-lhe esse equivooco, em tão simples operação arithmetica.

Possa o Sr. Dr. Bagueira encontrar a mesma indulgencia nos positivistas que negam competencia para tratar de sociologia aos que não conhecem a mathematica.

Vamos a outra accusação:

"Despedio um ministerio abolicionista e o substituiu por um escravocrata".

Oh! Sr. Dr. Quem foi que lhe disse esta? Quer referir-se S. Exc'ia. ao ministerio de 6 de Junho de 1884, o ministerio Dantas, substituido pelo de 6 de Maio de 1885, organizado pelo Conselheiro Saraiva?

Enganaram-n'o, illustre general, e basta um minuto de reflexão para demonstrar o engano.

Apresentou-se o m'nisterio ás Camaras, como abolicionista. O imperador, não podia ignorar o programma do Cons. Dantas. Se D. Pedro II era escrav'ista, tinha nas mãos o remedio para dar cabo do ministerio, no nascedouro. Não esperaria que elle encettasse o Governo, lutasse, animasse com a sua presença, augmentasse com a sua resistencia a acção do abolicionismo, para o supprimir mais tarde, levando ao desespero, por essa decepção, os que já contavam com a victoria.

Não, Sr. Dr. Bagueira. Quem lhe disse isso zombou do seu criterio.

O Imperador aceitou o programma de Dantas.

Consentiu que elle dissolvesse a Camara que lhe era hostile. Mas o escrav'ismo, ainda em 1884, era formidavel. Reelegeu-se e derrubou o Ministerio. Foi a Camara que despediu Dantas, approvando, em votação

nominal, por cincoenta e dous votos contra cincoenta, em 4 de Maio de 1885, a seguinte moção:

"A Camara dos Deputados, convencida de que o Ministerio não pôde garantir a ordem e segurança publica, que é indispensavel á resolução do elemento servil, nega-lhe a sua confiança".

O Ministerio cahio, portanto, não por intervenção do Imperador, mas por falta de confiança da Camara.

D. Pedro II sustentou o Ministerio e tão francamente que naquelle tempo se fallou num *pacto* da Corôa com o Presidente do Conselho.

O Ministerio que succedeu ao de Dantas, não foi, como diz o Sr. Dr. Bagueira, escravocrata. Foi emancipador, embora muito menos que o outro. Moveram-lhe estrondosa opposição os abolicionistas, porque, certos de conseguirem muito, não se conformavam com aquelle quasi nada. Mas era só isso o que a Camara poderia obter um homem do prestigio politico de Saraiva, e isso serve para mostrar que mais adiantado do que o Poder Legislativo, que só permittia Saraiva, era o Imperador que queria Dantas.

Agora a ultima e a melhor pilheria do gaiato informante do Sr. Dr. Bagueira:

"Foi preciso a sua ausencia (do Imperador) para que a lei aurea fosse promulgada, e isso mesmo porque não eram mais resistiveis os reclamos da Nação. De volta á patria, não quiz vêr a mesa augusta em que sua filha se encheu de glorias".

Tanta credulidade me espanta e me faz pena!

Como é que um general vem allegar, contra o abolicionismo do Imperador, essas razões que não são de cabo de esquadra, e que nenhum delles invocaria.

Pô's um doutor, um philosopho, um homem esclarecido, assim se deixa enganopar como o mais pelludo dos matutos pelo menos astuto dos passadores do conto do vigario?

Um pouco de reflexão é bastante para inutilizar essa bagaceira.

A' Princeza Isabel tem feito o Apostolado Positivista, mais de uma vez, honrosas referencias. Não creio que elle tivesse louvado a Redemptora, se a julgasse capaz de trahir o pai, aproveitando-se immoralmente de sua ausencia para matar a escravidão que elle sempre sustentára. Não creio tambem que elle julgue que Sua Alteza se encheu de glorias (como diz o Dr. Bagueira) por ter na augusta mesa (o qualificativo é ainda do general), que o Imperador não quiz vêr, assignando a lei de 13 de Maio, forçosamente porque não eram mais resistiveis os reclamos da Nação.

Se esse acto foi obrigator'io, deixou de ser glorioso. Se a Princeza não teve outro remedio senão assignar o decreto, por que

o Imperador ficou tão descontente com a filha, e tão zangado com a mesa que não teve a menor culpa?

Essa do Imperador irritado com uns pedaços de pão innocentes, olhem que essa, Sr. Dr. Bagueira, cá me fica, para eterna admiração. E não sei quem admire mais: se o gaíto que a divulgou ou a hão alma que o acolheu. Se o inventor tivesse tido mais imaginação ou mais coragem, poderia ter acrescentado que o Imperador, vendo a mesa, (e imitando as crianças que se vingam dos moveis que as magoam), pôz-se a dizer-lhe nomes feios e a dar-lhe pancada.

Se contasse isso, quem sabe se não veríamos agora tal accrescimo na epistola dirigida á humanidade?

Permitta o Sr. Dr. Bagueira que eu opponha a essa anecdota para ingenuos (que nunca ouvi nem li) o que todos sabem, o que consta dos jornaes da época e que desmente aquelle absurdo.

Os telegrammas que foram a Milão communicar ao Imperador a assignatura da lei de 13 de Maio, encontraram o seu destintario mais para a morte do que para a vida. Já os medicos davam o caso por perdido. A 22 de Maio declararam o caso por perdido. A 22 de Maio declararam que era chegada a occasião de chamar o padre para os ultimos sacramentos. O Arcebispo de Milão encontrou o enfermo em tal estado de fraqueza, que mal podia fallar.

Então a Imperatriz conheceu que lhe cumpría dar parte ao esposo da nova para que elle não se partisse ignorando que os seus protegidos estavam livres.

Ouvindo a grata noticia, o Imperador reanimou-se: a vida espirante illuminou-lhe os olhos apagados, resuscitou-lhe a voz extincta.

— Então, não ha mais escravos no Brasil?

— Não, respondeu a Imperatriz. Foi votada em 13 de Maio a lei que abolio a escravidão.

— Demos graças a Deus, retorquiu o moribundo. Telegraphem já a Izabel, mandando-lhe a minha benção e os meus agradecimentos á Nação e á Camara.

Ditas essas palavras voltou-se. Cuidavam que fosse para morrer. Mas era para esconder lagrimas de alegria.

— Grande povo! Grande povo! murmurou ainda.

O acontecimento causara-lhe reacção salutar. O seu abolicionismo o salvou. O seu abolicionismo o conserva vivo no reconhecimento da patria.

O CONSTITUCIONALISMO PORTUGUEZ DE 1820 E O BRASIL

O sr. VIRIATO CORREIA evoca, no "Correio da Manhã", a figura curiosa de Maciel Parente, que prégou no Pará, an-

tes de outro qualquer, as idéas constitucionalistas, e conseguiu vê-las triumphar na capitania, sendo encarregado de se ir entender com a junta revolucionaria em Lisboa. A proposito, relembra o escriptor como era desejada a adhesão do Brasil ao movimento constitucionalista.

Quando se fez, em Portugal, o movimento constitucionalista de 1820, a maior preocupação dos portuguezes era a adhesão do Brasil. A revolta tinha tons moderadissimos. Não prégava a queda da monarchia nem a da familia bragantina, e o rei, o sr. d. João VI, estava em terras brasileiras.

O que os revolucionarios queriam no principio era apenas a carta constitucional. Mas, sem a adhesão do Brasil, podia tudo fracassar. O rei, apoiado pelos seus subditos brasileiros, poderia appellar para a santa alliança formada em 1815 pelos soberanos da Austria, da Russia e da Prussia, e estaria todo o caldo entornado.

Em Lisboa esperava-se o apoio do Brasil como se espera a noticia de um grande sonho realizado.

Os olhos dos agitadores estavam mais voltados para Pernambuco. Fazia poucos annos que estourara a revolução pernambucana de 1817, e, estando ainda os seus chefes no carcere, era de esperar que o sentimento revolucionario não se tivesse ainda apagado na capitania. Pernambuco facilmente se incendiaria com as noticias de Lisboa.

Um dos maiores dias do movimento constitucionalista de Portugal foi aquelle em que chegou a Lisboa a noticia da solidariedade da Bahia. O recinto das côrtes encheu-se dos vultos mais brillantes da revolução. Antes de começarem os trabalhos, Fernandes Thomaz levanta-se e grita tres vivas commovidos á Bahia, vivas que os deputados e povo respondem calorosamente. Frei Vicente da Soledade, em plena sessão, no meio de um silencio majestoso, ergue graças a Deus pela significação do acontecimento.

Dia maior foi aquelle da noticia de que o Rio, até ali assustadoramente silencioso, adherira aos agitadores de Portugal.

Era a 27 de abril de 1825. O ministro da marinha estava no theatro de S. Carlos, quando a correspondencia do Brasil lhe chegou ás mãos. O titular, emocionado, manda parar a representação e, deante do publico, em scena aberta, lê a noticia da adhesão do Rio. Não se descreve o delirio que electrizou Lisboa. Essa noite foi uma noite de festas, flores e passcatas civicas em todos os bairros. No dia seguinte a sessão das côrtes teve um esplendor de victoria. O povo cobriu de rosas as cadeiras dos deputados. D. João VI foi chamado "o melhor dos soberanos". Durante uma semana Lisboa não conseguiu apagar o seu entusiasmo festivo.

Mas o primeiro pedaço brasileiro que adheriu á revolução foi o Pará. A primeira noticia que a Portugal chegou do apoio de uma capitania do Brasil foi levada por Patroni. (*)

Esse facto deu-lhe uma importancia e um brilho excepçionaes.

Quando o estudante chegou a Lisboa, em abril de 1821, o coração dos portuguezes estava fundamente opprimido pelas incertezas da solidariedade dos brasileiros. Patroni deu aos revolucionarios a impressão de um ramo de oliveira que os irmãos do Brasil lhes mandavam. Ia vingar o movimento liberal! Aquelle ramo de oliveira era signal de que a terra de ultra-mar não era tão sáfara como se teve receio que fosse.

VIDA LITERARIA

AS MULHERES LITERATAS

Numa das recentes sessões da Academia Brasileira foi lida uma carta do SR. MAGALHÃES DE AZEREDO (que, como se sabe, reside em Roma), sobre a questão da elegibilidade das mulheres para aquella sociedade de homens de letras. O illustre academico e nosso prezado collaborador defende a elegibilidade com bons argumentos, limitando porém a quatro o numero das academicas.

Refere-me dahi um amigo que se discute, não pela primeira vez, se as mulheres são elegiveis para a Academia; e pergunta-me o que penso do caso. Não sei se se discute isso na Academia mesma ou na imprensa. Mas, pois que é solicitada a minha opinião, dou-a de boa vontade.

Se escriptoras brasileiras podem pertencer á Academia Brasileira? Parece-me que formular a pergunta é responder-lhe. Não existe nos nosos estatutos artigo que as exclua. E que existisse! Deveríamos supprimil-o.

A questão é muito simples. Não nos remontemos da sua simplicidade a uma controversia scientifica ou pseudo-scientifica, de qualquer modo abstrusa e insolúvel, sobre as aptidões do cerebro feminino. Digo isto, méra digressão, porque, ainda ha poucos dias, assisti, no bar de um hotel, a vehemente debate, com grandes citações, sobre a possibilidade do genio creador nas mulheres. Fiquei a cogitar, enquanto os palradores se escandeciam e exaltavam, que a difficuldade preliminar estava em definir o que vem a ser genio creador... Não pôde elle, em summa, tambem revelar-se em obras essencialmente subjectivas em interpretações

superiores de estados d'alma — na elegia, no lyrismo puro? E então, mesmo deixando de lado os exemplos classicos, mas não unicos, de madame de Stael e George Sand, porque se negará genio creador a Eugenia de Guérin, a Elisabeth Barrett Browning, a Luíza Ackermann, á condessa de Noailles, a Amalia Guglielminetti? Ainda ha pouco, eu lia "Le Jardin Clos", de Isabel Kaiser, poetisa suissa, da qual nunca ouvira o nome; e acho que ella occupa logar de relevo na poesia franceza contemporanea. Sem duvida, ninguem porá no mesmo plano o mundo gigantesco, gerado por Miguel Angelo no capella Sixtina ou na dos Medicis, e uma série de pequenos paineis japonezes; mas o genio creador não pôde eliminar tambem estes?

Méra digressão, repito. Que os proprios bancos da melancolica "aula" do Syllogeu se desmandibulariam em gargalhadas homericas, se algum lhes fosse sussurrar que para entrar na Academia é necessario possuir genio creador...

Explicado isto, que barreira se ergueria contra elegibilidade das escriptoras brasileiras? Não vejo outra, além do egoismo masculino e em singular atrazo com os relogios da nossa época. Podemos lastimar ou applaudir que as mulheres se hajam tornado concorrentes dos homens numa infinidade de carreiras e funcções sociaes; que pretendam, e em alguns pazes já tenham conquistado, o direito do proprio suffragio politico. E' questão de temperamento... E a terrivel, formidavel maçada do feminismo a todos nós terá dado enxaquecas violentas, entre os goles de café e o fumo dos cigarros, depois de muitos jantares mundanos...

Mas se ha dominio, cujo ingresso em era alguma se haja vedado ás mulheres, é o da literatura, o da arte. Ora, as que se distinguem nelle, porque deverão renunciar aos mesmos premios, ás mesmas fórmulas de consagração, com que se decoram os homens?

Por que não ha de estar na Academia a mais illustre das nossas escriptoras, d. Julia Lopes de Almeida? por que não teria entrado a insigne poetisa, recentemente desaparecida, Francisca Julia da Silva? por que não entrarão algum dia Julia Cortines, Zalina Rolim, Maria Eugenia Celso? Não atino com razão séria, que as exclua.

E como as mulheres possuem em maior gráo que nós — é incontestavel — o senso concreto e pratico do detalhe, a collaboração de duas ou tres academias faria, muito provavelmente, adiantar de modo extraordinarios os trabalhos da douta companhia. Além de que contribuiria para accentuar e polir ainda um dos aspectos mais sympathicos do instituto — que é ser um "salão", um "salão" de intellectuaes bem educados, que, como tal, nestes vinte e quatro annos, já salutar influencia tem exercido na urbanidade e na cordialidade das relações literarias.

(*) Outro appellido de Maciel.

Haveria os inconvenientes... tudo tem seus inconvenientes neste mundo. Haveria uma porfia tremenda de quantas senhoras e senhorinhas tivessem atirado aos prêlos um folhetinho em prosa ou em verso cada uma, á caça das vagas que se verificassem, em particular das primeiras, por se estar em todo o frescor da novidade, em todo o prestigio da moda... Haveria — peor — a porfia vertiginosa de outras senhoras e senhorinhas em atirar aos prêlos outros folhetinhos em prosa ou em verso, afim de se habilitarem para a porfia anteriormente dita... Mas tudo isso já temos entre os homens!

Haveria ainda — affirmarão alguns — uma aggravação pavorosa da cabala... que para cabalar é que ninguem lhes negará a ellas, genio creador! Veriamos em movimento as molas mais pujantes e as mais subteis agulhas da engrenagem social — pressões politicas, até hierarchicas, empenhos de familia, assedios de amizade — e os sorrisos mais ternos, as palavras mais melodiosas, as lisonjas mais insinuantes, e mais estheticamente requintadas — para que á senhora A ou á senhorinha B coubesse a honra de occupar uma cadeira vacante. Mas tudo isso já temos visto feito por homens, e solicitado por homens, em proveito proprio!

Vale tanta pena um logar na Academia? pôde ser que não — segundo um criterio muito transcendente. Mas sempre valerá, para as lindas vaidosas, tanto ao menos como um bello chapêo de Suzanna Talbot, um sumptuoso vestido de Lanim. Só o divertimento, a folia, de adaptar aquelle estupendo uniforme ás exigencias da "toilette" feminina! Que insomnias deliciosas para ellas — e torturantes para as costureiras!

De resto, salvo na figura psychologica e na graça dos recursos, não creio que a cabala possa chegar mais longe do que já tem ido. E' velho, é chronico o espectáculo dos telegrammas urgentes a voar sobre terras e oceanos pedindo votos, apenas qualquer de nós fecha os olhos no somno eterno... O ultimo achado, o "suco" da cabala, consiste em pedil-os — não já accidentalmente, em palestra ou carta, o que nada teria de censuravel — mas formalmente, officialmente, sem haver vaga nenhuma! Paciencia, se, em torno dos nossos feretros ainda abertos, adejarem, com os corvos feios a cujos grasnidos já nos habituamos, algumas gralhas, que, uma vez ou outra, serão bonitas e elegantes. Com o que ellas não resuscitarão os mortos — era o que faltava, para ellas sobre tudo! — mas divertirão os vivos. E já não será pouco!

Remedios, para isso? Dois.

O primeiro é applicar ás escriptoras a norma, que deveriamos seguir com os escriptores: eleger só o merecimento real e provado. O segundo é ajuntar um artigo aos estatutos, limitando o numero de logares accessiveis ás escriptoras. Eu,

proporia quatro, no maximo. Calculo muito justo e legitimo, pois que a proporção dellas entre os que escrevem no Brasil não excede, se é que attinge, dez por cento — quatro por quarenta. Roma, 19 de dezembro de 1920.

QUESTÕES DE CULTURA

UMA SOCIEDADE DE HISPANISANTES

Fundou-se em Buenos Aires uma Sociedade Internacional de Hispanisantes, iniciativa sympathica, merecedora de attenção aos nossos intellectuaes que amam os estudos ibericos, ou algum departamento delles. Tratou deste assumpto o Sr. FIDELINO DE FIGUEIREDO, em artigo mandado de Lisboa para o "Jornal".

O estudo da cultura iberica nos seus dois principaes matizes, o castelhano e o portuguez, e da sua expansão pelo mundo, constitue hoje um ramo de estudos humanisticos muito versado e que dia a dia se alarga.

Nasce esse gesto de motivos puramente especulativos, curiosidades intellectuaes e o reconhecimento do papel consideravel e inilludivel que Portugal e Hespanha desempenharam na formação da civilização moderna. José Verissimo cedeu a uma momentanea obnubilção do seu agudo senso critico quando o negou, e mais justo e bem inspirado foi o dr. Liberato Bettencourt quando saiu a terreiro contra esse paradoxo. Essa tendencia para os estudos peninsulares é alimentada tambem pela prosperidade economica da America hespanhola e portugueza, que a estas duas linguas prenuncia amplo futuro.

Entre a Hespanha e a França, a Hespanha e a Italia, a Hespanha e os Estados Unidos, está organizada a permuta de professores; diligencias se fizeram já a respeito do intercambio com Portugal, donde mais duma vez têm vindo professores hespanhoes e francezes. As universidades no norte da Europa e dos Estados Unidos introduziram nos seus quadros cathedras de estudos hispanicos e enviam pensionistas á peninsula. Na Allemanha, em Hamburgo e em Colonia, ha institutos ibero-americanos para os estudos peninsulares. Revistas de critica e bibliographia, numerosas e regulares, organizam o periodismo desse movimento. E é interessante ver como um trabalho publicado na Suecia ou no Canadá promptamente se divulga e é resenhado em mais duma duzia de revistas proficientemente, e como o autor, do seu gabinete de estudo, vae recolhendo as discussões e reparos que o seu trabalho

cita. Uma importante inovação dessas revistas é a bibliographia systematica da producção intellectual de todos os paizes de lingua portugueza e castelhana. Graças a ella, eu sei aqui com pouco atrazo o que se publica na longinqua Cuba, no immenso Brasil, no Paraguay ou nas Filippinas. As revistas allemãs e a celebre "Revista de Filologia Española" são preciosas nesse capitulo.

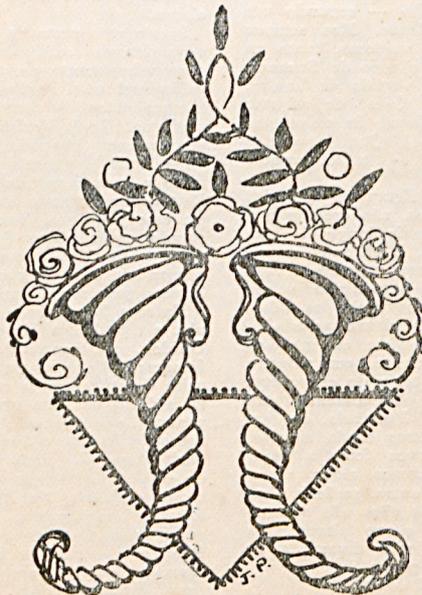
Estava nesta phase o movimento ibero-philo — passe o neologismo não mais hybridó que outros — quando o sr. M. Conde de Montero, de accordo com a Sociedade Menéndez y Pelayo, de Hespanha, tomou a iniciativa de fundar em Buenos Aires uma Sociedade Internacional de Hispanisantes, que comprehende todos os estudiosos humanistas da America hispanica e que tenha delegações em todos os paizes europeus, onde desses estudos haja representantes.

Portugal e Brasil, representados pelos seus organismos scientificos e pelos seus homens de estudo, não deverão alhear-se desse movimento. A phase dos congressos internacionaes vae passando, reconhecido como está que uma multidão é quasi sempre intellectualmente esteril, seja de ener-

gumenos berrando num comicio, seja de sabios deliberando em sessão, atabalhoadamente. O que Renan receava a respeito das exposições internacionaes, ia-se confirmando acérca dos congressos: volvem-se em festas da materia. Excursionismo, jantares e discursos eram o trabalho desses grandes certamens, de tão laboriosa organização.

Agora pensa-se pelo convivio pessoal, pela permuta, pelo periodismo, crear uma opinião scientifica cujas sancções valham mais que os votos dos congressos e que funcione normalmente, sem perturbações e sem emoções. A uniformidade dos methodos de trabalho será uma das primeiras consequencias que teremos de festejar. E o meu respeito pela individualidade, verdadeiro campo da criação, e o meu nacionalismo não se assustam com essa uniformidade, pois com ferramentas eguaes e perfeitas, trabalhos diversos se podem fazer. Os progressos da cultura e o cosmopolitismo nunca contrariaram a criação pessoal nem o caracter nacional.

Na historia do meu paiz verifica-se até que o contacto estreito com os paizes de alta cultura, só tonificou a originalidade desse caracter.





ACADEMIA BRASILEIRA

Dos 31 dias do mez de Março, a Academia commemora, no seu calendario, quinze:

A 2, falleceu o padre Sousa Caldas, em 1814. E o patrono da cadeira do general Lauro Müller.

A 6, nasceu Silva Ramos, em 1835. Fundador da Academia, onde creou a cadeira "Thomaz Genzaga", um dos seus primeiros directores, o mais assiduo dos seus membros, pertence hoje o delicado poeta dos *Adejos* (a raridade mais preciosa da nossa bibliographia literaria) á Commissão de Lexicographia, onde, com Afranio Peixoto e João Ribeiro, prepara afincadamente o "Diccionario de Brasileirismos", notavel lexico com que a Academia festejará o centenario da nossa independencia.

A 9, morreu Rafael Obligado, em 1920. Membro correspondente da Academia desde os seus primordios, substituiu-o no respectivo quadro Gabriel d'Annunzio, que fôra eleito extra-numerariamente. Obligado foi o vigesimo correspondente a fallecer. Haviam fallecido anteriormente: em 1900, Eça de Queiroz; em 1901, John Fiske; em 1902, Emilio Zola; em 1903, Mommsen e Spencer; em 1905, Elisée Reclus, Garcia Merou, Guilherme Blest Gana e John Hay; em 1906, Mitre e Ibsen; em 1907, Carducci; em 1910, Tolstoi; em 1913, o Conde de Monzaraz; em 1914, Gonçalves Vianna; em 1915, Ramalho Ortigão; em 1916, Echegaray e Sienkiewicz, e, em 1917, Antonio Feijó.

A 10, nasceu Lucio de Mendonça, em 1854, e morreu Bernardo Guimarães,

em 1884. Ao primeiro succedeu Pedro Lessa. O segundo é o patrono da cadeira de Aloysio de Castro.

A 14, nasceu Castro Alves, em 1847. E' o patrono da cadeira de Afranio Peixoto, que sobre elle falará longamente no cinco-centenario de sua morte, em Julho proximo.

A 16, nasceu o Visconde do Rio Branco, em 1819. E' o patrono da cadeira de Miguel Couto.

A 20, nasceram Henrique Ibsen, em 1828, e Alfredo Pujol, em 1865. Ao primeiro succederam, em seu lugar de membro correspondente, o Conde de Monsaraz e John Casper Branner. O segundo substituiu Machado de Assis e Lafayette Pereira na cadeira "José de Alencar".

A 22, nasceram João Francisco Lisboa, em 1812, e Guimarães Passos, em 1867. O primeiro é o patrono da cadeira de Alberto Faria. Ao segundo succedeu Paulo Barreto.

A 23, nasceu Dantas Barreto, em 1850. Successor de Joaquim Nabuco, foi recebido na Academia por Carlos de Laet.

A 26, nasceu Jayme de Segurier, em 1860. E' membro correspondente, em successão de Elisée Reclus.

A 27, morreu Arthur Orlando, em 1916. Succedeu-lhe o desembargador Ataulpho de Paiva.

A 28, nasceu Lafayette, em 1834. Foi um dos sete decanos que a Academia tem tido (Pereira da Silva, Teixeira de Mello, Heraclito Graça, Lafayette, Homem de Mello, Carlos de Laet e D. Silverio Gomes Pimenta).

A 29, morreu Theophilo Dias, em 1889. E' o patrono das cadeiras de Affonso Celso, na Academia Brasileira (e de

Amadeu Amaral na Academia Paulista).

A 30, nasceu John Fiske, em 1842. Membro correspondente da Academia, succedeu-lhe Candido de Figueiredo, actual presidente da Academia das Sciencias de Lisboa.

A 31, nasceu Affonso Celso, em 1860. Foi dos primeiros membros da Academia, especialmente convidado pelos seus fundadores, e alli exerceu, com grande brilhantismo, o cargo de Secretario Geral. E' membro tambem da Academia das Sciencias de Lisboa, juntamente com Alberto de Oliveira, Oliveira Lima, Paulo Barreto, Rodrigo Octavio e Ruy Barbosa. Poeta, romancista, polygrapho de alto merecimento, é uma das figuras mais acatadas e mais representativas da intellectualidade brasileira. E terminaremos com chave de ouro esta rapida resenha de ephemerides, com os seguintes versos seus, ineditos:

O tempo vóa, o passado
 Já não o tens;
 No que te resta, cuidado!
 Reflécte em como te avens.
 Nada, nada de demóras,
 Procura tornar fecundos,
 Não os dias, nem as horas,
 Mas minutos e segundos.

V.

Continuam abertas, na secretaria da Academia, as inscrições para os premios "Francisco Alves".

Esses premios são distribuidos em virtude da seguinte obrigação constante do testamento do benemerito livreiro, morto, como se sabe, a 29 de Junho de 1917:

"Fazer, de cinco em cinco annos, dois concursos: um, sobre o melhor modo de divulgar o ensino primario no Brasil, e outro, sobre a lingua portugueza, dando de premio ás monographias que obtiverem o primeiro logar dez contos de réis a cada uma; ás que obtiverem segundo lugar, cinco contos de réis a cada uma, e ás que obtiverem o terceiro lugar, tres contos de réis a cada uma".

Além desses, a Academia estabeleceu annualmente cinco concursos para obras ineditas e um para obras publicadas. Esses concursos encerram-se a 31 de Dezembro e ao do anno passado apresentaram-se 195 candidatos, cujas obras se acham em poder das commissões julgadoras, devendo os premios ser distribuidos em sessão solemne de 20 de julho proximo, 24.º anniversario da inauguração dos trabalhos da Academia.

As bases dos concursos, tanto dos premios Alves como dos premios literarios, acham-se na integra na "Revista da Academia", que é o orgam official da Instituição e cujo fasciculo n. 15 se encontra nas livrarias.

** Demos em nossos numeros de Janeiro e Fevereiro as resenhas das primeiras sessões deste anno. Damos a seguir a da quinta sessão.

Realizou-se a 27 de Janeiro, com a presença dos srs. Laet, Ataulpho, Goulart, Aloysio, Alberto de Oliveira, Afranio, Austregesilo, Augusto de Lima, Coelho Netto, Felix Pacheco, Humberto, João Ribeiro, Murat, Alencar, Medeiros, Couto, Duque-Estrada e Silva Ramos (18).

Foram lidos no expediente um convite da Academia Fluminense de Letras, para a sessão solemne em honra de D. Francisco de Lemos; um telegramma do Sr. Luiz Guimarães Filho, communicando ter pronunciado, em nome da Academia, uma oração nos funeraes do dramaturgo uruguayo Florencio Sanchez; e um officio do Instituto Geographico e Historico da Bahia, communicando a eleição da nova directoria e commissões. Foi tambem dado conhecimento da oferta de vinte e um livros e folhetos de sua lavra, que fez á bibliotheca da Academia o sr. José Feliciano de Oliveira, residente em Pariz e membro da Academia Paulista.

O Sr. Laet, de accôrdo com o regimento da Academia, expôz o programma dos trabalhos para o corrente anno, os quaes terão inicio logo que findarem as ferias do mez de Fevereiro.

Faz parte do programma o estudo minucioso das obras apresentadas aos concursos litterarios, na totalidade de 195, e a consequente distribuição dos premios, na data já fixada de 20 de Julho, ás que melhor os merecerem, assim como a distribuição, em 7 de Setembro, dos premios Alves, na importancia de 39:000\$ e para os quaes continuam abertas as inscrições até 31 de Março.

Fazem parte, tambem, do programma do anno, a organização methodica dos brasileirismos e a sua consequente publicação na "Revista da Academia", de que já sahiram, em 24 annos, quinze fasciculos; a continuação dos trabalhos para o "Diccionario Bibliographico", cuja letra A será brevemente publicada, e a qual tem prestado grande auxilio, em S. Paulo, o presidente em exercicio da Academia Paulista de Letras, dr. Ulysses Paranhos, e a fixação, por lembrança do Sr. Medeiros e Albuquerque, da ultima sessão de cada mez, para a leitura de trabalhos literarios.

Por proposta do Sr. Afranio Peixoto, foi mandado inserir no proximo numero da "Revista da Academia" um artigo do Sr. Constancio Alves sobre Raymundo Corrêa.

Na ordem do dia, occupou-se o plena-

rio do estudo dos brasileirismos, em nova copia colligida pela commissão de Lexicographia, apresentando os Srs. Afranio Peixoto, João Ribeiro e Silva Ramos, todas as semanas, abundante material de termos escolhidos.

As sessões recommearão a 3 de Março.

"ENFERMIDADES DA LINGUA"

São tantas, coitada della! Mas, como está provado que disso ella não morre (antes, apesar dos grammaticos, talvez que receba mysteriosos alentos de vitalidade), não nos attribulemos demasiado! Vejamos, paulatinamente, mez por mez, as mais grossas brotoejas, escamas, pipocas e outras miseriazinhas que se vão manifestando—e façamos isto mais por desfastio, e pretexto para conversa, do que por pretensão de physico ou de cirurgiaão confiante na sua arte.

SENADOR AO CONGRESSO...

VEREADOR Á CAMARA...

Estas duas bonitezas, muito communs na imprensa cá da terra, provêm de um unico engano: formaram-se por analogia com DEPUTADO A' CAMARA tal ou ao Congresso tal.

Mas, "deputado ao Congresso" está muito bem, ao passo que "senador ao Congresso" é aleijão.

Deputado, participio passivo do verbo *deputar*, é termo de significação relativa: como *mandado*, *enviado*, pede um complemento terminativo. Assim como se diz que um homem ou um objecto é *enviado a*, é *mandado a*, é *expedido a*, assim se diz que um cidadão é *deputado a* qualquer coisa. Substantivado, como correntemente o é, esse participio nem porisso perde de todo a sua força participial, e diz-se "o deputado ao congresso", como se diz "o enviado ás côrtes".

Senador e *vereador* nada têm que vêr com a natureza dos participios. Deve dizer-se, pois, *senador estadual* ou *federal*, simplesmente, em vez de *senador ao congresso estadual* ou *federal*; assim como se deve dizer *vereador municipal*, em vez de *vereador á camara municipal*.

Tudo isto é bem claro, parece. Contudo, não será de extranhar que haja quem pretenda obscurecer essa crystallinidade, e justificar o *vereador a* e o *senador a* por meio de... ellipse. Nesse

caso, *senador* ou *vereador a* isto ou aquillo seria interpretado como — *senador* ou *vereador enviado a*... Seria engenheiro, não ha duvida. Mas teria exactamente o defeito de ser muito engenheiro, e com isso artificial e falso. Basta reflectir um pouco, para vêr que taes ellipses não são absolutamente usuaes na nossa lingua, e em absoluto lhe repugnam á indole.

GARE

Esta palavra entrou no uso corrente. Não que houvesse necessidade da acquisição. Tinhamos já *estação*, que dava muito bem para o gasto, na generalidade dos casos. Se, porém, a questão era de se designar especialmente o lugar da estação onde os passageiros tomam o trem, tinhamos PLATAFORMA e tinhamos EMBARCADOURO, termo que ainda possui a vantagem de se articular com um correlato, DESEMBARCADOURO, para exprimirem a idéa de partida e a de chegada. Se a questão já não era essa, mas a de se indicar, de preferencia, o "recinto" onde entram os trens de ferro, poderíamos então empregar GALPÃO, BARRACÃO, COBERTURA, TE-LHEIRO, á escolha.

Mas,—que se lhe ha de fazer!—*gare* entrou, installou-se, e já agora será muito difficil arrancar-a do lugar onde se intrometteu sem utilidade alguma. Admitta-se *gare*.

O que, porém, na verdade excede um pouco as raias do toleravel é que, além de se viver a empregar, sem precisão, um vocabulo peregrino, ainda se esteja a repetir a cada passo, como se vê nos jornaes, a estapafurdia redundancia hybrida—"gare da estação".

"Gare da estação!" Tanto valeria dizer-se o "bonnet" da carapuça, ou o "sabot" dos sócos. E, entretanto, vai entrando tambem...

E acabará de entrar, porque a policia da lingua já não existe entre nós, ou—o que vale o mesmo — vai cada vez mais desacreditada. Professores, criticos, mestres de literatura, jornalistas, governantes, todos quantos podiam exercer alguma influencia repressora e conservadora já desistiram definitivamente disso. Estamos em pleno regimen de bolchevismo linguistico. — Silvestre Silverio.

FRANCISCA JULIA

A empresa desta revista acaba de fazer uma edição, que, sem falsa modestia, poderemos dizer que representa um bello serviço ás letras nacionaes: a das "Esphinges" de Francisca Julia. Representa-o, e de modo completo, porque não só deu de novo a lume lindissimos versos que já difficilmente se encontravam, como os deu sob uma forma cuidada e artistica, que por si só seduz e deleita. O volume, impresso a capricho em optimo papel, está illuminado com vinhetas do sr. J. Prado, em côres.

Accresce que contém algumas composições novas da illustre poetisa, de cujo desaparecimento deplorabilissimo ainda não estamos consolados, todos quantos a admirámos pela sua arte e pela nobreza da sua vida recatada e serena.

DR. ARTHUR NEIVA

De volta do Japão (por onde andou em serviço do Estado de S. Paulo e ainda em serviço da sciencia, pois recebera e accetara um convite para lá realizar varias conferencias) esteve nesta capital o sr. dr. Arthur Neiva. Deu-nos bellas noticias: vai escrever dois livros sobre a sua viagem ás terras do Oriente, um sobre a sua missão scientifica, outro com as diferentes observações e reflexões que de lá trouxe; além disso, continuará a honrar a *Revista* com artigos ao geito desse, tão interessante, tão importante para todos nós, com que ornamos o presente fasciculo.

DICCIONARIO DO BRASIL

Sob a presidencia do sr. dr. Ramiz Galvão, reuniu-se a 19 do passado, no Instituto Historico Brasileiro, a commissão organizadora do Diccionario Historico Geographico e Ethnographico do Brasil, para commemoração do centenario da independencia.

O sr. dr. Ramiz Galvão salientou que o governo federal havia incluido o "Diccionario" em o numero das commemorações officiaes, conforme consta do "Diario Official" de 4 do corrente.

Pelo sr. dr. Fernando Nery foi lido o expediente, e o sr. primeiro tenente

Carlos da Silveira Carneiro expoz minuciosamente o estado de todos os originaes recebidos, que ascendem a cerca de vinte mil paginas dactylographadas, só relativas aos volumes de "Introduccão Geral", que são os que devem apparecer em 1922. Diz que das contribuições referentes aos Estados só não foram até agora recebidas as referentes ao de Alagoas, S. Paulo e Santa Catharina, bem como a do Territorio do Acre. Em seguida fez uma analyse succinta de cada contribuição já recebida.

A commissão, durante duas horas, estudou diversos originaes, assentando na varias medidas e resolvendo dóra avante reunir-se todos os sabbados ás 17 horas.

Estiveram presentes os srs. drs. Ramiz Galvão, Augusto Tavares de Lyra, Henrique Morize, Almirante José Candido Guilhobel General José Maria Moreira Guimarães, Henrique Americo de Santa Rosa, Max Fleiuss, Fernando Nery e primeiro tenente Carlos da Silveira Carneiro.

A ARTE DO LIVRO

O brilhante escriptor sr. Ronald de Carvalho, em artigo publicado n' *O Jornal*, estende-se em considerações sobre o atraso da arte do livro no Brasil.

"O de que todos já estão enfiados é justamente dessa alluvião de mostrengos que se avolumam nos mostruários das livrarias nacionaes. Pois não é triste verificar que, nas nossas bibliothecas, as bellas edições são todas estrangeiras, que os mais reputados autores brasileiros nunca foram objecto da solicitude dos seus editores? A arte não prejudica o bom commercio, antes faz accrescer os lucros, pois ella valorisa naturalmente todas as coisas. Por que esquarteros fados ainda não se percebeu regra tão vulgar e comesinha? Note-se, tambem, que o problema é, aqui, sob certos pontos de vista, de solução mais facil que na Europa ou nos Estados Unidos. Os originaes de um grande escriptor americano ou francez custam sommas fabulosas, ao passo que, entre nós, cotejam com o ridiculo. Machado de Assis, para citar o maior dos nossos romancistas, vendeu os direitos de autor de todas as suas obras pela irrisoria quantia de seis contos de réis! A fortuna do livreiro Alves foi feita, ninguem o ignora, á custa dos nossos escriptores didacticos. Ora, se assim é, por que o livro brasileiro não melhora a sua feição rebarbativa de relatorio mi-



nisterial? Convençam-se os editores de que não lhes trarão prejuizo o bom gosto, a graça e a elegancia. Fiquem certos de que as suas altas porcentagens nada soffrerão com isso, e deixem, ao menos, aos nossos homens de letras, o prazer de apreciar as suas obras vestidas sem grande apparatus, mas com decencia. Cumpre fazermos quanto antes, com a prophylaxia das verminoses, do barbeiro e de outras endemias altamente prejudiciaes á civilização brasileira, a prophylaxia do livro, da industria humilhante de papeis impressos..."

Illustrando as suas considerações com exemplos, o articulista cita edições de Hachette, Plon, Ollendorf, Treves... Cita ainda as ultimas edições da livraria Castilho e do Annuario do Brasil... Das edições que se tem feito em S. Paulo, onde, sem a menor duvida, se iniciou, ha já varios annos, a revolução na arte nacional do livro, dessas o talentoso escriptor nada diz.

Por ignoral-as? De certo. Nós vivemos, no Brasil, por via de regra, tão longe, tão longe do Brasil!...

Não fóra isso, e Ronald de Carvalho teria feito menção desse poderoso, magnifico esforço dos editores paulistas. Em quê serão inferiores ás melhores, que se façam seja onde fór, as edições dos ultimos livros de Guilherme de Almeida, principalmente o *Livro de Horas?* Onde se editaria com melhor papel, melhor typo e mais copiosa e elegante illustração, o poema das *Mascaras*, de Menotti Del Picchia? Onde se trabalha mais lindamente em livro, do que se trabalhou aqui o dos *Tropheus de Ituzaingo*, de Macedo Soares? E as ultimas edições dos livros de Oliveira Lima, Monteiro Lobato, Francisca Julia, Godofredo Rangel, Amadeu Amaral, Henrique Coelho, Rocha Pombo, e vinte, e trinta outros que têm sahido dos prelos paulistas, não serão por acaso mais que decentes, não serão absolutamente capazes de emparelhar, senão de exceder, ás communs de muitos outros paizes? Mas, disto tudo, de todo esse notavel esforço nacional, executado, valentemente, contra todos os obstaculos, deste quasi que não se dá conta e ninguem fala...

WENCESLAU DE QUEIROZ

Em nosso passado numero, já prompto quando se deu o passamento do illustre

escriptor paulista, não pudemos senão registrar em poucas palavras o lutuoso acontecimento.

Não queremos deixar de voltar agora á morte de Wenceslau de Queiroz, que foi uma verdadeira e consideravel perda para as nossas letras.

Como poeta, polemista, critico jornalista, a sua obra, que se lê e relê com agrado é, pela quantidade e pela qualidade, uma brilhante affirmação do seu talento de artista. Apagou-se o seu espirito num envolvero para reaccender em muitos.

Nasceu Wenceslau a 2 de dezembro de 1865, em Jundiáhy, sendo seus paes o major Estanislau de Oliveira Queiroz e d. Francisca Maria Soares de Oliveira Queiroz, ambos fallecidos.

Feito o curso de preparatorios no Seminario do Caraça, em Minas, onde sempre se distinguio pela sua applicação ao estudo, matriculou-se em 1883 na Faculdade de Direito de S. Paulo. Devido á sua extrema debilidade, foi obrigado a interromper o estudo por diversas vezes, de forma que só em 1890 conseguiu o seu diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Affeito á vida da imprensa, desde cedo se dedicara ao jornalismo. Redigiu, com Luiz Murat, Assis Pacheco, Alberto Torres e Horacio de Carvalho e outros, "A Idéa", a "Republica", a "Vida Paulista", o "Ensaio Literario", etc. Foi tambem redactor do "Diario Mercantil" e secretario do "Commercio de S. Paulo" e "Correio Paulistano".

No anno em que se matriculou na Faculdade de Direito (1883), publicou o seu livro de estréa, uma pequena "plquette" de 32 paginas, contendo apenas onze poesias, intituladas "Goivos" e que foi impresso nesta capital, na Typographia do Commercio. Em 1890, anno, como dissemos, de sua formatura, deu á estampa o segundo, "Versos", editado por Teixeira & Irmãos. Esse volume era dedicado á sua esposa, d. Adelaide Santos Diniz de Queiroz, filha de Antonio dos Santos Diniz e de d. Anna Diniz dos Santos, com quem se casára logo após a formatura. Publicou depois "Heróes", poesias patrioticas e tinha prompts mais os seguintes: "Cantigas", "Paginas volantes" (chroni-

cas e phantasias), "Prismas" (contos) e "Rezas do Diabo" (versos).

Sustentou na imprensa, às vezes com exaltada dialectica, varias polemicas sobre diferentes assumptos, sendo as mais notaveis as que teve com Luiz Pereira Barreto, Vicente de Carvalho, Carlos Ferreira, Filinto de Almeida e Cesar Ribeiro.

Como homem, não foram poucos os sofrimentos que bastas vezes o acabrunharam. Viu desaparecer varios dos seus filhos, com serena resignação.

MOVIMENTO EDITORIAL

O "Estado de S. Paulo" publicou ha dias interessante reportagem sobre o movimento de edições em S. Paulo. Revelam-se ali factos que surpreenderão a não poucos, mesmo nesta capital. Com a devida venia, para aqui trasladaremos o trecho puramente informativo desse excellento artigo:

"... existem nesta capital cerca de 20 casas editoras entre as de maior e as de menor importancia, representando um capital de cerca de 3.500 contos, englobadamente.

Em 1920, quinze desses estabelecimentos, sobre os quaes foi possivel obter informes precisos, editaram 203 obras, assim discriminadas por empresas:

| | Obras |
|---------------------------------------------------------------|-------|
| A. O. Rodrigues | 8 |
| Antonio F. de Moraes | 8 |
| Augusto Siqueira & Cia. | 26 |
| C. Teixeira & Cia. | 10 |
| Casa Editora "O Livro" | 5 |
| Cia. Melhoramentos (successora de Weiszflog Irmãos) | 35 |
| D. Silva | 11 |
| Empresa Editora Brasileira | 9 |
| Empresa Editora "Chacaras e Quintaes" | 8 |
| Livraria Magalhães | 13 |
| Lyceu do Coração de Jesus | 9 |
| Monteiro Lobato & Cia. | 15 |
| Paulo de Azevedo & Cia. (filial) | 32 |
| Saraiva & Cia. | 8 |
| Sociedade Editora Olegario Ribeiro | 12 |

203

A empresa A. O. Rodrigues especialisa-se na edição de obras sobre sciencias occultas; os srs. Antonio F. de Moraes, D. Silva e Livraria Magalhães editam de preferencia livros populares; os srs. Augusto Siqueira & Cia., Lyceu do Coração de Jesus e a filial de Paulo Azevedo & Cia. limitam-se a editar livros didacticos, trabalhando em grande escala; a Casa Editora "O Livro" e os srs. Monteiro Lobato & Cia., editam obras de literatura; a Empresa Editora "Chacaras e Quintaes", obras sobre agricultura e pecuaria; a Em-

presa Editora Brasileira, obras sobre commercio; Saraiva & Cia., obras sobre direito; C. Teixeira & Cia., obras sobre direito e livros populares; finalmente, a Companhia Melhoramentos e a Sociedade Editora Olegario Ribeiro editam obras de literatura, didaticas, direito, commercio, etc.

Como se vê, ha editores especializados em quasi todos os ramos.

A tiragem total das 203 obras editadas em 1920, attingiu, segundo as declarações dos livreiros, a 901.000 exemplares, assim discriminados.

| | Exemplares |
|-------------------------------------------------|------------|
| A. O. Rodrigues | 25.000 |
| Antonio F. de Moraes | 32.000 |
| Augusto Siqueira & Cia. | 156.000 |
| C. Teixeira & Cia. | 23.500 |
| Casa Editora "O Livro" | 7.000 |
| Companhia Melhoramentos | 144.700 |
| D. Silva | 60.000 |
| Empresa Editora Brasileira | 35.100 |
| Empresa Editora "Chacaras e Quintaes" | 80.000 |
| Livraria Magalhães | 100.000 |
| Lyceu do Coração de Jesus | 24.000 |
| Monteiro Lobato & Cia. | 56.000 |
| Paulo de Azevedo & Cia. | 113.000 |
| Saraiva & Comp. | 3.000 |
| Sociedade Editora Olegario Ribeiro | 41.700 |
| Total | 901.000 |

Supponho haver pequeno exaggero neste algarismo: onze empresas se prestaram a provar a exactidão do algarismo fornecido, mas as quatro restantes se negaram a isso e, dentre estas, duas pelo menos exaggeraram provavelmente o numero de exemplares tirados, o que dá á estatistica um erro, para mais, de cerca de dez por cento.

Calculado pelo preço de venda o valor das obras, produzidas, attingiu a cerca de 2.500 contos!

Pouco mais de dois terços da tiragem total cabe aos livros didacticos. Do terço restante, cerca de 100.000 exemplares representam as edições de livros de literatura, isto é, livros de boa literatura: os demais comprehendem as edições de livros de direito, medicina, commercio, conhecimentos uteis, literatura de cordel, etc.

As tiragens de algumas das principais obras editadas foram as seguintes:

Edições de Monteiro Lobato & Cia.

| | Exemplares |
|----------------------------------------------------------------------|------------|
| Monteiro Lobato — "Urupês" — reedição (contos) | 8.000 |
| Monteiro Lobato — "Cidades mortas", reedição (contos) | 4.000 |
| Monteiro Lobato — "Idéas de Jéca Tatú", reedição (critica) | 4.000 |
| Hilario Tacito — "Madame Pomery" (romance) | 3.000 |
| Léo Vaz — "O Professor Jeremias" (romance) | 4.000 |



| | |
|------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Paulo Setubal — "Alma cabocla" (versos) | 6.000 |
| Papi Junior — "Sem crime" (romance) | 1.000 |
| Oliveira Vianna — "Populações meridionaes do Brasil" (sociologia) | 1.000 |
| Guilherme de Almeida — "Livro de horas de Soror Dolorosa" (versos) | 2.000 |
| Visconde de Taunay — "Dias de guerra e de sertão" | 3.000 |
| Viriato Correia — "Historias de nossa historia" | 3.000 |
| Afranio Peixoto e outros — "O mysterio" (romance) | 3.000 |
| Monteiro Lobato — "Negrinha" (contos) | 6.000 |
| Monteiro Lobato — "Narizinho arrebitado" | 5.000 |
| Godofredo Rangel — "Vida ociosa" (romance) | 3.000 |

Edições da Casa Editora "O Livro"

| | Exemplares |
|--------------------------------------------------------------|------------|
| Goffredo — "A fada nua" (versos) | 1.000 |
| Amadeu Amaral — "O dialecto caipira" | 2.000 |
| Leoncio de Oliveira — "Vida roceira" (reimpressão) | 2.000 |
| Cassiano Ricardo — "Jardim de Hesperides" (versos) | 1.000 |
| Menotti Del Picchia — "Flamma e Argila" (romance) | 1.000 |

Edições da Sociedade Editora Olegario Ribeiro

| | Exemplares |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Amadeu Amaral — "A pulseira de Ferro" (novella) | 5.200 |
| Amadeu Amaral — "Um soneto de Bilac" (critica) | 1.500 |
| A. de Sampaio Doria — "O que o cidadão deve saber" | 10.000 |
| Athanasoff — "Os suinos" | 8.000 |
| Waldemar Ferreira "Estudos de Direito Commercial" | 2.000 |
| Waldemar Ferreira — "Manual do Commerciantes" | 2.000 |
| Waldemar Ferreira — "A hypotheca naval no Brasil" | 1.000 |
| Waldemar Ferreira — "O menor commerciante" | 1.000 |
| Waldemar Ferreira — "Os credores privilegiados e o direito de pedir a fallencia" | 1.000 |
| Autores diversos — "O que todo commerciante precisa saber" | 10.000 |

Edições de C. Teixeira & Comp.

| | Exemplares |
|-------------------------------------------------------------------|------------|
| Amaral — "Direito e escripturação mercantil" | 2.000 |
| Freitas Leitão — "Notas ao Processo Civil e Commercial" | 2.000 |
| Nilo Cairo — "Guia pratico do pequeno lavrador" | 2.000 |

Edições da "Chacaras e Quintaes"

| | Exemplares |
|------------------------------------------------------------------|------------|
| Vademecum do criador de porcos | 10.000 |
| As gallinhas de grande postura | 2.000 |
| Cultura do tomateiro no Brasil | 4.000 |
| Alimentação das aves domesticas. | 3.000 |
| Fabrico de vinho de fructas brasileiras | 2.000 |
| Almanack do criador de aves domesticas | 10.000 |
| Almanack Agricola Brasileiro. | 48.000 |
| Diccionario das plantas uteis para as hortas do Brasil | 5.000 |

Destes numeros e de outras notas avulsas que colhemos, tiram-se as seguintes conclusões: as tiragens dos livros didacticos oscillam entre 5.000 a 50.000 exemplares por edição; as dos livros de direito, medicina e commercio, entre 1.000 a 2.000 exemplares; as dos livros de boa literatura, entre 1.000 a 4.000 exemplares, sendo excepcional a tiragem de 8.000 alcançada pelo "Urupês", de Monteiro Lobato, e representando duas edições a da "Alma Cabocla" de Paulo Setubal. Os livros de pequeno tomo, "A Pulseira de Ferro" de Amadeu Amaral, chegam a alcançar tiragens maiores. De obras de agricultura tiram-se de 1.000 até 10.000 exemplares e de livros de literatura de cordel, de 3.000 até 5.000 exemplares.

Se nem todos estes algarismos são lições, alguns pelo menos merecem ser registrados com prazer.

E' tambem animadora a constatação de que o movimento editorial de S. Paulo promete tornar-se ainda mais intenso neste anno, apesar das difficuldades crescentes com que lutam as industrias graphicas. Assim é que em Janeiro e Fevereiro do corrente anno, foram publicadas, além de outras, as seguintes obras:

Editadas pela "Revista do Brasil": "Caboclos" (contos) por Valdomiro Silveira, 4.000 exemplares; "Espingues", por Francisca Julia (versos), 2.000 exemplares; "Casa de Marimbondo", por João do Norte (Gustavo Barroso), contos, 3.000; "Narizinho Arrebitado" por Monteiro Lobato (edição escolar), 50 mil exemplares.

Editadas pela Companhia Melhoramentos: "Manual de Botanica Geral e Aplicada" por Souza Brito e "Lições practicas de orthographia portugueza" por Dorothea Abrutz.

Editadas pela Casa Editora "O Livro": "Mealheiros de Agrippa", por Humberto de Campos e "Os falsos tropheos de Ituzaingo", por José Carlos de Macedo Soares.

Editada pela Sociedade Editora Olegario Ribeiro: "Os Negros" (novella) por Monteiro Lobato, 8.500 exemplares.

Editada pelo "Jornal de Piracicaba": "Saudade", por Thales de Andrade, 12.000 exemplares.

Além dessas, estão annunciadas para breve as seguintes:

Edições da "Revista do Brasil": "Onda Verde", "Fábulas de Narizinho", "O Marquez de Rábicó" e "O pequeno bandeirante", por Monteiro Lobato; "Contos", por Godofredo Rangel; "Notas de um estudante", por João Ribeiro; "Livro de Contos", por Armando Caiuby; "Jardim das Confidências", de Ribeiro Couto; "Homens de Letras", por Arthur Motta; "País de Ouro e Esmeraldas", por J. A. Nogueira; "Scenas e paisagens da minha terra", por Cornelio Pires; "Figurões vistos de perto", por João Paulista; "Brasil com s ou com z", por Assis Cintra, e "A nova lei do sello", por Gurgel. Estas obras representarão uma tiragem total de 48.000 exemplares, que somados aos 59.000 exemplares já apparecidos neste anno darão um total de 107.000 exemplares.

Edições da Casa Editora "O Livro": — "Piraquaras", contos, por Oliveira e Souza; "Visões do Sertão", pelo visconde de Taunay; "A Casa Verde", por Julia Lopes de Almeida e Filinho de Almeida; "Lendas e tradições brasileiras", (2.^a edição), por Affonso Arinos; "Machado de Assis", por Alfredo Pujol (2.^a edição); "Maria Rosa" e "O Arpoador", por Xavier Marques; "A vida nova de Cinderela" (novella), por Magalhães de Azeredo; "Urzes" (versos), reedição, por Amadeu Amaral; "Rosas" (versos), por Belmiro Braga; "Juca Mulato" (3.^a edição) e "Os tres reinos", por Menotti del Picchia, além de outras.

Edições da Sociedade Editora Olegario Ribeiro: — "Ritinha", (novella) e "Miss Elkins", (novella), por Léo Vaz; "Mula sem cabeça" (novella), por Gustavo Barroso; "Manhã" (versos), por Graccho Silveira; "Das sociedades por quotas" (2.^a edição, muito augmentada), por Waldemar Ferreira; "O Codigo Commercial Brasileiro tal como está actualmente em vigor", além de outras.

Edições da Companhia Melhoramentos: — "Historia da Civilisação", por Oliveira Lima; "D. Pedro e o grito da Independencia", "Questões de portuguez" e "José

Bonifacio", por Assis Cintra; "Estradas", por Assis Martins; "Prosa Leve", por Gustavo Penna; "Ouro sobre azul", pelo Visconde de Taunay, além de mais 17 obras.

Edições da Livraria Magalhães: — "O Selvagem", reedição e "Vocabulario Guarany", pelo general Couto de Magalhães, além de outras.

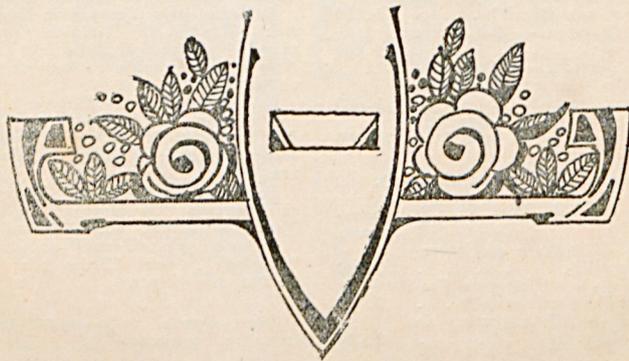
Os srs. Duprat & Cia., Saraiva & Comp., Teixeira & Comp. e a Empresa Editora "Chacaras e Quintaes", annunciam para breve, englobadamente, cerca de trinta obras, sendo algumas reedições.

Pelo seu alcance, merece registro especial, o proximo apparecimento d'"A Novella Semanal", interessante publicação da qual já demos noticia e que se propõe resolver no paiz o problema do livro bom e barato, accessivel a todos e destinado a vender-se a 400 réis o exemplar. Esta iniciativa pertence á Sociedade Editora Olegario Ribeiro. E ha ainda a notar que "A Novella Semanal" vae apparecer impressa em papel nacional, fabricado em S. Paulo, e composta com typos tambem fabricados em S. Paulo.

Como já fizemos ver, alguns dos editores que nos forneceram dados (poucos, apenas uns quatro) não se promptificaram a provar a veracidade dos mesmos. Isso poderá diminuir de uns dez por cento o volume da produção livreira, que ficou registrado.

Convém lembrar, porém, que essa redução, de facto, pode deixar de se supor, devido a ser compensada pelos pequenos editores ou casioneas, cujo numero, tomando-se todo o Estado, talvez contrabalance o exaggero notado. Basta reflectir, para dar todo o relevo a esta ponderação, que se fazem de quando em quando edições em Santos, Campinas e até em cidades menores, como Ribeirão Preto, S. Carlos, Piracicaba, Jahu, Sorocaba, etc. Em Campinas por exemplo, a livraria Genoud tem teito dezenas de edições de livros infantis, escolares e para adultos.

0)S-lé..R (J-Gz.b





NOTAS DO EXTERIOR

PREMIO GONCOURT

Embora seja modesto o premio annual de literatura que distribue a Academia dos Dez, fundada por Edmond Goncourt, — 5.000 francos ou cerca de 2:500\$000, — não ha duvida que domina em importancia outros mais quantiosos, ou distribuidos por Associações literarias mais qualificadas, como por exemplo a Academia Franceza. A razão disto é que o premio não é distribuido ao melhor livro do anno, senão a bom livro de escriptor ainda não consagrado por qualquer notoriedade. O premio Goncourt é uma iniciação á gloria. Dahi o seu valor para os autores novos, dahi a indicação que elle é para os appetites literarios que o buscam por pábulo a novidade. Se nem sempre essa gloria péga, de facto, muitas vezes, os successos ulteriores confirmaram a previsão e o bom gosto dos Dez. Senão vejam:

- 1903 J. A. NAU — *Force Ennemie.*
- 1904 LÉON FRAPIÉ — *La Maternelle.*
- 1905 CLAUDE FARRÈRE — *Les Civilisés.*
- 1906 J. E J. THARAUD — *Dingley, l'illustre écrivain.*
- 1907 EMILE MOSELLY — *Terres Loraines.*
- 1908 F. DE MIOMANDRE — *Écrit sur l'eau.*
- 1909 M. A. LEBLOND — *En France.*
- 1910 LOUIS PERGAUD — *De Goupil a Margot.*
- 1911 A. DE CHATEAUBRIANT — *Monsieur des Lourdines.*
- 1912 ANDRÉ SAVIGNON — *Les filles de la pluie.*
- 1913 MARC ELDER — *Le peuple de la mer.*
- 1914 RENÉ BENJAMIN — *Gaspard.*
- 1915 HENRY BARBUSSE — *Le Feu.*
- 1916 ADRIEN BERTRAND — *L'appel du sol.*
- 1917 HENRY MALHERBE — *La flamme au poing.*
- 1918 GEORGES DUHAMEL — *Civilisation.*
- 1919 MARCEL PROUST — *A l'ombre des jeunes filles en fleurs.*
- 1920 ERNEST PÉROCHON — *Nêne.*

ESTATISTICA LITERARIA

O *Publishers Circuler and Book sellers Record*, no seu primeiro numero deste anno, publica a estatística dos livros apparecidos em 1920 no Reino Unido de Inglaterra, Escossia e Irlanda. Attingem o numero de 11.004, tendo havido augmento de 2.382 sobre a producção de 1919, approximando-se do algarismo maximo até agora, de 1913, que chegou a 12.379.

Não possuímos estatística; mas, se contarmos todos os nossos livros de versos e de contos, certamente que a Gran Bretanha se ha de, como a Europa, curvar-se ante o Brasil. Entretanto não é isso o que domina nas letras britannicas: livros de sciencia, de viagens, de historia, de poesia pouco augmentaram: são os romances que vêm na frente e só elles concorreram com 1.529 sobre os do anno precedente. Assim como em França e no Brasil as mulheres dansam, as inglesas, de certa sociedade, fazem romances. Cada numero de revista britannica traz cinco ou seis, uns em começo, outros em terminação. Dizia-se outrora que, mal um sujeito dava por terminados os seus estudos, fazia uma tragedia; hoje na Inglaterra com o vestido comprido, digo mais curto, coincide um romance; no Brasil ao sair da escola primaria um livro de versos, com ou sem poesia, quasi sempre sem, não importa, augmentam a estatística e movimentam as artes graphicas.

DOSTOIEWSKY PINTADO POR SUA FILHA

E' provavel que em vista das condições anormaes da Russia, a celebração do centenario do nascimento de Dostoiewsky, a 30 de outubro deste anno, passará quasi despercebida. A mais notavel publicação assignada sobre o illustre escriptor russo, é devida a sua filha, que, tendo escripto em francez uma biographia do autor do "Crime e Castigo", ha pouco a fez traduzir para o allemão, publicando-a em Zurich.

Esta "Vida de Dostoiewsky" não nos diz grande coisa, mas, emfim, sempre merece ser referida. A figura de Dostoiewsky, que tanto resalta da sua "Correspondencia", não adquire novo relevo com este livro. De resto, a auctora tinha apenas 12 annos quando o pae morreu, e bem poucas recordações ha de conservar do escriptor. Não obstante, a senhorita Dostoiewsky recorda que o pae gostava muito de "bombons", fumava cigarros innumerados, e abusava do chá e café fortissimos. Dostoiewsky trabalhava sómente noite alta, e, acabado o seu trabalho, costumava adormecer num divan até ás 11 da manhan. Para que o seu somno não fosse perturbado, em casa só se ardava de manhan nos bicos dos pés. São curiosas estas revelações da distração do escriptor, que uma vez dera esmola a sua mulher, a qual por brincadeira lhe estendeu a mão na rua, certa de que não seria reconhecida. Mas a parte mais nova e importante do livro é a que se refere á vida sentimental de Dostoiewsky. Segundo parece, a verdadeira mocidade do grande romancista começou quando elle já beirava os quarenta annos. No singular período que precede o seu segundo matrimonio, tres mulheres occuparam a sua vida. A primeira, elle a conheceu quando sahiu da prisão, na Siberia. Era ainda casada, mas, morto o marido, contrahiu novas nupcias com Dostoiewsky. Era mais velha do que o escriptor, e enganava-o abominavelmente, antes e depois do casamento. Acabaram por separar-se, morrendo ella tysica. Veiu depois Paulina N., estudante russa, com a qual Dostoiewsky tinha casado, e que lhe deu tambem amargas desillusões. Paulina combinára uma viagem a Paris, com o escriptor, e partiu antes d'elle. Lá, esqueceu logo Dostoiewsky, ligando-se a um francez. Reataram depois as relações, mas apesar do seu desejo de casamento, e embora já tivesse morrido a esposa, Dostoiewsky não pôde se casar com Paulina, da qual se separou definitivamente pouco depois do apparecimento do "Crime e Castigo".

O terceiro romance de Dostoiewsky não foi além dos limites de uma amizade litteraria, embora Dostoiewsky houvesse tambem pretendido o casamento.

De todas essas mulheres se encontram influxos e traços na obra do grande escriptor russo.

Declaradamente adverso a Turghenief, no qual via o prototypo do russo cosmopolita, elle admirava muito a arte de Tolstoi, embora não lhe reconhecesse as qualidades de propheta nem de genio. De resto, os dois não eram feitos para se entenderem bem, sendo, ao contrario, de temperamentos artisticos oppostos. Tolstoi é, em substancia, um classico, um grande pintor da humanidade media, instinctivamente avesso ao anormal, ao inquietante, ao mysterioso. E' este, entretanto, o dominio de Dos-



toiewsky: todos os seus personagens são desequilibrados, nos seus livros tudo gira num turbilhão de catastrophe. Elle escolhe propositadamente os assumptos mais tragicos, como sendo os mais proprios a revelarem o fundo das almas e os abyssos da vida. "O que se considera como fantastico e excepcional, diz elle proprio, forma para mim, ás vezes, o essencial da realidade".

VERHAEREN

A 17 de dezembro commemorou-se em Paris o anniversario da morte de E. Verhaeren, realisando-se uma festa de poesia e musica, que foi presidida pelo rej da Belgica.

O sr. André Gide fez uma conferencia sobre a obra poetica de Verhaeren.

HOMENAGENS A VERLAINE

A dez do mez passado os amigos de Verlaine se reuniram em torno ao busto do poeta, no museu de Luxemburg, em Paris, afim de commemorar o seu anniversario. Estiveram presentes Fernando Gregh, Gustavo Kahn, E. Gaubert, Han Ryner, sras. Rachilde e Colette, Alfredo Valette, Trimouillat, Lenormand, André Billy, R. Clauzel, F. Herold, A. Fontainas, C. Guerine, André Rouveyre, André Rosnano, e Saint-Georges de Bouhelier. Não compareceu Paul Fort, que succede a Verlaine.

F. Gregh recordou em discurso a vida do poeta. Foi recitado um poema de G. Kahn e dpositada uma palma sobre a herma.

COMMEMORAÇÃO DE BOSSUET

A 8 de junho do corrente anno, a cidade de Dijon, e com ella a Academia Franceza promoverão uma homenagem a Bossuet, transportando da cathedral de São Benigno, onde está provisoriamente, para a praça publica, a estatua do grande orador sacro, executada pelo esculptor Gasq.

A Academia Franceza patrocinará as festas, que coincidem com o 250.º anniversario da recepção do bispo de Condom no Cenaculo, para onde entrou a 8 de junho de 1671, na vaga de Du Chastelet.

Para explicar essa excepção, que a Academia abre em favor de sua memoria, bastaria a gloria do orador, se não fosse extraordinario o papel do academico. Ninguem, de facto, se devotou mais que Bossuet á fixação e purificação da lingua franceza. Foi um dos principaes fundadores, senão o principal, da orthographia do seu idioma.

A ESCOLA SALUBRE

O que se vae ler são notas extrahidas de um artigo de F. A. Collins na "American Review of Reviews":

Um forte movimento se verifica na America do Norte, com o fim de se tornarem as escolas mais hygienicas. Do grande exercito de escolares existentes, mais de metade soffre doencas contrahidas nas saulas de aulas.

Mais de 250.000 collegios dos Estados Unidos devem ser inteiramente modificados. Elles são a causa directa das epidemias de coqueluche, de defluxões, e de sarampo. As escolas dos campos são ainda menos salubres que os collegios das cidades. A mortalidade escolar é maior nas escolas das villas do que nas de Nova York, onde, no entanto, as prescripções hygienicas estão longe de ser observadas. Vinte alumnos em cem estão atacados de molestias de olhos, e cinco por cento soffrem de atrophia pulmonar, isto é, ameaça de tuberculose.



Congressos recentemente organizados resolveram dar um fim a este lamentavel estado de coisas, e o cuidado com que estabeleceram os projectos dá esperanças de uma grande melhoria na construcção e na montagem das escolas.

Varias experiencias foram feitas a respeito da luz necessaria. As janellas ficarão dispostas de tal modo que os olhos não se fatigarão nem por uma luz demasiadamente viva, nem por uma semi-obscuridade não menos perigosa.

As carteiras não serão mais envernizadas, porquanto se torna muito fatigante para a vista o reflexo da luz nas tabuas polidas. As paredes serão pintadas de branco ou verde-mar. E nenhuma arvore haverá na frente das janellas. Grandes tinas com agua serão postas nas salas, afim de que o ar não fique muito secco, no estio. Cada alumno terá a sua carteira separada, sendo que o encosto da mesma poderá ser erguido duas vezes por anno, de accordo com o crescimento daquelle. O pateo do recreio deverá ser bem cuidado, passando por constante irrigação para evitar a poeira.

Espera-se assim que, com todas estas reformas, a hygiene nas escolas se torne perfeita, e que os escolares venham a ser homens fortes, gosando optima saude.

A EDUCAÇÃO UTILITARIA

Resumo de um artigo de A. Cousinet, na "Revue Pédagogique":

Parece que toda educação deve abranger uma condição dupla: ser utilisavel para aquelle a quem se dá, e ser tal que a consciencia de sua utilidade se torne facilmente comprehensivel. Nosso actual ensino primario, tal como é encarado, não é utilitario. Seu fim não é tirar das varias materias abrangidas por elle tudo o que é possível saber-se, mas, unicamente, aprender bem, em cada uma dellas, aquillo que, de fórma alguma, se deve ignorar. Sobre isto apparecem tres grandes inconvenientes principaes:

1.º) Quem poderá dizer o que de fórma alguma se deve ignorar?

2.º) Ministrando, deste modo, ás crianças, conhecimentos dos quaes não farão uso senão muito mais tarde, não é sómente mostrar demasiada confiança a respeito da conservação desses conhecimentos — illusoria confiança — mas tambem arriscar-se a não tirar nenhum proveito do seu resultado, devido ás falhas intellectuaes que possa ter a criança, devido ao grau de sua atenção e a fórma particular de seu espirito.

3.º) O maior inconveniente dos programmas primarios é o seu *desmembramento*; os ensinamentos são isolados uns dos outros. Consequencia: não podendo desenvolver-se amplamente, elles se encham de lacunas, formando um conjuncto desequilibrado de mediocre proveito utilitario.

Para evitar esse desmembramento encontram-se recursos no methodo norte-americano dos *centros de atenção*, que reúne os ensinamentos de um certo periodo em redor de algumas idéas fundamentaes ou centros de atenção, que se encontram no raio de observação das crianças.

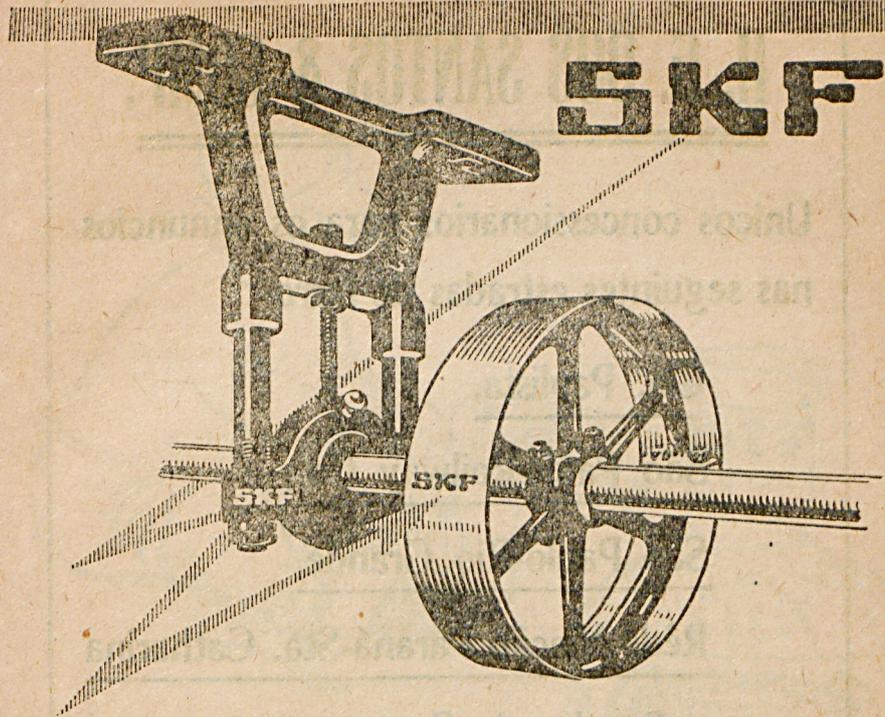
Mas estes centros são escolhidos de uma maneira arbitraria. Elles são organizados de accordo com os objectos e não pela unidade de methodo.

E' pelo interior que se deve unil-os; é o que em 1897 o pedagogo John Dewey tentou fazer numa escola elemental de Chicago. Elle considera a leitura, a escripta e o calculo não como resultados completos, mas como instrumentos para adquirir o conhecimento.

O ensino essencial de sua escola consistia num systema de trabalho: trabalho manual em madeira, cosinha, tecido, organizados de maneira tal que as crianças sentem necessidade de adquirir, como accessorios desses trabalhos, os taes conhecimentos formaes.

Parece-me necessaria a adopção do principio de Dewey que é o de localizar-se no centro do ensino um trabalho, um trabalho realmente executado pelos alumnos, servindo de auxilio ao ensino completo. Se não se transformarem radicalmente nossas escolas, este trabalho central não pôde ser senão o ensino scientifico, pois, sendo a





TRANSMISSÃO MODELO, MONTADA SOBRE
PULIAS, CADEIRAS E MANCAES DE ESPHERAS

AUTO-COMPENSADORES **SKF**

ELIMINAM O ATTRITO, REDUZINDO DE MUITO
SUAS DESPEZAS DE ENERGIA E LUBRIFICANTES.

Companhia SKF do Brazil

RIO DE JANEIRO — 141, Rua da Quitanda — Caixa, 1452

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo





A "SUL AMERICA"

A maior companhia nacional de seguros de vida,
com 25 annos de operações progressivas no Brasil
e no estrangeiro.

Capital 50.000:000\$000

Sinistros pagos mais de 72.000:000\$000

A "SUL AMERICA" TEM AS
TABELLAS MODICAS, COM
TODAS AS GARANTIAS E PA-
GA UMA PENSÃO ANNUAL
DE 10 o|o SOBRE O VALOR DO
SEGURO, NO CASO DE INCA-
PACIDADE POR ACCIDENTE,
COM ISEMPÇÃO DOS PAGA-
MENTOS DOS PREMIOS. —

Informações e prospectos:

LELLIS VIEIRA,

INSPECTOR

Avenida Hygienopolis, 35
SÃO PAULO



WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

| | |
|---------------------------------------|----------------------------|
| Alliance Assurance Co. Ltd., Londres | Seguros contra fogo |
| J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . | Cimento |
| Wm. Pearson Ltd., Hull | Creolina |
| T. B. Ford Ltd., Loudwater | Mataborrão |
| Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . | Chá da India |
| Read Bros. Ltd., Londres | Cerveja Guinness |
| Andrew Usher & Co., Edinburg . . . | Whisky |
| J. Bollinger, Ay Champagne | Champagne |
| Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne. | Tintas preparadas |
| Major & Co. Ltd., Hull | Preservativo de Madeiras |
| Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . | Dynamite |
| Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . . | Gesso estuque |
| P. Virabian & Cie., Marselha | Ladrilhos |
| Platt & Washburn, Nova York | Oleos lubrificantes |
| Horace T. Potts & Co., Philadelphia . | Ferro em barra e em chapas |

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZUL-
ALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



Edições da "Revista do Brasil"

| | Broc. | Enc. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------|
| URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. ^a edição | 4\$000 | 5\$000 |
| URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , edição popular | 2\$000 | — |
| CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a edição | 4\$000 | 5\$000 |
| IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a ed. | 4\$000 | 5\$000 |
| NEGRINHA, novos contos de <i>Monteiro Lobato</i> | 2\$500 | 3\$500 |
| A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> , com 60 desenhos a tres côres de Voltolino; lindo volume cartonado, formato grande | — | 3\$500 |
| POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, o melhor trabalho de sociologia brasileira apparecido até hoje, por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> | 10\$000 | 12\$000 |
| PROFESSOR JEREMIAS, notabilissimo romance de <i>Léo Vaz</i> , 3. ^a edição | 4\$000 | 5\$000 |
| VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> | 2\$000 | — |
| LIVRO DE HORAS SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> , luxuosa edição | 5\$000 | — |
| ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 6. ^o milheiro | 3\$000 | 4\$000 |
| DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> | 4\$000 | 5\$000 |
| MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> | 4\$000 | — |
| BRASIL COM S ou com Z, por <i>F. Assis Cintra</i> | 3\$000 | — |
| VIDA OCIOSA, genial romance da vida mineira, por <i>Godofredo Rangel</i> | 4\$000 | 5\$000 |
| OS CABOCLOS, contos dialectaes paulistas, com um extenso vocabulario, por <i>Valdomiro Silveira</i> | 4\$000 | 5\$000 |
| HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, cntos historicos por <i>Viriato Corrêa</i> | 3\$500 | 4\$500 |
| O MYSTERIO, romance policial por <i>Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Viriato Corrêa</i> | 4\$000 | 5\$000 |
| ESPHINGES, o grande livro de versos de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira de todos os tempos | 4\$000 | 5\$000 |
| CASA DE MARIBONDOS, contos nortistas por <i>João do Norte</i> | 3\$000 | 4\$000 |
| SCENAS E PAIZAGENS DA MINHA TERRA, por <i>Cornelio Pires</i> , versos da musa caipira | 4\$000 | 5\$000 |
| PAIZ DE OURO E ESMERALDA, o romance da raça futura, por <i>J. A. Nogueira</i> | 4\$000 | 5\$000 |
| ANNAES EUGENIA, organizados pelo dr. <i>Renato Kehl</i> | 8\$000 | — |
| SEM CRIME, romance por <i>Papi Junior</i> | 5\$000 | — |
| Vôo NUPCIAL, romance por <i>Albertino Moreira</i> | 3\$000 | — |

LIVROS A' VENDA

| | |
|-----------------------------------------------------------------------|--------|
| AMADEU AMARAL, discurso academico | 2\$000 |
| BUCOLICA, versos de <i>Canto e Mello</i> | 1\$000 |
| MANA SILVERIA, romance, de <i>Canto e Mello</i> | 4\$000 |
| ALMA EM DELIRIO, romance, de <i>Canto e Mello</i> | 4\$000 |
| RELIQUIAS DA MEMORIA, romance, de <i>Canto e Mello</i> | 4\$000 |
| JOSÉ BONIFACIO, trabalho historico por <i>Lellis Vieira</i> | 3\$000 |
| AMOR IMMORTAL, romance, <i>J. A. Nogueira</i> | 4\$000 |

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & COMP.

Editores, S. Paulo — Cx. 2 B. Rua Boa Vista, 52

Para o interior mais 10 % para porte

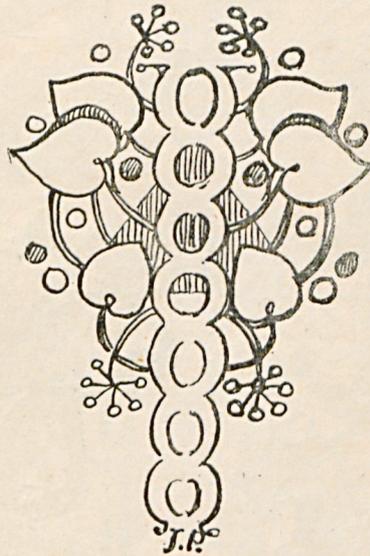


sciencia a *observação e a transformação das coisas*, corresponde de um modo perfeito á natureza do espirito da criança, quasi exclusivamente capaz, até a adolescencia, de *observação e de acção*.

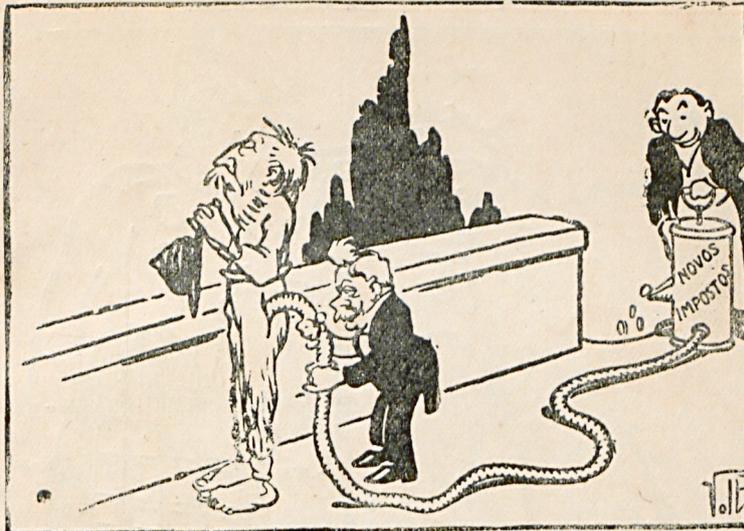
Dado este lugar ao ensino scientifico, considera-se, por conseguinte, substituido um programma que ainda não existe, formado sobre a successividade das attenções da criança e de accordo com as necessidades da vida social.

Um tal methodo de educação fará a criança sentir, embora ainda muito nova, a utilidade (por causa de sua interdependencia) de todas as partes do que se lhe ensina.

Ella é psychologica e por consequencia susceptivel de fazer ficar mais duravel no espirito da criança os conhecimentos, em cuja elaboração o alumno, ao mesmo tempo, tomará maior parte e porá mais attenção.



GECA E TIO PITA



Emquanto o Géca acompanha as façanhas de Edú, Tio Pita applica-lhe a ventosa.

VOLTOLINO (Estadinho).

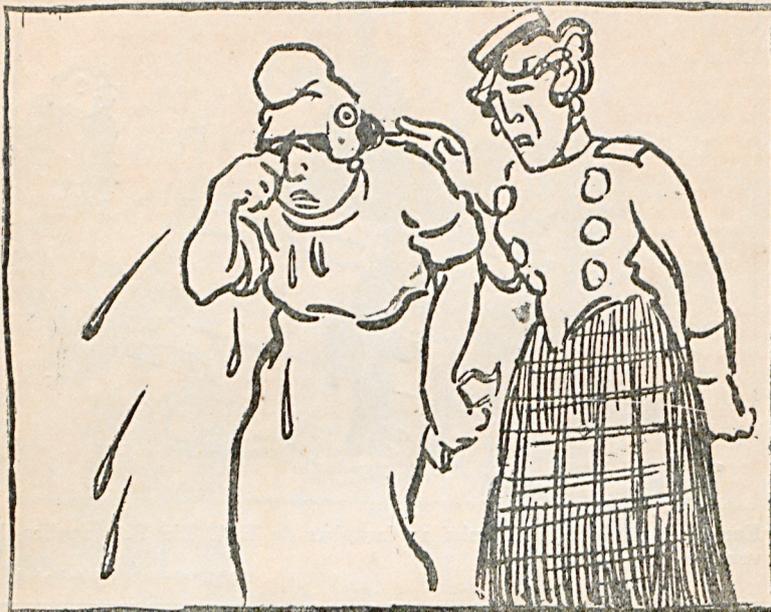
A VOLTA DO HERMES



Mira-te neste espelho, Epitacio.

VOLTOLINO (D. Quixote).

A DERROTA DE WRANGEL

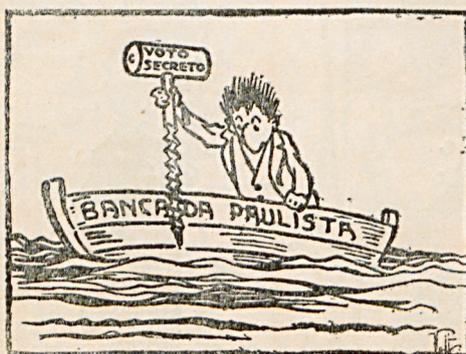


Inglaterra: — Choras a derrota de Wrangel?

França: — Choro os meus milhões perdidos...

VOLTOLINO (*Pasquino*).

O VOTO SECRETO



A bancada paulista recusa a verruma
que lhe ia furar a canôa.

(*Vida Paulista*).

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor litteratura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem, assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANÇE DE TODOS.

Aparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"E' no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú.

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

MULA SEM CABEÇA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livrarais. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

| | |
|---------------------------|---------|
| Série de 3 novellas . . . | 3\$500 |
| " " 6 " . . . | 7\$000 |
| " " 12 " . . . | 14\$000 |

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterá meteria equivalente á quarta parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades litterarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da litteratura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor litteratura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela escrupulosa escolha da materia se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro barattissimo. Cada numero será vendido ao preço excepcional de **400 réis**, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia. APPARECERA' TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simple

| | |
|-------------------------|---------|
| Trimestre | 5\$000 |
| Semestre | 10\$000 |
| Anno | 20\$000 |
| Numero avulso | 3400 |

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro

| | |
|-------------------------|---------|
| Trimestre | 8\$500 |
| Semestre | 17\$000 |
| Anno | 34\$000 |
| Numero avulso | 700 |

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

E' um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desapego, quando não o horror á leitura.

Narizinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500

LOTERIA DE S. PAULO

Em 8 de Abril

40:000\$000

Por 3\$600

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

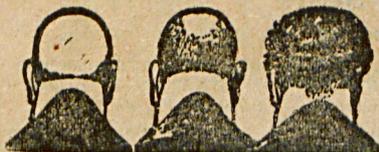
aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creangas, senhoras fracas e convalescentes é o Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni. Pelo phospho-calcio physiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo sulfoguaicol tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: Drogaria Giffoni RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCÖES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando Uroformina, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: Drogaria Giffoni, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

**BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE
DO SUL**

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Sede: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principais praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECCÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.
ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 735. RIO DE JANEIRO.

**ACABA DE APPARECER
SENHORA DE ENGENHO**

Romance de costumes pernambucanos

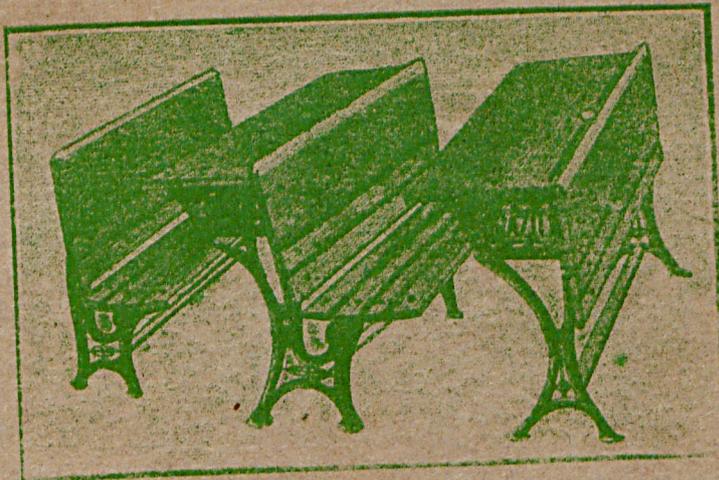
POR **MARIO SETTE**

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL",

PREÇO 5\$000 O VOLUME



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

NOS PROXIMOS NUMEROS:

A LITERATURA EM 1920 (retrospecto) — *Tristão de Athayde* (Rio). — O INTER-CAMBIO INTELLECTUAL DAS REPUBLICAS AMERICANAS, *Bras de Aranda* (S. Paulo). — A NOSSA EVOLUÇÃO, *Carlos de Lemos* (Paraná). — UMA FLORADA DE POETAS, *Amadeu Amaral* (S. Paulo). — VERSOS de *Magalhães de Azeredo* (Roma) — *Gustavo Teixeira* (S. Paulo) — *Pedro Saturnino* (Minas) — *Honorio Armond* (Minas).

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECCAO DE BENS DO ESTADO DE S. PAULO

